

Hermínia Jardim Gonçalves

Histórias de Receção Infantil e Desenvolvimento da Criança:  
Oportunidades e Evidências em Educação Pré-Escolar

**Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada**

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico**

Orientadora: Professora Doutora Ana Rita Leitão

Almada, julho de 2024

Hermínia Gonçalves

# **As Histórias de receção infantil e Desenvolvimento da Criança: Oportunidades e Evidências em Educação Pré-Escolar**

## **Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada**

### **Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico**

Apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (2º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho nº 1105/2010 (Diário da República, 2ª série - nº 10 - 15 de janeiro de 2010)

Orientadora: Professora Doutora Ana Rita Leitão

Almada, julho 2024

“Que os nossos esforços desafiem as impossibilidades. Lembrem-se que as grandes proezas da história foram conquistadas daquilo que parecia impossível”.

Charles Chaplin

## Agradecimentos

Ao concluir este trabalho, gostaria de expressar a minha profunda gratidão a todos os que, de alguma forma, me ajudaram e incentivaram a concluir este percurso de formação académica.

Aos professores que, com a sua sabedoria e paciência, guiaram o meu caminho académico, dedico o meu sincero reconhecimento. As suas orientações e conhecimentos partilhados foram fundamentais para o meu crescimento como pesquisadora, e por isso, estou imensamente grata.

Aos colegas que demonstraram amizade e apoio incondicional e que compartilharam esta jornada comigo, quero expressar a minha profunda gratidão. As suas palavras de incentivo e senso de comunhão foram um grande incentivo durante os momentos difíceis.

Além disso, não posso deixar de considerar todas as pessoas que, de maneira anónima, foram, ao longo deste percurso, um apoio decisivo. O seu apoio incondicional e encorajamento constante foram fundamentais nesta caminhada.

Este trabalho é o resultado coletivo do esforço coletivo de muitos e estou realmente grata por ter tido a honra de contar com esse apoio na minha caminhada.

Obrigada a todos por fazerem parte desta conquista.

## RESUMO

O presente relatório insere-se no âmbito da Prática de ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), cuja experiência em contexto real motivou o desenvolvimento de uma análise crítica reflexiva sobre o contributo das histórias de receção infantil no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. A temática escolhida é de suma importância, posto vários estudos reconhecerem o contributo das narrativas infantis na promoção de aquisições variadas, inclusivamente no plano cognitivo, além de os livros de receção infantil e o ato de contar as histórias de receção infantil motivarem a compreensão acerca do conhecimento do mundo, a promoção de valores morais e de contribuir positivamente para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos.

Perante este entendimento, empreendeu-se uma investigação tendo por base uma abordagem qualitativa, assente na observação no contexto de atividades desenvolvidas no âmbito da literatura para a infância, na aplicação de inquéritos por questionário junto de Encarregados de Educação (EE) de forma a compreender os contornos do envolvimento parental nesta matéria, na recolha de testemunhos de educadores, por meio de inquérito por entrevista e inquérito por questionário, de forma a apurar com maior detalhe que aspetos se evidenciam aquando da exploração de histórias, assim como a médio e longo prazo, seja em termos de promoção de hábitos de leitura, incremento nas várias dimensões do desenvolvimento linguístico, capacidade de compreensão e expressão orais. Foi orientada uma conversa individual com cada criança, com idades entre os 3 e os 5 anos, da sala Educação Pré-Escolar onde foi realizado o estágio, assim foi possível identificar as histórias preferidas das crianças.

Os resultados evidenciam existir uma perceção positiva relativamente aos efeitos das narrativas de receção infantil, reconhecendo tanto os docentes, como os EE que semelhantes narrativos desempenham um papel significativo na faixa etária dos 3 aos 5 anos. Os elementos apurados neste estudo, embora lidando com uma amostra reduzida, reforçam a importância de continuar a prever a exploração de histórias em contexto de

Educação Pré-Escolar atendendo a diferentes dimensões do desenvolvimento integral das crianças na faixa etária dos 3 aos 5 anos.

Palavras-chave: Histórias de receção infantil; Desenvolvimento da criança; Educação Pré-Escolar

## SUMMARY

This report falls within the scope of the Supervised teaching practice of the Master's in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education (CEB), whose experience in a real context motivated the development of a critical reflective analysis on the contribution of stories reception in the development of preschool children. The chosen theme is of paramount importance, as several studies recognize the contribution of children's narratives in promoting varied acquisitions, including on a cognitive level, in addition to children's reception books and the act of telling children's reception stories motivating understanding about the knowledge of the world, the promotion of moral values and to contribute positively to the development of attitudes and behaviors.

Given this understanding, an investigation was undertaken based on a qualitative approach, based on observation in the context of activities developed within the scope of children's literature, in the application of questionnaire surveys with Parents in Education (EE) in order to understand the contours of parental involvement in this matter, in the collection of testimonies from educators, through interview surveys and questionnaire surveys, in order to determine in greater detail which aspects are highlighted when exploring stories, as well as in the medium and long term, whether in terms of promoting reading habits, increasing the various dimensions of linguistic development, or ability to understand and express themselves. An individual conversation was held with each child, aged between 3 and 5, in the Pre-School Education room where the internship took place, so it was possible to identify the children's favorite stories.

The results show that there is a positive perception regarding the effects of children's reception narratives, with both teachers and EE recognizing that similar narratives play a significant role in the 3- to 5-year-old age group. The elements found in this study, although dealing with a small sample, reinforce the importance of continuing to explore the exploration of stories in the context of Pre-School Education, taking into account different dimensions of the integral development of children aged 3 to 5 years.

Keywords: Children's reception stories; Child development; Preschool Education

## Índice

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I - PRÁTICA PROFISSIONAL EM CONTEXTO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO E EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR.....	4
1. Contextualização da Prática Profissional .....	4
1.1. Princípios Orientadores .....	5
1.2. Ética e Deontologia Profissional .....	7
1.3. Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar .....	9
1.3.1. Caraterização da Instituição Cooperante de Educação Pré-Escolar .....	9
1.3.2. Caraterização da Sala de Educação Pré-Escolar .....	10
1.3.3. Caraterização do Grupo de Crianças em Educação Pré-Escolar .....	12
1.3.4. Metodologia da Educadora .....	15
1.4. Prática Supervisionada do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	17
1.4.1. Caraterização da Instituição Cooperante do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	18
1.4.2. Caraterização da Sala do Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico.....	19
1.4.3. Caraterização do Grupo de Crianças em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	20
1.4.4. Metodologia da Professora Cooperante.....	21
2. Desenvolvimento da Prática Profissional .....	23
2.1. Projeto de Intervenção em Educação Pré-Escolar.....	23
2.1.1. Justificação e Fundamentação da Planificação.....	24
2.1.2. Atividades e Estratégias de Implementação.....	26
2.1.3. Avaliação do Projeto de Intervenção em Educação Pré-Escolar .....	37
2.2. Projeto de Intervenção no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	37
2.2.1. Justificação e Fundamentação da Planificação no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	39
2.2.2. Atividades e Estratégias de Implementação no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	41
2.2.3. Avaliação do Projeto .....	49

PARTE II ESTUDO IMPÍRICO.....	50
3. Enquadramento Teórico .....	51
3.1. Iniciação à Educação Literária.....	51
3.2. A Importância das Histórias de Receção Infantil nas Crianças em Idade Pré- Escolar 56	
3.3. O Papel do/a Educador/a Face às Histórias de Receção Infantil .....	58
3.4. Família e a Promoção da Leitura .....	62
4. Apresentação do Estudo Realizado .....	64
4.1. Problemática e Objetivos de Investigação.....	64
4.2. Metodologia de Investigação.....	65
4.2.1. Instrumentos de Recolha de Dados.....	66
4.3. Análise e Discussão de Dados.....	71
4.3.1. Observação Direta .....	72
4.3.2. Conversa Orientada com as Crianças .....	76
4.3.3. Inquérito por Entrevista – Educadora de Infância .....	79
4.3.4. Inquérito por Questionário à Educadora (E2).....	81
4.3.5. Inquérito por Questionário à Educadora (E3).....	82
4.3.6. Inquérito por Questionário aos Encarregados de Educação .....	83
4.4. Conclusão do Estudo Empírico .....	87
Considerações Finais.....	92
Referências Bibliográficas .....	95
Webgrafia.....	103
Anexos.....	104
Anexo 1- Declaração de Autorização de Deposito no Repositório Comum .....	104
Anexo 2- Licença De Distribuição Não Inclusiva – Repositório Comum .....	105
Anexo 3 – Declaração De Finalização De Relatório De Prática De Ensino Supervisionada .....	106
Apêndices .....	107
Apêndice A – Planta da Sala Onde Ocorreu o Estágio em Educação Pré-Escolar.....	107
Apêndice B – Preferências do Grupo em Educação Pré-Escolar .....	108

Apêndice C – Planta da sala onde correu o estágio em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	109
Apêndice D – Alguns Livros da Sala de Educação Pré-Escolar .....	110
Apêndice E – Plano de Atividade nas Várias Fases do Estudo .....	111
Apêndice F – Plano de Atividades feito com a Turma do 2º Ano .....	113
Apêndice G – Inquérito por Questionário aos Encarregados de Educação .....	115
Apêndice H – Guião da Entrevista .....	117
Apêndice I – Respostas ao (IE) Inquérito por Entrevista à (E1) .....	119
Apêndice J - Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação .....	123
Apêndice K – Avaliação Geral das Crianças .....	124
Apêndice L – Respostas (IQ) Inquérito por Questionário à (E2) .....	125
Apêndice M – Respostas (IQ) Inquérito por Questionário à (E3) .....	128
Apêndice N - Resultados das Questões colocadas às Crianças .....	131
Apêndice O – Análise de Conteúdo Inquérito por Entrevista – Educadora .....	132
Apêndice P – (IQ) Inquérito por Questionário às (E2) e (E3) Inqueridas (2 e 3) .....	135
Apêndice Q – Respostas ao Inquérito por Questionário da (E2) .....	136
Apêndice R – Respostas ao Inquérito por Questionário da (E3) .....	138

## Índice de Ilustrações

Figura 1 - Caraterizando alguns animais.....	27
Figura 2 - Acompanhando o crescimento da sementeira.....	28
Figura 3 - atividade do livro das rimas.....	30
Figura 4 - Construções feitas pelos Encarregados de Educação.....	32
Figura 5 - Atividades feitas pelas famílias.....	34
Figura 6 - Atividades de expressão plástica.....	36
Figura 7 - Crianças e EE a contar histórias na sala de aula.....	44
Figura 8 - Partilha dos provérbios com algumas pessoas no bairro.....	47

## Índice de tabelas

Tabela 1 – Atividades da Sala de Educação Pré-Escolar .....	12
Tabela 2 – Designação dos Códigos Atribuídos aos dados Recolhidos.....	71
Tabela 3 - Avaliação das Atividades da Sala Educação Pré-Escolar .....	73

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Gosta de Ouvir Histórias .....	77
Gráfico 2 - Quem te Costuma Contar Histórias .....	77
Gráfico 3 - Quando Está Sozinho/a Lê Histórias .....	78
Gráfico 4 - O que a Criança Lê .....	78
Gráfico 5 - O Filho/a Pede Para contar Histórias .....	83
Gráfico 6 - Acha Importante ler Histórias Infantis ao seu filho/a .....	84
Gráfico 7 - Costuma ler Histórias ao Seu Filho/a .....	84
Gráfico 8 - Que Género de Livro Compra ao Seu Filho/a .....	85
Gráfico 9 - o Seu Filho/a Costuma Explorar Livros.....	85
Gráfico 10 - Que Géneros de Livros Explora .....	86
Gráfico 11 - Se Fosse Convidado a Participar em Alguma Atividade da Escola do Seu Filho/a.....	86

## Índice de Siglas

AE	Aprendizagens Essenciais
CEB	Ciclo do Ensino Básico
CNE	Conselho Nacional de Educação
EB	Ensino Básico
E1	Entrevistada 1
E2	Entrevistada 2
E3	Entrevistada 3
EE	Encarregado(s) de Educação
IQ	Inquérito por Entrevista
IPSS	Instituição Privada de Solidariedade Social
IQ	Inquérito por Questionário
Jl	Jardim de Infância
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
MEM	Movimento Escola Moderna
NSE	Necessidades de Saúde Especiais
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PASEO	Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória
PEA	Projeto Educativo do Agrupamento
PEE	Projeto Educativo de Escola
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PNL	Plano Nacional de Leitura
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação

## INTRODUÇÃO

A realização deste relatório final surge no âmbito académico, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada.

O presente relatório de final de mestrado representa o culminar de uma caminhada académica muito significativa no campo da Educação em Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Ao longo do percurso académico, os estágios realizados nessas duas vertentes foram fundamentais para a formação profissional, proporcionando vivenciar o dia a dia da sala de aula, aplicar em contextos práticos a base teórica adquirida no percurso académico e colaborar com profissionais experientes. Além de trabalhar ao lado de educadores e professores, interagir com as crianças - que foi o ponto alto das experiências realizadas -, o contacto com os responsáveis de educação foi importante, pois permitiu compreender melhor as necessidades individuais das crianças e a importância da parceria escola-família.

Ademais, estando as crianças no contexto de Educação Pré-Escolar numa fase crucial do seu desenvolvimento, têm necessidade de explorar, compreender a sua identidade, habilidades e relacionamentos com uma avidez intrínseca por aprender, explorar, manipular, descobrir e observar. Semelhante constatação leva, conseqüente e necessariamente o educador a ter de “perspetivar o processo educativo de forma integrada, tendo em conta que a criança constrói o seu desenvolvimento e aprendizagem, de forma articulada, em interação com os outros e com o meio” (OCEPE 2016 p. 22). De entre os recursos passíveis de serem utilizados, as histórias constituem uma possibilidade simultaneamente acessível e atraente para satisfazer essa sede de conhecimento. De resto, ao lidarem com diferentes histórias e narrativas, é ampliado o seu vocabulário e são aprimoradas as suas habilidades de comunicação. Ademais, como reiteram Jacqueline e Claude Held (1978, citado por Bastos, 1999) “uma literatura fantástica de qualidade deve poder permitir à criança sair do real quotidiano para

melhor o compreender, o controlar e o ultrapassar. Ela deve ser um dos meios que lhe dão sede de decifrar e inventar o mundo”. (p. 33)

Porém nesta era digital em que vivemos, com uma abundância de dispositivos eletrónicos e estímulos visuais, a leitura e o ato de contar histórias enfrentam o risco de serem secundarizadas. Importa por isso compreender mais a fundo o seu potencial relativamente ao desenvolvimento das crianças, de forma particular em idade pré-escolar (especificamente dos 3 aos 5 anos de idade), assumindo um carácter fundamental na estimulação da imaginação, da criatividade e das habilidades cognitivas.

Ao compreendermos o impacto transformador das narrativas, podemos proporcionar às crianças na idade Pré-Escolar um ambiente rico em estímulos literários, entre clássicos da literatura de receção infantil, narrativas da literatura tradicional e as propostas de autores aquém e além-fronteiras do Plano Nacional de Leitura (PNL).

Diante da importância das narrativas no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, este trabalho tem como objetivo explorar a perspetiva do adulto acerca dos benefícios dessas narrativas nas várias áreas curriculares, proporcionando e melhorando as capacidades de toda e qualquer criança. Assim, pretende-se aqui reunir e discutir criticamente evidências da influência positiva das narrativas nesta fase da infância, tanto na ótica de profissionais de educação de infância, como dos encarregados de educação. Perspetiva-se igualmente a triangulação de dados, cruzando a perspetiva destes com a opinião das crianças. Sendo reconhecidos os efeitos das histórias no desenvolvimento das crianças em contexto de Educação Pré-Escolar a nível cognitivo, emocional, social e linguístico, apostou-se em auscultar os referidos atores educativos, de forma a compreender até que ponto validam o seu recurso e reconhecem os benefícios da sua exploração.

Este relatório assume-se como um modesto contributo para esta importante reflexão, sendo que o estudo empírico apresentado decorre das motivações que emergiram a partir da prática profissional, e cujos resultados poderão favorecer a sensibilização de professores/educadores para a importância das narrativas na aquisição e desenvolvimento de competências e aprendizagens em Educação Pré-Escolar.

Em termos de organização, este relatório é composto por duas partes: - na primeira é apresentada a prática profissional em contexto de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, incluindo a contextualização e caracterização das entidades cooperantes envolvidas. Encerra esta primeira parte com o desenvolvimento da prática profissional e a problematização da questão/do tema a partir da prática.

Na segunda parte, é apresentado o estudo empírico, desde o seu enquadramento teórico, o enquadramento metodológico e a apresentação dos resultados obtidos, os quais são analisados e discutidos criticamente, seguindo-se um conjunto de considerações e balanço geral a partir do que é permitido apurar. Termina o relatório com as considerações finais, onde se procede a uma reflexão sobre o contributo do estágio para o desenvolvimento profissional da presente estagiária, assim como a algumas limitações vivenciadas e perspetivas de investigação futura.

## PARTE I - PRÁTICA PROFISSIONAL EM CONTEXTO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO E EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Sampaio (1996) salienta que “o futuro irá ser aquilo que nós fazemos nas aulas”. (p. 145) Efetivamente, tanto as experiências desenvolvidas no ensino 1º Ciclo do Ensino Básico, mas também ao nível da Educação Pré-Escolar são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Como tal, é fundamental habilitar os futuros professores e educadores com competências pedagógicas e práticas, para poderem enfrentar os desafios culturais e sociais da atualidade de forma consciente, ajustada e eficaz. Tal implica ainda uma necessária transformação pedagógica, como salientado por Arends (2008): “O desafio que se propõe aos professores do século XXI é que transformem as escolas e as abordagens de ensino”. (p. 7) Além disso, a evolução das tecnologias implica que os docentes estejam atualizados e sejam capazes de integrar as novas ferramentas pedagogicamente e de forma eficaz. Como as OCEPE (2016) reforçam, “as crianças contactam com instrumentos e técnicas complexos e têm acesso, através dos media e das tecnologias digitais, a saberes sobre realidades mais distantes, que também fazem parte do seu mundo, e de que, gradualmente, se vão apercebendo e apropriando “. (p. 85)

### 1. Contextualização da Prática Profissional

Antes de mais, começemos por situar a Prática de Ensino Supervisionada (PES). O estágio de 1º Ciclo do Ensino Básico decorreu num Agrupamento Escolar de Setúbal, numa turma de 2º ano, com início no dia 10 de outubro de 2022 e terminando no dia 23 de janeiro de 2023 perfazendo um total de 300 horas.

Em relação ao estágio em contexto de Educação Pré-Escolar, realizou-se numa IPSS, numa das salas de Pré-Escolar da sua valência de Jardim de Infância. Este tempo de formação e de prática pedagógica teve início no dia 6 de fevereiro de 2023 e terminou no dia 19 de maio de 2023 com o total de 326 horas.

De referir que o Concelho de Setúbal está a cerca de 40 quilómetros de Lisboa e abrange um conjunto de cinco freguesias, urbanas e rurais, sendo que as duas práticas

supervisionadas decorreram em meio urbano. Mais adiante serão apresentados mais detalhes a respeito do enquadramento destas PES, assim como do que foi desenvolvido pela estagiária em termos pedagógicos.

### 1.1. Princípios Orientadores

Considerando a vida moral e a reflexão ética como duas dimensões inseparáveis, existem como princípios orientadores: contribuir para o desenvolvimento moral das crianças, a nível dos valores do respeito, da liberdade e da responsabilidade; ser um complemento de apoio à família na garantia do direito à educação; apostar na formação não apenas académica, mas também contribuir para a formação pessoal e social dos alunos numa perspetiva holística; participar e corresponsabilizar as famílias, envolvendo-as no processo educativo; contribuir ativamente para a definição e implementação do Projeto Educativo de Escola. (Projeto Educativo, 2019/2023)

É ainda relevante o professor promover, a par de outras importantes aquisições, o desenvolvimento sócio-emocional dos alunos, explorar estratégias de ensino-aprendizagem que potenciem o seu potencial e envolvê-los em atividades lúdicas e criativas. Além disso é essencial estabelecer uma cooperação ativa com os pais/EE para melhor atender às necessidades das crianças, envolvendo-os deste modo no processo educativo.

Por seu turno, é importante o profissional olhar para cada criança como um ser único, respeitar as suas características e ritmos, adaptando a prática de ensino às necessidades individuais de cada uma. É igualmente fundamental o educador encorajar a participação ativa das crianças no processo ensino-aprendizagem, promovendo deste modo a sua autonomia e capacidade de tomar decisões, procurando assim estar alinhado com as orientações nacionais e internacionais. Recorde-se as recomendações do Conselho Nacional de Educação (CNE) (2021) a este respeito, esclarecendo entender “por voz das crianças e dos jovens na Educação Pré-Escolar a possibilidade e o direito das crianças e dos jovens terem oportunidade de exprimir as suas ideias e opiniões ao longo de todo o processo de estudo”. (p. 75) De igual modo o Manual Europeu sobre a participação das crianças (2020) enfatiza que “as crianças têm direito a que a sua opinião seja tida em

conta em assuntos individuais como, por exemplo, em escolas ou serviços de apoio social”. (p. 16)

Neste sentido, é importante que, também na prática supervisionada, se promova a criação de ambientes e situações que potenciem e valorizem a curiosidade e até a emergência de uma atitude investigativa, dando margem a que as crianças se possam expressar, aventurar-se na construção de conhecimento e sugerir a abordagem de temas do seu interesse. Ainda no quadro das recomendações do Conselho Nacional de Educação (CNE) (2021), sublinha-se precisamente que “os professores possam transformar as suas práticas, para envolverem os alunos na aprendizagem e criarem ambientes de aprendizagem baseados no diálogo e no intercâmbio pedagógico entre os alunos”. (p. 77)

Relativamente à transição da Educação do Pré-Escolar para o Ensino do 1º CEB, é muito importante que os educadores e professores estabeleçam contacto entre os dois níveis de ensino, garantindo abordagens pedagógicas adequadas a cada fase do desenvolvimento e conheçam o alcance das aprendizagens que são desenvolvidas para que as crianças possam fazer a transição de maneira positiva, segura e sejam compreendidas a respeito das suas necessidades, desempenho e interesse. É importante recordar Adragão et Reis (1990), quando enfatizam que “o professor deve ter presente que o falante, seu aluno, só é livre na criação até ao momento em que essa liberdade não seja impedida da comunicação com o outro. (p. 86)

Os princípios orientadores no Ensino do 1º CEB e na Educação Pré-Escolar são fundamentais para o desenvolvimento educacional das crianças nesta faixa etária, garantindo deste modo uma educação de qualidade. Porém a ação docente não se esgota no sucesso de aprendizagens estritamente académicas, posto que também importa contribuir para um salutar desenvolvimento emocional dos alunos, nomeadamente atendendo ao clima de sala de aula, à exploração de estratégias de aprendizagens de pendor lúdico, assim como apelando à criatividade e que impliquem cooperação entre pares, esta última com efeitos significativos no desenvolvimento de competências sociais (Lopes & Silva 2022) e de interação comunicativa de qualidade. Cumpre ainda evidenciar a crucialidade de um envolvimento ativo das Famílias/EE para

melhor atender as necessidades das crianças e contribuírem, de forma direta e indireta, para o sucesso das aprendizagens dos seus educandos, além de se estreitarem os laços entre Escola-Família.

## 1.2. Ética e Deontologia Profissional

Recorde-se antes de mais a essência destas áreas: por um lado, a deontologia profissional define-se como um conjunto de regras que ajudam a agir de maneira correta e responsável. A ética, por seu turno, reporta-se “a princípios universais mais abstratos, enquanto a moral se refere às normas mais concretas, muitas vezes expressas em códigos”. (Cunha 1996, p. 18) Segundo Maia (2011), “a ética tratará dos princípios que conduzirão à opção pelos melhores valores”. (p. 18)

No campo da educação, é plenamente assumido que as aprendizagens proporcionadas em contexto de Educação Pré-Escolar e Ensino 1º Ciclo são fundamentais para o desenvolvimento humano e social, indo muito além do conhecimento. Com efeito, proporciona-se igualmente a consolidação de valores éticos fundamentais como o respeito, a honestidade e a responsabilidade, como parte da sua formação geral.

A este nível, recordamos a experiência de estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico, onde foi possível a construção e interação respeitosa e positiva com a Professora Cooperante, como com os restantes professores das outras turmas. Nesta linha, evocamos Nóvoa (1992), o qual reforça a ideia de que “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa, quando exercemos o ensino. Deste modo, as atitudes pessoais do professor, estão na interface entre a transmissão do conhecimento, das destrezas e dos valores”. (p. 15)

Ao explorar a contextualização da prática profissional, no Ensino do 1º Ciclo como na Educação Pré-Escolar, reconhece-se nela a importância e oportunidade na construção de alicerces sólidos para os futuros desafios em educação. Ao compreender a relevância da contextualização, permite-se investir na busca de aperfeiçoamento do processo educacional, alinhando-o com as necessidades e desafios presentes diante do grupo, na relação entre pares e instituição, assim como na interação famílias e comunidade.

É de referir que, durante a prática pedagógica em Ensino do 1º Ciclo e também no Jardim de Infância, foi possível observar e vivenciar uma série de princípios e valores éticos, desde logo na relação com todos os docentes, desenvolvendo valores de conhecimento, de cooperação, equidade, cidadania participativa e responsável, Inclusão e solidariedade. De acordo com Caride (2000), “trata-se de valores que fazem referência à liberdade, à solidariedade, à justiça, à tolerância, à paz, à igualdade, ao diálogo, à autonomia, à democracia, à diversidade, como suportes de um compromisso ético com a construção de comunidades educativas plurais”. (p. 207) Produzem, naturalmente, efeitos benéficos no indivíduo em prática profissional, constituindo poderosos modelos de atuação profissional e educativa e valioso suporte para o desenvolvimento de competências.

Para este quadro, concorreu ainda o facto de a própria instituição acalentar na sua missão o desejo de assegurar uma educação de qualidade, promovendo o sucesso educativo dos alunos e assumindo o compromisso com a sua formação integral, de modo a garantir-lhes a prossecução dos estudos e a vivência de uma cidadania responsável e participativa. A respeito do posicionamento das instituições na formação ética e cidadã dos indivíduos, Marques diz que:

Aproveitar as potencialidades educativas da escola, tornando-a num espaço onde se vive, se aprende a viver e se prepara para a vida é não só uma necessidade, mas também uma exigência, numa época onde a incerteza e a complexidade das decisões originam uma desorientação geral e uma ausência de referenciais éticos. (Marques, 1995, p. 8)

A ética em contexto de Educação Pré-Escolar não é menos valiosa, pelo contrário. Cumpre que o/a educador/a de infância esteja ciente de que a sua atuação deve ser igualmente fundamentada em princípios sólidos que promovam o bem-estar, o desenvolvimento saudável e o respeito pelas crianças, assim como pelos adultos da instituição. Constitui algo a ser demonstrado em todas as suas tomadas de decisão e opções de intervenção junto do grupo e em pleno respeito pela individualidade de cada criança. Recordemos Ricou (2014): “o fulcro central do papel da ética será: promover o bem da pessoa potenciando os resultados das relações interpessoais, pelo que poderá

afirmar-se que a ética será a ciência da relação”. (p. 34) Importa, como tal, que o comportamento do adulto – seja ele cuidador ou profissional de educação - seja orientado para o correto e justo.

O/a educador/a de infância deve, portanto, considerar e respeitar as diferenças individuais de cada criança, incluindo as suas necessidades, interesses e ritmos de desenvolvimento. Além disso, de acordo com a patente na Lei de Bases do Sistema Educativo no Cap. II, Secção I, artigo 5º, alínea d), relativamente à Educação Pré-escolar, menciona-se como um dos objetivos a necessidade de desenvolver a formação moral da criança e o sentido de responsabilidade, associado ao da liberdade. Tal acarreta assumir a responsabilidade na formação e educação tendo em vista o interesse das crianças, sendo para tanto fundamental ter uma comunicação aberta e eficaz com os pais ou responsáveis da educação das crianças, garantido deste modo uma colaboração eficaz na educação destas.

### 1.3. Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

#### 1.3.1. Caracterização da Instituição Cooperante de Educação Pré-Escolar

O estágio supervisionado em Educação Pré-Escolar realizou-se na valência de Jardim de Infância de uma IPSS localizada no concelho de Setúbal. Esta instituição dispunha ainda da valência de apoio ao domicílio e existia um contacto diário com os pais das crianças e os familiares dos utentes idosos.

A sua estrutura consiste num edifício composto por rés-do-chão, primeiro e segundo andar. Possuía um auditório, gabinetes de trabalho, salas (berçário, creche e jardim de infância), valência para a terceira idade, parques de estacionamento, espaços para jardim entre outros. O espaço exterior era constituído por dois parques, onde se juntavam as crianças das outras salas e ali podiam brincar e interagir umas com as outras. Os parques estavam equipados com escorregas e outros equipamentos apropriados a esta faixa etária de um aos seis anos, para os mais novos tinha o

equipamento próprio. Todo o ambiente exterior e interior permitia a exploração do espaço, onde as crianças podiam andar em segurança.

Em termos de funcionamento e conforme divulgado pela instituição, o JI possuía duas componentes de horário em articulação: a componente letiva das 9h às 12h e das 14h às 16h, enquanto a componente socioeducativa era das 7h30m às 9h, das 12h às 14h e das 16h às 19h. A componente letiva era da competência dos educadores de infância. Já a componente socioeducativa era assegurada por auxiliares de ação educativa com a supervisão da coordenadora, assim como da equipa pedagógica.

Em certa medida, as rotinas traduzem de uma forma específica os momentos que se repetem diariamente e fazem parte de um horário que foi planeado com intencionalidade de proporcionar hábitos saudáveis e protegidos nas crianças. Seguiam, portanto, na linha de Hohmann e Post (2003), posto que “os horários e as rotinas devem ser repetitivos para permitir à criança explorar e adquirir confiança nas suas competências em desenvolvimento. Também devem proporcionar a transição de uma outra experiência interessante”. (p. 131) De resto, “as rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem”. (Zabalza, 1998, p. 52)

### 1.3.2. Caracterização da Sala de Educação Pré-Escolar

A sala de JI onde realizamos o estágio era um espaço de muita luz, com bom arejamento e de paredes pintadas a branco. A sua área comportava vinte e quatro crianças. Em termos de mobiliário, a sala era provida de 27 cadeiras, uma mesa retangular, uma mesa-redonda, duas mesas hexagonais que foram utilizadas para diversas atividades. Na área do faz-de-conta da sala existia uma mesa com três cadeiras.

Ao entrar na sala do lado direito, encontrava-se a área do faz-de-conta da matemática e das construções. Ao fundo da sala encontrava-se a área do desenho à vista e das expressões. Do lado direito estava o faz-de-conta da cozinha, da sala e o faz-de-conta do vegetariano.

Em frente à porta de entrada, estava localizada a biblioteca onde as crianças exploravam os livros. Era junto à biblioteca que estava o espaço designado por tapete, no qual todas as crianças participavam das atividades. Esta área proporcionou à criança um maior desenvolvimento da linguagem oral e aumentou os seus conhecimentos de maneira geral. Na sala existia ainda um lavatório, um aquecedor, um ventilador, um leitor de CD e colunas.

Nas paredes da sala, foi possível observar vários placares onde a educadora colocava os trabalhos feitos pelas crianças, correspondentes ao tema que trabalharam durante as respetivas semanas. Para melhor visualização da sala, apresentamos a sua planta no Apêndice A.

A sala no seu todo era favorecida pela organização e equipamentos que possuía, favorecendo o desenvolvimento de atividades diversas relacionadas com a área do conhecimento do mundo. A área do faz de conta permitia à criança inventar e representar personagens e situações, nomeadamente pela recriação de papéis sociais. No tapete, onde as crianças ouviam as histórias, exploraram os livros, participaram das atividades, brincaram e exploraram os materiais que estavam à sua disposição. Atividades, como vemos, em sintonia com as OCEPE (2016), na medida em que “esta apropriação do espaço lhes dá a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevisíveis e criativas, e de forma cada vez mais complexa”. (p. 26)

De entre as áreas mais procuradas pelas crianças, principalmente pelos rapazes, destacou-se a área das construções. Porém, era ali comum observar-se momentos de conflito entre as crianças a competir pelo mesmo objeto, ou por quererem participar e não ter espaço entre o círculo de amigos. Muitas vezes, as próprias crianças conseguiam resolver entre si os pequenos conflitos, noutras era necessário o auxílio do adulto. Apesar destes contratemplos, convém ter presente o referido pelas OCEPE (2016) e contribuir para o desenvolvimento de um ambiente positivo, pois “a criança realiza aprendizagens com sentido, sendo capaz de as utilizar noutras situações quotidianas, desenvolvendo atitudes positivas face às aprendizagens e criando disposições favoráveis para continuar a aprender”. (p. 31)

As áreas da cozinha e da sala eram procuradas tanto pelos meninos como pelas meninas. A área menos procurada foi a área da matemática, embora em qualquer uma das áreas a criança trabalhasse a matemática mesmo de forma inconsciente. Na tabela que se segue, podemos observar algumas atividades que fizeram parte da planificação, nas quais todas as crianças puderam participar.

Tabela 1 – Atividades da Sala de Educação Pré-Escolar

<b>segunda-feira</b>	Atividades planificadas e orientadas, brincadeira livre
<b>quarta-feira</b>	Música (com os mais crescidos), atividades estruturadas ou planificadas, brincadeiras livres
<b>quarta-feira</b>	Atividades estruturadas e orientadas, brincadeira livre
<b>quinta-feira</b>	Atividades planificadas e orientadas, brincadeira livre
<b>sexta-feira</b>	Movimento e expressão corporal

Este espaço proporcionou à criança conhecer-se melhor, a despertar para o espírito de amizade, respeito mútuo, solidariedade e compreensão. Promoveu novas aprendizagens de forma a proporcionar a tomada de consciência de que pertencemos e somos parte responsável de uma comunidade e dos seus valores.

### 1.3.3. Caracterização do Grupo de Crianças em Educação Pré-Escolar

Alguns dados da caracterização do grupo que se passa a descrever foram gentilmente cedidos pela educadora da sala, outros resultam da observação realizada ao longo do estágio.

O grupo era heterogéneo relativamente à idade e ao género (18 meninos e 6 meninas, entre os 3 e os 5 anos), o que foi certamente uma mais-valia em termos de desenvolvimento e aprendizagem individual de cada criança: por um lado, porque cada uma é única e a partilha de habilidades entre elas enriqueceu o grupo; por outro lado, os elementos mais velhos motivavam os mais novos, de forma espontânea e inconsciente, para grande diversidade de aquisições e de ações onde a troca de

experiências e exemplo dos mais velhos impulsionaram a descoberta e o crescimento dos mais novos. No Apêndice B, podemos observar as preferências das crianças com relativamente ao que gostariam de ser quando fossem crescidas.

A maior parte destas crianças pertencia ao nível socioeconómico médio, algumas das quais ao nível médio alto. Na sala, as crianças foram tratadas sem distinção. Era um grupo muito dinâmico, alegre, afetivo, ativo e emotivo e a maioria das crianças participava espontaneamente nas atividades. Eram crianças comunicativas, curiosas, muito imaginativas e demonstravam gosto em aprender. O grupo apresentava um bom desenvolvimento a nível sócio afetivo e psicomotor, estando inserida no grupo uma criança com NSE. De referir ainda que apresentavam uma boa integração à rotina diária e dominavam o espaço envolvente de forma autónoma e responsável. Recordando as OCEPE (2016), “o desenvolvimento e aprendizagem da criança ocorrem num contexto de interação social, em que a criança desempenha um papel dinâmico”. (p. 9)

A nível da expressão motora, o grupo tinha um autodomínio do corpo, com a motricidade global bem desenvolvida, exceto uma criança do sexo masculino que, por motivos de saúde, apresentava dificuldade a nível motor, ainda assim era recetivo a novas experiências. A nível da linguagem, a maior parte tinha-a bem desenvolvida, com um discurso estruturado. No geral, as crianças já eram capazes de construir frases bem organizadas e cada vez com um vocabulário mais diversificado, capaz de expressar as suas emoções e sentimentos. Também no grupo, ainda que as crianças mais novas apresentassem uma linguagem oral menos desenvolvida, encontravam-se dentro dos padrões esperados.

Não há grupos iguais, pois os que os compõem são sempre diferentes. Neste caso, há que ter em conta a maneira de ser e de agir de cada criança e esta não só é influenciada pelo ambiente familiar, como até pelo próprio grupo onde está inserida.

Portanto, é fundamental proporcionar à criança um ambiente estimulante e harmonioso, de modo que a criança consiga, de forma segura, fazer as suas conquistas e aprendizagens. Segundo Zabalza (2000), “aqui que reside o sentido da ação educativa escolar: Conseguir que aquilo que num momento inicial não foi senão um processo de imitação e de adaptação às influências do que nos rodeia se converta num processo

consciente de elaboração pessoal”. (p. 36) É necessário, por isso, que o educador conheça as características nas suas diversas fases etárias e concretamente nesta dos três aos cinco anos, de modo a ir ao encontro das suas necessidades, capacidades e desejos. As explorações que a criança realiza sobre os objetos, jogos e brincadeiras, de forma ativa, vão-lhe permitindo experimentar e descobrir as suas propriedades. Afinal, o ambiente educativo da sala de jardim de infância e do estabelecimento educativo proporcionam múltiplas formas de relações recíprocas, que se enumeram, dado o papel que o educador/a desempenha na promoção dessas relações e no desenvolvimento das suas potencialidades, para a educação das crianças e para o seu desenvolvimento profissional. (OCEPE, 2016, p. 28)

Era um grupo alegre, bem-disposto, gostava de histórias, canções, e gostava de experimentar coisas novas. Tinha vontade de aprender, fazer descobertas, mas com muita dificuldade em gerir conflitos e cumprir regras. Neste ponto, vale a pena ter em conta a teoria piagetiana (1937, p. 311, citado por Tran-Thong, 1987), na medida em que:

a inteligência não começa nem por um conhecimento do eu nem por um conhecimento das coisas enquanto tais, mas pelo da sua interação, e é orientando-se simultaneamente para os dois polos dessa interação que ela organiza o mundo e se organiza a si própria. (Tran-Thong, 1987, p. 43)

De resto, o momento mais esperado para todos os membros do grupo, era quando a educadora após contar a história e fazer o plano do dia, anunciava que cada um podia escolher onde queria fazer a sua atividade. Cada criança escolhia livremente o espaço do faz-de-conta, para exercer a sua atividade. Estariam, portanto, bem presentes as indicações da OCEPE no plano do jogo dramático, “que envolve a criação de uma situação imaginária (compra numa loja, pôr a mesa, etc.), contribuem para a aprendizagem da matemática”. (OCEPE, 2016, p. 75)

Nas brincadeiras do faz-de-conta, as crianças gostavam de imitar os adultos, fazendo assim perguntas como por exemplo: *Queres sumo, uma pizza?* Das OCEPE (2016), “sabe-se que a linguagem oral é central na comunicação com os outros, na aprendizagem e na exploração e desenvolvimento do pensamento, permitindo avanços cognitivos

importantes”. (p. 60) Neste género de brincadeira, a criança realiza-se tanto a nível de grupo como a nível individual, desenvolve habilidades sociais enquanto interage com os outros, fortalecendo a sua autoconfiança e autonomia ao explorar as suas capacidades e interesses.

#### 1.3.4. Metodologia da Educadora

Cada educador/a tem a liberdade de desenvolver a sua ação da forma com que melhor se identifica, porém, as linhas de ação da equipa pedagógica do JI assentavam, como suposto, nos conteúdos definidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. No contexto vivenciado, a educadora organizava o espaço e os materiais selecionando e dispoñdo os recursos de acordo com o ambicionado em termos de horizontes de organização pedagógica e de desenvolvimento curricular. Disponibilizava e utilizava materiais diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências de cada criança. Além disso, criou e manteve as necessárias condições de segurança e bem-estar, num alinhamento quanto ao facto de estar atento aos interesses, ritmos e aprendizagens da criança, Mendes sublinha:

O educador de infância deve por isso estar atento aos interesses, às necessidades e aos ritmos de aprendizagem de cada ser em crescimento e agir de forma responsiva aos desafios que permanentemente se lhe colocam na sua prática educativa diária com as crianças. (Mendes, 2015, p. 141)

Conforme o observado, a educadora, junto das crianças, desempenhou um papel muito adequado e pedagogicamente revelante, e cada uma revelou diferentes aprendizagens no decorrer dos dias.

A educadora utilizava metodologias próprias e apelativas que desenvolviam competências específicas para o progresso, para o sucesso e para a integração das crianças ao longo da vida. Pelo que foi observado, a metodologia utilizada pela educadora cooperante foi baseada em vários modelos e no seu próprio modelo. A sua intervenção teve sempre uma intencionalidade educativa, pautando-se pelas orientações do Movimento da Escola Moderna (MEM) e Maria Montessori.

Demonstrava uma relação de justiça e afetividade e com margem de manobra para negociações e ainda recorria ao incentivo promovendo a valorização de cada criança, sem mostrar preferência por uma ou por outra. Como adulto, de resto, o/a educador/a assume-se como modelo aos olhos de cada criança nos mais diversos níveis, revelando-se normalmente uma pessoa calma, afetuosa, sensível e atenta. Ao mesmo tempo a sua competência, como educadora, revelou-se na capacidade que teve em manter a rotina, foi simultaneamente estável e flexível, mas adequada aos hábitos e às necessidades de cada criança numa perspetiva de formação integradora. Como defendido por Villas-Boas (2001), “os objetivos educacionais visam a formação integral do indivíduo e não apenas do seu desenvolvimento cognitivo”, (p. 47) semelhante assunção torna-se igualmente notória por esta profissional docente trabalhar sempre em projeto e efetuar no final de algumas semanas a avaliação/reunião com o grupo de crianças.

A nível metodológico, utilizava uma pedagogia diferenciada em que o centro da ação educativa era a criança. A docente baseava-se e dava grande importância à reunião frequente onde avaliava as semanas e lançava questões ao grupo para registo de sugestões para as atividades das semanas seguintes. Constituíam um meio de diálogo onde as crianças podiam verbalizar as suas ideias e preferências. Constitui evidência de alinhamento com as OCEPE (1016), onde se defende que “cada um aprende a defender as suas ideias, a respeitar as dos outros e, simultaneamente, contribui para o desenvolvimento e aprendizagem de todos (crianças e educador/a)”. (p. 9)

No decorrer deste tempo, foi possível constatar que, antes de iniciar qualquer projeto, as crianças eram informadas do que ia acontecer. Até porque a educadora questionava o grupo acerca de uma atividade direcionada para o tema, e pedia sugestões sobre o modo como queria trabalhar. Segundo Sim-Sim (1998), “ao exprimir verbalmente ações/relações vivenciadas, sempre de acordo com as regras da sua comunidade linguística, a criança classifica e reorganiza o modo como tais ações/relações são ou foram cognitivamente percebidas”. (p. 267) E efetivamente a educadora começava por dar a sua opinião, para deste modo possibilitar que as crianças pudessem lançar novas ideias. Foi possível observar que a maior parte das atividades feitas na sala de pré-escolar, durante o tempo de estágio, surgiu do interesse do grupo.

A educadora incentivou a que cada criança desenvolvesse as suas competências nas várias áreas do saber, com liberdade e autonomia, promovendo a capacidade de se mobilizar e de se relacionar, desenvolvendo o respeito mútuo. Demonstrou, portanto, um alinhamento com as OCEPE, posto que:

Neste processo de construção de identidade e autoestima, o reconhecimento das características singulares de cada criança desenvolve-se simultaneamente com a perceção do que tem em comum e do que a distingue de outros, pelo que o reconhecimento de laços de pertença social e cultural faz também parte da construção da identidade e da autoestima. Esta construção é apoiada pelo/a educador/a, ao respeitar e valorizar a cultura de cada criança e da sua família. (OCEPE, 2016, 34)

Aqui pôde-se verificar que todas e cada uma das crianças foram acolhidas e respeitadas consoante a sua própria realidade específica. De resto, a função do educador é eminentemente ajudar a criança a crescer, transmitindo uma relação de segurança, confiança e sobretudo de respeito mútuo.

Ao fazer uma reflexão geral acerca deste trabalho, foi possível verificar que ajudou a aprofundar, para futuramente ter um melhor desempenho no âmbito da carreira de educador e de docente, junto dos mais novos e assim dar um contributo ativo. Como educador, é necessário este tempo forte, de ação no concreto, no contexto atual, numa sala de Pré-Escolar ou numa realidade da educação e ultrapassar eventuais dificuldades relacionadas com a prática profissional. O educador, é aquele que mais aprende quando está aberto a todas as aprendizagens que as crianças desenvolvem e manifestam. Ainda assim concordando com Silva (2007), “há, porém, cuidados a ter, por parte da educadora, tais como respeitar sempre a diversidade e o ritmo das crianças”. (p. 332)

#### 1.4. Prática Supervisionada do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

#### 1.4.1. Caracterização da Instituição Cooperante do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

O estágio supervisionado no Ensino 1º CEB decorreu num Escola Básica de 1º CEB de um agrupamento escolar situado na cidade de Setúbal, abrangendo uma área territorial que envolve a União das Juntas de Freguesias de Setúbal. A Sede de agrupamento existe desde 1974 e é uma escola de 2º e 3º CEB, cursos de Educação e Formação de Adultos, em parceria com o Estabelecimento Prisional Regional de Setúbal, cursos de Percurso Curricular Alternativo e Ensino Articulado de Música. Possuía um total de 2150 alunos distribuídos por 91 grupos/turmas no ano letivo de 2021-2022, ao passo que a escola de 1º CEB onde decorreu o estágio comportava 162 alunos distribuídos por 7 turmas, em regime normal.

Relativamente à estrutura do edifício, era composta por rés-do-chão e primeiro andar. Possuía uma receção, salas de apoio ao estudo, salas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), sala de professores, gabinete da coordenadora, refeitório/cozinha, BE/CRE, ginásio, campo de jogos (exterior) e espaço ajardinado.

A referida instituição de Ensino do 1º CEB até ao ano letivo de 2018/2019 tinha valência de apoio da Associação de pais. Ao tempo desta prática supervisionada, a escola promovia um contacto frequente com os EE. Ora segundo Subirats (1999, citado por Caride, 2000), trata-se de uma prerrogativa fundamental:

a comunidade escola e a comunidade local têm de ser entendidas, a partir daqui, como âmbitos de interdependência e de influência recíproca, uma vez que, os indivíduos, os grupos e redes presentes na escola estão também na comunidade local, não podendo ser concebidos uns sem os outros. (Caride, 2000, p. 174)

Quanto ao projeto do Agrupamento (PEA), a sua essência reside em construir uma escola de todos e para todos, capaz de promover o sucesso educativo e a melhorar a qualidade das aprendizagens dos seus alunos, visando criar cidadãos responsáveis e ativos, com as competências necessárias para intervirem na sociedade, tomando decisões conscientes e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas. Semelhantes princípios vão, portanto, na linha de uma escola inclusiva, focada na promoção de uma formação integral com qualidade e empenhada em contribuir para

uma plena inclusão social do indivíduo, conforme consignado no Perfil dos Alunos à Saída de Escolaridade Obrigatória (PASEO).

O Decreto-Lei nº. 75/2008, de 22 de abril, é o documento legal mais recente que enquadra o PEE. No seu preâmbulo refere-se e cumpre-se evidenciar que “com este decreto-lei, procura-se reforçar as lideranças das escolas, o que constitui reconhecidamente uma das mais necessárias medidas de reorganização do regime de administração escolar”. O Decreto-lei apresenta também a noção do que é o PEE e qual a sua finalidade referindo-se:

O documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escola ou a escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa. (Projeto Educativo, 2019/2023)

O Projeto Educativo de Escola (PEE), a par do Regulamento Interno e Plano Anual de Atividades são o alicerce do processo de autonomia das Escolas. O PEE possui um papel determinante no reforço da autonomia da escola, definindo o sentido da ação educativa e permitindo que os diversos elementos da comunidade educativa se envolvam num processo de ação coletiva. De referir que o PEE da escola era sobre a alimentação, o Projeto Curricular da Turma do 2º ano foi “Os Animais Marinhos”, ao passo que o projeto da BE2 Mar se dedicou a “Rio e Serra”. O projeto a nível de Agrupamento era uma personagem histórica, pelo facto de celebrar na altura o aniversário da sua fundação.

#### 1.4.2. Caracterização da Sala do Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico

O espaço onde decorreu a prática supervisionada referente a este nível de ensino foi numa das salas existentes no 1º andar, a qual apresentamos no Apêndice C, para melhor compreensão da sua organização. Ampla, bem iluminada, com quatro janelas amplas, uma porta com acesso ao corredor, a sala dispunha de três armários. Numa das estantes, encontravam-se os ficheiros com os manuais das crianças e na segunda estante, encontravam-se livros de literatura infantil e alguns jogos. A sala continha 27 mesas, 15

das quais colocadas na sala em forma de U, oito ao centro da sala, divididas em dois grupos de quatro. Além destas mesas agrupadas e colocadas em forma de U, à entrada da sala, foi possível observar uma mesa do lado esquerdo onde estavam colocadas uma caixa com frutas e uma com leite, deixadas ao dispor das crianças para se servirem livremente. Em cima dessas mesas, pudemos observar ainda algum material escolar e de higiene, caso alguma criança necessitasse. Do lado direito, ao fundo da sala, estava a secretária e uma mesa junto a uma das janelas. De referir ainda a existência de 27 cadeiras, um ventilador, um projetor e um computador. Estes últimos foram utilizados diariamente durante as aulas, ou mesmo quando na turma surgiam dúvidas que requeriam pesquisa.

O espaço da sala era um lugar propício à aprendizagem e à partilha na medida em que ali todos se sentiam em casa, permitindo o recurso à utilização dos materiais, ao manuseamento, ao trabalho colaborativo e à experimentação. Neste sentido, de salientar que Bassedas et al (2009), assinalam a ideia de que: “a organização da sala deve respeitar as necessidades das crianças e as atividades que os educadores lhes propõem”. (p. 180)

Era efetivamente, um lugar onde as crianças se sentiam valorizadas, apoiadas e, acima de tudo, ouvidas e respeitadas.

### 1.4.3. Caracterização do Grupo de Crianças em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Os dados da caracterização do grupo foram gentilmente cedidos pela professora cooperante. O grupo do 2º ano era bastante heterogéneo, constituído por 23 alunos, 14 meninos e 9 meninas. De referir que a maior parte destas crianças provinham de famílias de nacionalidade não portuguesa, oriundas de países como Angola, Brasil, Costa do Marfim e Moldávia.

A cinco destes alunos aplicavam-se as medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, nos níveis de Medidas Universais. Estas crianças eram acompanhadas por outros professores, duas vezes por semana. As dificuldades surgiram depois de uma frequência

menos assídua na sala de aula, distanciando-se, assim, dos restantes colegas no que se refere à leitura e à escrita.

Segundo a professora Cooperante, estas crianças estavam ao mesmo nível do resto da turma, mas como em casa não praticavam nem a leitura nem a escrita, ficaram à margem em relação ao resto do grupo. Foi por isso necessário a professora e a escola tomarem medidas para que estas crianças pudessem um dia acompanhar o restante grupo.

Apesar da grande heterogeneidade, pudemos verificar, na turma, a aceitação, a interajuda e o respeito entre todos os elementos, assim como a assiduidade e pontualidade dos alunos.

#### 1.4.4. Metodologia da Professora Cooperante

A abordagem da professora Cooperante do local onde foi realizado o estágio em Ensino do 1º CEB concentrava-se nos interesses dos alunos e baseava-se nos seus conhecimentos e aptidões. Sendo fundamental promover uma aprendizagem significativa, este método incentiva a participação dos alunos tornando, desde modo, o processo ensino-aprendizagem mais envolvente e relevante para a criança. Segundo os autores Adragão & Reis (1990), “aprender é indispensável para que o aluno satisfaça as suas necessidades e se organize autonomamente na relação com as pessoas e com as coisas”. (p. 14) De referir que a docente neste aspeto possibilitou, na organização, o trabalho cooperativo, o recurso à utilização de material concreto, ao manuseamento e à experimentação.

Segundo Bolívar (2000), “os professores, ainda sem terem consciência disso, são sempre educadores morais”. (p. 127) E, efetivamente, esta docente investiu no desenvolvimento pessoal e nas relações interpessoais quando individualmente ou em grupo ajudou o aluno, promoveu atividades, pediu a colaboração e valorizou o trabalho de cada um, dando-lhe possibilidade de se exprimir. Segundo Cury (2004) “O primeiro hábito de um professor fascinante é entender a mente do aluno e procurar respostas invulgares, diferentes daquelas a que o jovem está habituado”. (p. 60)

A professora adotou uma abordagem centrada no aluno e esteve em constante diálogo e interação com os alunos, o que ajudou a criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e colaborativo. Cumpre não esquecer que “quando um professor «vive» uma determinada atitude, esta acaba por ser fortemente transmitida aos estudantes”. (Zabalza 2000, p. 47)

Esse é um aspeto importante, principalmente quando numa turma tem alunos com necessidades de saúde especiais, (NSE) pois permite que o professor adapte a sua metodologia para atender às necessidades individuais de cada aluno. Os desafios, porém, na atualidade para a educação inclusiva vão do simples reconhecimento da diferença, pois, de acordo com Ricou (2014), “hoje mais do que aceitar que as pessoas são diferentes umas das outras, promove-se a proteção dessas diferenças, mais ainda num mundo globalizado e tendencialmente mais homogéneo”. (p. 29)

Promoveu, além da inclusão no grupo, a autoconfiança e autoestima, condições essenciais de se mobilizar e de se relacionar uns com os outros assim como o respeito mútuo. De acordo com Rigolet (2009), “tornou-se quase um desafio ousar falar de um coração profundamente apaixonado pela sua missão de professor, (...) usar uma linguagem de afetos, que alie a intimidade do iniciado ao encontro com o outro. (p. 134) Neste ponto concordará com Bertrand, (2001), “a aprendizagem não é apenas cognitiva, também é afetiva”. (p. 164)

Pelo observado, os materiais utilizados pela docente na sala de aula foram os manuais, fichas, multimédia, quadro interativo; por vezes utilizava objetos ou até mesmos gestos, para fazer chegar o conhecimento até aos alunos.

Quando são utilizadas as imagens ou materiais manipuláveis, a criança fica com visão mais realista das respostas às questões que irá resolver. De acordo com Matos (citado em Caldeira, 2009), os materiais manipulativos são importantes “para estabelecer um ambiente pedagógico mais dinâmico, de modo a permitir atitudes de professores e alunos facilitadores da aprendizagem”. (p. 24) Arends (2008), defende que a maneira como “o espaço é usado, influencia na forma como os participantes da aula se relacionam uns com os outros e o que os alunos aprendem”. (126) Em momentos de atividades individuais, a docente distribuía folhas com desenhos impressos para que

cada aluno pudesse pintar à medida que terminava as atividades propostas. Esta foi uma estratégia para dar margem aos alunos que não conseguiam acompanhar o ritmo dos colegas e que por isso mesmo, demoravam mais tempo que o previsto.

Quando algum aluno tinha dificuldade em perceber o conteúdo, a professora fazia questão de repetir a atividade e explicar novamente a toda a turma, utilizando materiais que se adequavam à compreensão do aluno. Concluiu que a professora cooperante valorizava o interesse de cada aluno, partindo dos seus conhecimentos e aptidões, adaptou o seu ensino às necessidades dos alunos, promovendo deste modo uma pedagogia eficaz onde promoveu aprendizagens significativas e inclusivas.

## 2. Desenvolvimento da Prática Profissional

### 2.1. Projeto de Intervenção em Educação Pré-Escolar

A Prática profissional desenvolveu-se a partir de um Projeto de intervenção tendo como tema “A descoberta dos animais e dos seus habitats através das histórias de receção infantil”. Este tema partiu do interesse das crianças e estava em consonância com o interesse geral do grupo das crianças de Educação Pré-Escolar, tendo surgido ao encontro do interesse geral do grupo das crianças de Educação Pré-Escolar, junto do qual foi realizado o estágio. Ao longo dos primeiros dias, foi possível constatar o interesse que cada elemento foi manifestando quando era contada ou lida uma história. Segundo as OCEPE (2016), “na abordagem às ciências podem explorar-se saberes relacionados, tanto com a construção da identidade da criança e o conhecimento do meio social em que vive, como relativos ao meio físico e natural”. (p. 88) Assim sendo, explorar saberes não apenas constrói a identidade da criança, mas amplia o conhecimento do seu ambiente natural e social.

É importante aproveitar os momentos que as crianças manifestam interesse por este género de atividade, das OCEPE (2016), “observar, planear, agir, avaliar – apoiando em diferentes formas de registo e de documentação, que permitem ao/à educador/a tomar decisões sobre a prática e adequá-la às características de cada criança, do grupo e em contexto social em que trabalha”. (p. 5)

Depois de termos observado o interesse do grupo por este tema, as histórias de receção infantil e pelos animais, a partir das histórias lidas ou contadas em sala e ao grupo educação Pré-Escolar, passamos à planificação do projeto onde, cuidadosamente, incluímos as várias áreas de conteúdos nos momentos da prática pedagógica, para que, deste modo, o grupo desenvolvesse as suas competências. Segundo Mangueira, Santos, Almeida, Cunha, & Costa (2019), “é de grande valor a aprendizagem quando ela tem um significado e, quando falamos em significado na aprendizagem, queremos dizer que cada pessoa tem um despertar diferente para compreender o que está sendo mediado”. (p. 67)

A exploração dos animais e dos seus habitats abrangeu várias áreas de conteúdo como: Área Formação Pessoal e Social, onde as crianças aprenderam a respeitar, e a resolver conflitos, a interagir de forma positiva umas com as outras, na Área da Expressão e Comunicação. Quando expressaram sentimentos, compartilharam experiências desenvolveram a linguagem e a comunicação através da leitura de histórias e da escrita, expressaram-se corporalmente. Na Área do conhecimento do Mundo, a criança explorou o ambiente que a rodeia, desenvolveu as suas aprendizagens através de experiências práticas e interativas. Como referido nas OCEPE (2016), “as aprendizagens das crianças acontecem de forma espontânea, nos diversos ambientes sociais em que vivem, no contexto de educação de infância existe uma intencionalidade educativa, que se concretiza através da disponibilização de um ambiente culturalmente rico e estimulante”. (p. 8)

### 2.1.1. Justificação e Fundamentação da Planificação

O projeto não foi uma necessidade do grupo, mas foi ao encontro do interesse das crianças, uma vez que todos os elementos manifestaram interesse em ouvir histórias de receção infantil e ao mesmo tempo sentiam interesse pelos animais e os habitats. Segundo Santos (2000), “a leitura funciona ainda como resposta às aspirações, relativamente inconscientes, da criança, (...) desejo de se evadir da realidade e de viver num universo imaginário”. (p. 72)

Por ser um tema do interesse de todos os elementos do grupo de Educação Pré-Escolar, foi oportuno levar avante algo que fosse do interesse e motivante a todos os constituintes. Através das narrativas contadas, lidas e exploradas, levar as crianças a explorar conteúdos que vão ao encontro dos seus interesses alargando os seus conhecimentos. Segundo as Orientações Curriculares (2016), “na leitura de uma história, a educadora pode partilhar com as crianças as suas estratégias de leitura”. (p. 70) Mostrar o livro, ler e contar histórias, proporciona às crianças momentos de prazer, divertimento e desenvolvimento, ao invés de verem o livro como um peso ou uma obrigação, mas vendo que este proporciona momento para novas descobertas.

Deste modo, as crianças puderam alargar o leque dos seus conhecimentos e ao mesmo tempo usufruíram das histórias, lidas, contadas e partilhas em sala de pré-escolar. Segundo Mendes (2015), “quanto mais contacto a criança tiver com essa plêiade de obras que lhe são especialmente dirigidas mais facilidade terá em desenvolver a sua literacia emergente, a sua capacidade imaginativa, a sua sensibilidade estética, a sua compreensão leitora”. (p. 144) Ao longo do estágio, foi possível observar alguns livros que fizeram parte da biblioteca da sala Educação Pré-Escolar (Apêndice D). Os livros estavam à disposição das crianças, ao seu alcance e adequados ao seu manuseamento. Alguns desses livros foram levados para a sala, pelas crianças. No entanto, após uma análise dos mesmos, foi possível observar que muitos desses livros não eram apropriados para esta faixa etária, devido à quantidade excessiva de texto, assim como a difícil compreensão do mesmo para crianças em idade Pré-Escolar.

A Planificação do Projeto foi efetuado na sala com o grupo, individualmente e em pequenos grupos, através da exploração de narrativas, algumas fazendo parte do PNL e de livros que as crianças levaram de casa. O plano das atividades encontra-se em Apêndice E. A implementação do projeto foi concretizada com várias estratégias, ou seja, por nove procedimentos, abaixo numerado:

1. A sementeira
2. Livro “As Minhas Rimas”
3. Construção das “casas” com materiais recicláveis
4. Exposição “Habitats dos Humanos” trabalho feito em parceria

5. Atividade Supervisionada dia 15/05/2023
6. História “O Capuchinho Vermelho” (história adaptada, autor desconhecido)
7. O livro “A Minha Família”
8. Atividade Supervisionada dia 18/05/2023
9. A construção do cartaz.

Os objetivos gerais do projeto:

- ❖ Compreender e identificar características distintivas dos animais e dos seus habitats através das histórias
- ❖ Promover o respeito pelos animais

Os objetivos específicos do projeto foram estabelecidos considerando as necessidades do grupo sendo:

- Desenvolver o interesse das crianças pelas narrativas
- Promover o entendimento e a importância dos animais para o ambiente
- Semear, acompanhar o processo de germinação
- Construir um livro com rimas dos animais e seus habitats
- Construi um cartaz com animais e habitat dos humanos.
- Envolver as famílias nas atividades da sala de pré-escolar
- O livro “A Minha Família”
- Envolver a família na construção uma casa (com material reciclável).

Uma vez que houve a necessidade de envolver a família no desenvolvimento da criança na escola, a presença dos pais na sala a participar diretamente de atividades foi fundamental. A relação família/criança passou pela troca de informações sobre os trabalhos que esta realizou, o seu progresso e a sua integração no grupo.

### 2.1.2. Atividades e Estratégias de Implementação

As atividades abaixo descritas foram realizadas na sala Educação Pré-Escolar com um grupo de crianças, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos. A intenção foi envolver as crianças nas atividades, tendo em conta as suas características individuais, desafiando-as a participar nas atividades que foram surgindo e que fizeram parte do

projeto. Neste relatório, será apresentado apenas algumas atividades feitas com o grupo na sala de Educação Pré-Escolar:

- A. **História** “Os Esquilos” (texto adaptado) do livro “Aprende os Valores com os Animais”. É uma narrativa que incentiva à empatia, partilha, ao trabalho conjunto e a enfrentar desafios, além disso ajuda as crianças a pensarem sobre as próprias ações. A escolha da história deu-se devido ao início da primavera e porque os esquilos são animais que fazem recolha de frutos secos, armazenando alimentos para o inverno, além disso contribuem para o crescimento das florestas. Porém, na planificação feita na sala Educação Pré-Escolar, incluiu uma sementeira. Como na história falava em sementes, achamos oportuna contar a história dos esquilos e ensinar os valores através dela. Além disso, na primavera é habitual plantar e semear, ver as plantas a desabrochar. As crianças caracterizaram alguns animais e seus habitats através das histórias lidas e dramatizadas em contexto de sala, levou o grupo à construção conjunta do livro “As Minhas Rimas”, o qual foi apresentado no final do estágio.

Podemos observar nas imagens que se seguem, algumas atividades feitas com o grupo de crianças da sala Educação Pré-Escolar.



Figura 1 - Caracterizando alguns animais

A interação das crianças, as questões e observações feitas durante as atividades foram importantes para o processo de aquisição de conhecimentos do grupo, as crianças entre si, passam informação e, deste modo, aprendem umas com as outras. De acordo com Cruz (2007), “é na infância que as crianças iniciam um processo de consciencialização dos problemas ambientais, ou seja, são as crianças que estão mais sensíveis a estes

problemas visto ainda não se encontrarem “viciadas” pelos mecanismos da sociedade consumista e materialista”. (p. 26)

- B. **A Sementeira.** Com esta estratégia cada criança teve a possibilidade de fazer uma pequena sementeira. Recordávamos que, assim como os esquilos enterraram as suas sementes, e depois de algum tempo nasceram novas árvores, também cada um ia ter a possibilidade de semear e ver crescer novas plantas. Nas imagens seguintes, observamos a atividade feitas pelas crianças.

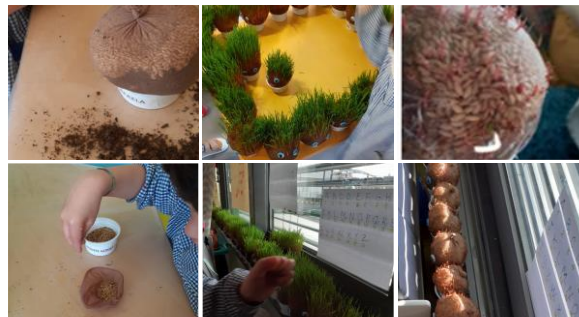


Figura 2 - Acompanhando o crescimento da sementeira

Durante a narrativa da história, foi explicado que os esquilos são animais selvagens, que colaboram para o crescimento das árvores, que outros animais como as aves, que também transportam sementes de um lado para outro. A maior parte dos elementos do grupo de Pré-Escolar manifestou preferência pelos animais selvagens. Com esta atividade, as crianças puderam ver e manipular as sementes de alpista. O grupo observou de perto a sua germinação, acompanhou passo a passo o seu crescimento. Sempre que as crianças entravam na sala, vibravam vendo as plantas com uma diferença enorme do dia anterior. Elas próprias convidaram os pais a acompanhar de perto o seu desenvolvimento. Utilizaram diferentes materiais tais como: (a terra, sementes e tecidos), e identificaram algumas propriedades (cheiros, cor, textura) e compreenderam que os esquilos contribuem para o crescimento das florestas.

Nesta linha, Mesquita (2011) refere que “é a partir da mais tenra idade que se pode e deve iniciar a criança a tratar temáticas com reflexos no futuro, como a educação ambiental”. (p. 43) Esta atividade, além de consciencializar a criança de que se colocar

sementes na terra poderão ver desabrochar, estimula também à concentração, observação e partilha.

Foi fundamental incentivar ao cuidado e o respeito pela Natureza, mostrar que é importante a nossa colaboração, para que novas plantas cresçam. Mesmo que não tenhamos florestas densas, foi importante encorajar as crianças a observarem e a participar ativamente do ambiente que as cerca, lembrar que a natureza está presente em muitas formas ao nosso redor, parques, jardins e espaços verdes. Mesmo que não tenhamos muitas florestas, as plantas brotam nos parques, jardins e quintais.

- C. **História “O Casamento da Gata”** Dramatização. Esta atividade desencadeou-se devido à exploração desta história “O Casamento da Gata”, livro da autora Luísa Ducla Soares. Barret e Landier (1991), mostram que: “a expressão dramática, enquanto prática pedagógica do teatro no sentido mais lato, pode-se fixar como finalidade favorecer o desenvolvimento, o desabrochar da criança através de uma atividade lúdica que permita uma aprendizagem global cognitiva, afetiva, sensorial, motora e estética”. (p. 12) Depois da dramatização na sala Educação Pré-Escolar, era suposto com a ajuda dos pais, trabalhar com o grupo a história, para num momento ir à escola primária e apresentar a uma turma. No entanto, surgiram algumas dificuldades, tivemos de deixar a proposta de lado. A história foi contada usando fantoches, com as crianças sentadas no tapete, no momento da dramatização. Elas estavam atentas, num silêncio absoluto. Veríssimo (2019), afirma que a abordagem da Expressão Dramática, “permite uma experiência sistematizada que favorece pedagogias de comunicação e de trabalhos de capacitação como o de expressão corporal e vocal, para dar respostas em diversas situações baseadas na improvisação, possibilitando ao aluno exprimir, comunicar, sentir e experimentar” (P. 48). De acordo com Pereira e Lopes (2007), “(...) os fantoches quando aplicados na sala de aula podem servir para envolver os alunos em aprendizagens diversas através de um método ativo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e eficaz compreensão”. (p. 44).

A estratégia de fazer uma dramatização, permitiu variar as metodologias, surpreendendo e envolvendo os alunos porque para Santos (2000), contar histórias à

criança, lendo para ela, é uma prática que muitos autores consideram importante no despertar do gosto pela leitura”. (p. 77) No final da apresentação, foram lançadas algumas questões como: quem era a noiva? A resposta foi unânime:

- A gatinha! Quem era o noivo? Foram colocadas várias hipóteses mostrando diversas imagens.

Nesta atividade foram identificadas as personagens da história, o papel que cada uma desempenhava. Pudemos constatar que estiveram atentos devido às suas respostas. Em relação a esta estratégia, as OCEPE (2016), salientam que: “a partir de uma situação ou problema, as crianças terão oportunidade de propor explicações, de desenvolver conjecturas e de confrontar entre si as suas “teorias” e perspetivas sobre a realidade”. (p. 86)

D. **Construção do Livro das Rimas.** A construção do livro foi organizada através da compilação dos vários cartões, (quadrados em cartolinas de várias cores) onde cada criança escolheu uma cor e desenhou a sua foto. Para o telhado foi um pequeno triângulo, também em cartolina de várias cores, dentro da casa teve um animal que foi pintado pela criança. Foram distribuídas duas folhas A4 por cada criança, numa das folhas a criança colou os cartões (quadrado e triângulo), na outra desenhou o animal que escolheu e o seu habitat, assim como a rima com o nome do seu animal. No final do estágio, compilamos o livro das rimas. Cada criança apresentou a sua página ao grupo.



Figura 3 - atividade do livro das rimas

Como podemos observar nas imagens acima, os recortes e ilustrações feitos nas atividades no domínio da expressão plástica. Segundo Brazelton e Greenspan (2003),

“proporcionar às crianças experiências adaptadas ao desenvolvimento tem implicações profundas na sua educação. A inteligência e as competências cognitivas desenvolvem-se a partir destas experiências, que constituem os fundamentos da aprendizagem e do pensamento”. (p. 184-185) Adaptar atividades à faixa etária da criança ajudará a construir a sua inteligência e as competências para o desenvolvimento do pensamento. Após alguns exemplos de palavras que rimavam entre si, foi lida a cada uma das crianças uma frase com uma rima, contendo o seu nome e envolvendo um animal. As crianças estavam ansiosas para saberem a sua rima. Segundo as OCEPE (2016), “as crianças envolvem-se frequentemente em situações que implicam uma exploração lúdica da linguagem, demonstrando prazer em lidar com as palavras, inventar sons, e descobrir as suas relações”. (p. 64) A criação de rimas ajuda a criança a falar de forma mais fluente e com melhor articulação. Sim-Sim (1998) é de acordo que “a identificação e manipulação de sílabas e a soletração silábica em voz alta são processos pedagógicos que conduzem à consciência lexical e silábica. (p. 235) Na verdade, conforme observado no momento do lanche, as crianças já brincavam com as rimas, quando diziam ou ouviam uma palavra, repetiam e associavam o som a outra palavra. Segundo Pocinho:

“As canções de embalar, as rimas e as histórias porque ouve palavras ritmadas, repetidas e entoadas, a repetição de certos sons ouvidos permite-lhe brincar com eles. Quanto mais simples são as «imagens» ou os conteúdos das canções, tanto maior será a participação da criança”. (Pocinho, 1999, p. 111)

O objetivo desta atividade foi levar a criança a descobrir palavras com o mesmo som.

- E. **Construção de uma “casa” com materiais recicláveis.** Foi uma atividade muito importante uma vez que foi feita com a colaboração das famílias. A construção das casas e a ilustração das mesmas pela família, teve como objetivo o envolvimento dos pais. Na ilustração que se segue, podemos observar algumas imagens das construções feitas pelos pais.



Figura 4 - Construções feitas pelos Encarregados de Educação

- F. **Exposição – Habitat dos Humanos.** Esta proposta surgiu durante as atividades na sala com as crianças, onde se falou dos habitats dos animais, foi lançada a proposta às crianças sobre o que achavam se os pais colaborassem na construção do habitat das pessoas com materiais recicláveis. Todas as crianças concordaram. Posteriormente, enviámos uma minuta aos pais explicando a atividade. A participação foi ativa e dinâmica da parte dos pais. No final, todos os trabalhos foram expostos à entrada da sala. As OCEPE (2016), mostram-nos que “este envolvimento facilita a participação dos pais/famílias e a sua compreensão do trabalho pedagógico que se realiza na educação pré-escolar”. (p. 29) Os objetivos foram concluídos. No entanto, outra proposta seria a de trabalhar com antecedência o tema da família, assim como todos os acontecimentos e datas importantes a comemorar. De acordo com Sarmiento (2005), “quando se pensa em interação escolas-família realça-se constantemente a importância da continuidade educativa”. (p. 70)
- G. **Aula Supervisionada História “O Nabo Gigante”.** A estratégia da apresentação do livro: “O Nabo Gigante” de Aléxis Tolstoi, foi implementada através da leitura do livro e em simultâneo as imagens eram apresentadas às crianças. A história foi lida com dicção e pausadamente para que a criança pudesse compreender e usar a sua imaginação. Durante a narrativa foi usada a expressão corporal, assim como à medida que a história foi contada, as crianças participaram ativamente com a voz, isto porque algumas palavras foram iniciadas pelo narrador e terminadas pelo grupo.

Terminada a leitura da história e a sua apresentação, foram lançadas algumas questões. O objetivo era que as crianças conseguissem identificar a quantidade dos animais e a sequência com que tinham sido chamados para ajudar a puxar o nabo gigante. No geral, as crianças em conjunto conseguiram fazer a seriação dos animais da história e a contagem, colocando pela ordem de chamamento.

Foi-se observando que algumas crianças contavam corretamente, mas, ao pintar, acabavam por pintar todos os animais, e não era a quantidade exata que estava na história. Tal constatação levou a concluir que algumas crianças ainda não tinham desenvolvido a habilidade entre números e quantidades. Foi necessário reforçar a contagem. Neste sentido, De acordo com as OCEPE (2016), “o desenvolvimento do raciocínio matemático implica o recurso a situações em que se utilizam objetos para facilitar a sua concentração e em que se incentiva a exploração e a reflexão da criança”. (p. 75) Nesta atividade o objetivo não era trabalhar a motricidade fina. No entanto, foi oportuno lembrar o nome de cada um dos dedos das mãos, isto porque na atividade feita as crianças utilizaram os dedos; indicador, polegar e médio. Esta prática além de contribuir para o desenvolvimento da consciência numérica, também integrou a educação literária ao incentivar a verbalização e o reconhecimento das palavras relacionadas com os dedos.

Embora a história fosse conhecida por quase todos os elementos, em momento algum deixaram de seguir a história. Participaram com interesse nas atividades, respeitaram, esperaram pela sua vez e deram a sua opinião. Deste modo, os objetivos foram atingidos. A história abordou a resolução de problemas, promoveu a cooperação e o trabalho em equipa. É uma narrativa que tem repetição e ritmo ao longo do texto e reforça a aquisição de novas palavras.

H. **Aula Supervisionada História “O Capuchinho Vermelho”**. Os objetivos desta atividade foram os de levar a criança a interagir com o grupo e identificar os principais elementos da família. Após o acolhimento das crianças, foi apresentado o livro do Capuchinho Vermelho, (história adaptada, autor desconhecido), cuja versão original é do autor Charles Perrault.

Após a leitura da história, o grupo foi convidado a recontá-la. O facto de recontar, estimula a memória e a capacidade de interpretar. Algumas crianças prontificaram-se para o reconto, tendo como apoio as imagens do livro. As crianças identificaram os personagens da história do capuchinho vermelho. Uma criança finalizou a história como conhecia e não como tinha sido contada através do livro. Nesta atividade estiveram atentas e interagiram. De acordo com Rocha (1992), “as crianças são mais calmas ao encarar a dureza das realidades do que os adultos imaginam, a propensão de esconder verdades agrestes é mais um complexo do adulto, complexo de culpa, do que necessidade da criança” (p. 49). É uma narrativa que explora as emoções, como o medo, coragem, alívio e ajuda as crianças a lidar com os seus próprios sentimentos. Fala da natureza e do quotidiano, evidencia as interações familiares e alarga o vocabulário das crianças.

- I. **O livro “A Minha Família”.** O conteúdo deste livro foi produzido pelos pais e pelas crianças no seio familiar. Nas imagens abaixo podemos observar alguns trabalhos feitos pelos EE e crianças. Posteriormente, compilado pelo observador participante e apresentado na sala ao grupo, após terem identificado os elementos da família do Capuchinho Vermelho. O livro “A Minha Família”, continha imagens registadas em casa pelos pais e as crianças. Segundo as OCEPE (2016), “na educação pré-escolar podem explorar-se aspetos relacionados com o conhecimento de si e com os seus contextos mais próximos”. (p. 88) Promove uma educação significativa na medida em a criança coloca questões, leva a criança a identificar os principais elementos família.



Figura 5 - Atividades feitas pelas famílias

- J. **Atividade Supervisionada 18/05/2023.** Os objetivos da atividade foram: Levar a criança a conhecer as características de alguns animais, principalmente a que

grupo pertencem, onde vivem, o que comem, de que é revestido o seu corpo, se é ou não um mamífero, quantas patas tem. Para a construção da rima, cada criança referiu o seu nome, com o animal que escolheu (*ex. João rima com leão*). Assim todas as crianças disseram o seu nome e uma rima para o animal que escolheu. Algumas crianças precisaram de ajuda para encontrar a sua rima. Numa folha A4, desenharam o seu animal assim como o seu habitat. Por fim, o livro foi compilado e apresentado à turma, (esta atividade foi trabalhada com as crianças, individualmente e em grupo ao longo do estágio). Na apresentação do livro, cada criança apresentou a página que desenhou. Consistiu em dizer o seu nome e entre o seu nome e o animal escolhido, apenas dizia a palavra rima. Por fim mostrava o animal e o seu habitat ao grupo. Posteriormente foi proporcionado às crianças a atividade de participação num jogo.

- K. **Jogo Animais da Selva e do Campo.** Nesta atividade o grupo mostrou interesse pelo jogo que decorreu da seguinte forma:

As crianças ficaram de pé do lado de fora do tapete, deixando um espaço entre o tapete e os seus pés, de modo que coubessem as imagens dos animais. Posteriormente, foram distribuídas, aleatoriamente, as imagens dos animais sendo colocadas à frente de cada criança entre o tapete e a criança. Também foram trabalhadas as noções espaciais. De acordo com as OCEPE:

A orientação diz respeito ao conhecimento do local onde a criança está e como se movimenta no seu meio, isto é, envolve a compreensão das relações entre diferentes posições no espaço, primeiro em relação à sua posição e ao seu movimento, e depois numa perspetiva mais abstrata”. (OCEPE, 2016, p. 80)

O objetivo do jogo foi essencialmente trabalhar a atenção e a concentração, além de ter permitido tomar consciência dos diferentes conceitos e noções matemáticas, criando relações de comparação, de quantidade e tamanho. De referir que o jogo não deve ser considerado uma atividade isolada, e sim uma atividade dentro de uma sequência definida ou meio para alcançar objetivos educacionais.

Utilizando jogos pedagógicos, torna-se realmente mais fácil para trabalhar conceitos e princípios. Segundo as OCEPE (2016), “as crianças vão compreendendo o mundo que as

rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais”. (p. 85)  
Recordando Piaget (1937, citado por Reis, 2013),

Os jogos simbólicos e os jogos de regras são essenciais na vida da criança. Porque vão contribuir para um bom desenvolvimento infantil. Ao motivarmos a criança, esta irá melhorar o seu desenvolvimento, assimilará experiências e informações, e sobretudo interiorizará atitudes e valores. (Reis, 2013, p. 1557)

Para consolidar os conteúdos também esta atividade daria para trabalhar a matemática, no sentido em que as crianças poderiam fazer dois conjuntos, um para os animais da quinta e outro para os animais da selva, podendo fazer a contagem de cada grupo, ou fazer conjuntos dos animais aquáticos, aéreos, terrestres e a sua contagem, quais os animais que têm duas ou quatro patas, entre outros.

- L. **Construção do Cartaz.** Para a colaboração do cartaz, as crianças fizeram atividades de expressão plástica, com a carimbagem das mãos, utilizando tinta de guaches, recortaram e ajudaram na construção de algumas rimas de um animal com o habitat dos humanos. Os animais foram pintados e recortados pelas crianças e cada criança colocou o desenho dentro da sua “casa”. Na porta da “casa”, do lado exterior, estava a sua foto e uma rima relacionada com o animal que estava na casa (ex: nesta casa tem um ninho, quem dorme nele é o passarinho). As imagens abaixo mostram a atividade do cartaz.

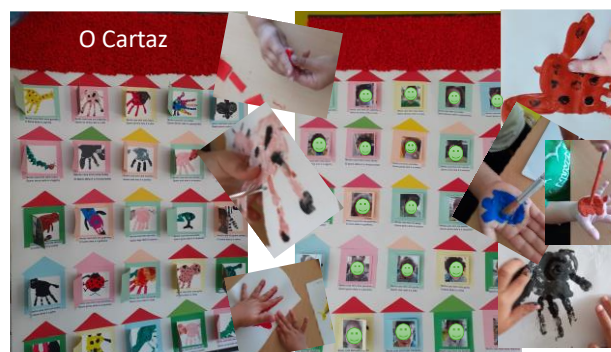


Figura 6 - Atividades de expressão plástica

Os animais foram escolhidos pelas crianças. Algumas crianças continuaram a escolher o mesmo animal que tinham no livro das rimas, enquanto outras, preferiram escolher um animal diferente.

### 2.1.3. Avaliação do Projeto de Intervenção em Educação Pré-Escolar

O desenvolvimento do projeto deu-se com a intervenção das crianças durante a leitura das histórias, das descobertas que fizeram em casa e partilhavam com os amigos na sala, no momento do recreio, durante as brincadeiras (espaço exterior) quando descobriam um animal. A finalidade do projeto foi sensibilizar as crianças para a importância dos animais no seu habitat. O tema surgiu do interesse das crianças pelos animais, e a partir da curiosidade das mesmas em saber quais eram os seus habitats e a sua alimentação. Segundo as OCEPE (2016), “o contacto com os seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são naturalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem”. (p. 90) No entanto, também foi possível trabalhar em simultâneo não só a Área de Expressão e Comunicação, domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, mas também a Área do Conhecimento do Mundo envolvendo a Formação pessoal e Social.

As crianças foram incentivadas a ver situações do quotidiano, sobre os fenómenos do meio físico e natural, por exemplo: o desenvolvimento da sementeira e os cuidados a ter para não murchar. As crianças, através destas atividades, desenvolveram habilidades cognitivas, motoras e sociais. Aprenderam sobre o meio ambiente, diferentes profissões, elementos da família, reciclagem, narrativas, rimas, características de alguns animais e seus habitats. Além disso, promoveram a colaboração, a criatividade e a comunicação. Envolvermos os EE, a sua participação foi significativa, colaboram de acordo com as suas possibilidades, contruíram os habitats dos humanos, e colaboram com os seus filhos nos desenhos da família.

## 2.2. Projeto de Intervenção no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

A prática de ensino supervisionada (PES) no Ensino do 1º Ciclo foi centrada num projeto de intervenção cujo tema foi: Promover hábitos de leitura em alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico. Atendeu-se ao facto de a turma ser multicultural, predominando alunos filhos de pais não portugueses, além de vários alunos terem dificuldades em ler e não

tinham hábitos de leitura. Por este motivo e porque alguns alunos faltaram muitas vezes às aulas, tiveram dificuldade de “acompanhar” a turma no que se refere à leitura. Consequentemente, estes alunos nesta situação, ficaram um pouco à margem em relação aos restantes elementos da turma.

Verificou-se ainda que apenas um ou dois elementos apresentavam hábitos de leitura, ou pelo menos costumava ler algum livro em casa. De acordo com Bastos (1997), “sabemos que as “histórias”, os livros, que as crianças leem, contribuem para a construção de um sentido de identidade, que é simultaneamente identidade pessoal e social”. (p. 40)

Neste contexto o estímulo à leitura e o contar uma história com um livro fez toda a diferença. Foi um desafio para nós, professores, tornando a nossa leção mais didática e interdisciplinar. O livro foi o motor, a base e aperitivo, capaz de mitigar a sede de conhecimento e de aprendizagem ao longo da vida. De acordo com Azevedo e Balça (2016), “um desafio porque nós não nascemos leitores, mas tornamo-nos leitores, em função das experiências positivas e gratificantes que temos com a leitura ao longo da vida”. (p. 1)

O incentivo à leitura foi assumido como pilar basilar, para o desenvolvimento da autonomia, para o crescimento pessoal e social de cada criança na inter-relação com os outros, de modo que possam criar resiliência aos desafios que se lhes apresentam no quotidiano. Segundo Azevedo e Balça (2016), “a literatura desempenha hoje, nas sociedades atuais, um papel fulcral na partilha de valores, saberes, conhecimentos, que nos auxiliam a pensar o mundo, a interrogá-lo e a sentirmo-nos habitantes de uma casa comum”. (p. 2)

Antes de embarcamos para a prática conjunta, os alunos foram desafiados a participar ativamente nas atividades do projeto. Os recursos utilizados foram livros de histórias, manuais do aluno, jogos, elementos do ambiente externo, materiais artísticos, computador e projetor, computadores dos alunos, matérias de manipulação e experimentação, (terra, plantas, tintas, barro, lupas, ingrediente para a receita do bolo de bolacha, etc.) A metodologia foi centrada no aluno, envolveu aprendizagem ativa, colaborativa e baseada em projetos. Foi uma avaliação formativa e inclusiva, valorizou o

progresso dos alunos. A prática foi gerida de modo flexível e promoveu aprendizagens significativas, focadas na experimentação e na interdisciplinaridade. As atividades proporcionaram experiências educativas diferenciadas, estimularam a criatividade e o pensamento crítico, indo ao encontro das AE de Português de 2º Ano (2018): “educação literária por meio de uma relação afetiva e estética com a literatura e com textos literários orais e escritos, através de uma experimentação artística-literária que incluía ouvir, desenhar, ler, escrever, dramatizar, representar, recitar, recontar, apreciar”. (p. 4)

### 2.2.1. Justificação e Fundamentação da Planificação no Ensino do 1º

#### Ciclo do Ensino Básico

A turma do 2º, sendo um grupo multicultural, integrava algumas crianças com alguma dificuldade na leitura. Além disso, no contexto de sala de aula, foi observado que as crianças não manifestavam hábitos nem apreço pelos livros e pela leitura. Com efeito, dos 23 elementos da turma que eram assíduos, apenas dois elementos manifestaram que faziam leitura fora da sala de aula.

Considerando as necessidades da turma e o desafio da PES, o projeto de intervenção foi: “A Promoção de Hábitos de Leitura em alunos do 1º ciclo do ensino básico”, para colmatar as dificuldades emergentes da turma. Assim, a fundamentação do projeto de intervenção baseou-se no problema anteriormente identificado, no sentido de implantar estratégias que fortalecessem os hábitos de leitura, incentivando o acesso a materiais literários e criar espaços para a leitura.

Falar de promoção de hábitos de leitura implica, antes de mais, assumir como principal objetivo formar leitores assíduos, competentes, capazes, com a capacidade de serem analisadores daquilo que leem. Para Santos (2000), “sem uma leitura fluente, que possibilite ao sujeito abarcar unidades significativas de texto e acompanhar a linha de pensamento do autor, a compreensão fica dificultada, quando não mesmo comprometida”. (p. 33-34) Ora, precisamente neste sentido, as AE de 2º Ano da área de Português destacam a curialidade do domínio da Educação Literária, ao “fazer da leitura um gosto e um hábito para a vida e encontrar nos livros motivação para ler e continuar

a aprender dependem de experiências gratificantes de leitura”. Decorre ainda do entendimento que criar hábitos de leitura é um processo lento e exige atividades frequentes que envolvam a leitura e o livro. (AE, 2018, p. 3)

Por isso mesmo, este projeto justificava-se para desenvolver uma intervenção dinâmica, utilizando atividades com estratégias apelativas, na motivação à leitura para os alunos do 2º ano. De resto, cabe a nós, professores, fomentar e motivar o gosto pela leitura nas crianças. Adragão & Reis (1990), “dizem que, a leitura deve ser um instrumento de aquisição de cultura e um meio através do qual o leitor possa extrair do papel impresso uma satisfação pessoal”. (p. 87) A leitura, para além do espaço, leva-nos a viver além do real, dando asas à imaginação e a criatividade para sonhar, recriando a mente e modelando os corações numa fonte inesgotável de satisfação e saber.

Este projeto foi implementado na sala de aula, individualmente e em grupo, através da exploração de obras do PNL, da biblioteca escolar e histórias trazidas de casa, bem como do livro de leitura do aluno. De acordo com Serrazina (2017), a planificação é vista como um conjunto de processos nos quais o professor tenta prever o futuro, pondera os meios e os fins, e constrói uma tabela para orientar o seu pensamento e ação futura. A planificação do projeto de 1º ciclo, encontra-se em (Apêndice F).

Foram objetivos gerais do projeto:

- Desenvolver ações que motivassem os alunos para a leitura e permitissem criar hábitos de leitura espontâneas.
- Levar os pais à escola;
- Promover a interdisciplinaridade.

Como objetivos específicos:

- Desenvolver a expressão e comunicação;
- Ler com articulação correta, entoação e velocidade adequadas ao sentido dos textos, narrativas e poemas adequados à idade, por iniciativa própria ou de outrem.
- Envolver a família para a promoção da leitura.

## 2.2.2. Atividades e Estratégias de Implementação no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Na implementação do projeto na sala do 2º Ano foi criado em sala de aula uma rotina diária de leitura, partilhada pelos próprios alunos, diversificando deste modo as experiências de leitura a que os alunos estavam habituados. Segundo Santos (2000), “a aquisição de interesses e hábitos de leitura consistentes é um processo contínuo, que se inicia em casa e que deve ser reforçado na escola”. (p. 79) Com esta estratégia foram fortalecidos o gosto pelas histórias, o desenvolvimento de competências em todas as áreas curriculares e aperfeiçoando a consciência fonológica. O domínio da educação literária desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das competências de leitura, escrita e compreensão textual. Aprendizagens Essenciais (2018), alegam que é importante promover “a criação de experiências de leitura que impliquem ler e ouvir ler, dramatizar, recitar, recontar, recriar, ilustrar”. (p. 10)

De acordo com Mergulhão (2008, p. 55, citado por Mendes, 2015), “ao adulto-mediador compete desencadear mecanismos pedagógicos que, ao invés de promoverem a mera instrumentalização da leitura, facilitem, simultaneamente, o processo de fruição estética e a atribuição de sentidos ao narrado”. (p. 148) Assim, a implementação do projeto foi concretizada por oito procedimentos que passo a enumerar:

1. Distribuição de histórias na sala de aula.
  2. Distribuição de histórias pelas turmas.
  3. Atividade “Conta-me uma história”.
  4. Cantinho da leitura;
  5. Saída ao exterior - Leitura no bairro de uma estrofe ou verso.
  6. Construção de um livro com a turma.
  7. Construção de marcadores.
  8. Ida à Biblioteca.
- A. **Distribuição de histórias na sala de aula.** Os alunos foram convidados a levar um livro de casa para poderem ler e partilhar com a turma. Este pedido foi bem aceite pela turma, embora um bom número de alunos não levasse livros de casa. No entanto, todos eles tiveram a possibilidade de fazer leitura, pois

os colegas que levaram, deixaram os livros na sala e emprestaram aos que não tinham, proporcionando à turma momentos de partilha, conhecimentos e de aprendizagens. A estratégia utilizada foi a leitura em voz alta, em que uma criança lia uma história à turma utilizando um livro à sua escolha. De recordar que "ouvir-se e ouvir ler em voz alta é quase que simulação da dádiva direta de quem criou a história a quem a está a fruir". (Soares, 2003, p. 54) Esta atividade normalmente acontecia no início da primeira aula, embora, por vezes, fosse repetida na segunda ou na terceira aula, isto porque os próprios alunos pediam para continuar a ler e concluíam a história começada. Alguns livros que os alunos do 2º Ano escolheram e leram na turma, "O Gato Gatão Poeta de Profissão" da autora Graça Breia, "A Estrela de Laura" de Klaus Baumgart, "Malala" de Adriana Carranca, "Todos os Pais São Diferentes" do autor Gill Pittar, entre muitos outros. As histórias que os alunos partilharam às outras turmas, foram narrativas que antes tinham sido partilhadas na sua turma, ouviram, gostaram e optaram por partilhar essas mesmas narrativas. Das histórias partilhadas à turma pelos alunos, algumas delas tinha conteúdos que foram ao encontro ao que eles tinham feito ao longo das aulas, consolidando, deste modo os seus conhecimentos.

- B. **Distribuição de histórias pelas turmas.** Quando a proposta foi colocada à turma, um dos objetivos foi levar apenas os alunos mais fluentes na leitura, porque apenas esses eram capazes de se fazerem ouvir e entender. Uma vez que todos os alunos quiseram participar nesta atividade, foi construída uma tabela, onde cada um pôde dar o seu contributo dentro das suas possibilidades e dos seus conhecimentos. A turma foi dividida aos pares ou em pequenos grupos. Cada pare ou grupo escolheu uma história, e foi ler a uma turma. De acordo com Arends (2008), "os alunos para poderem trabalhar eficientemente em grupos de aprendizagens cooperativa, eles têm de se conhecer uns aos outros e respeitar as diferenças individuais". (p. 363) Os dias e as horas foram determinados pelos professores das respetivas turmas. Alguns livros que os alunos escolheram para leram nas turmas:

“Jerónimo e Josefa” de José Saramago, “O Gato das Botas” de Ana Oon, “Histórias de Encantar” vários autores, “O Lobo Partiu à Descoberta do Museu” da autora Oriane Lallemand, entre muitos outros. Qualquer um destes livros, os alunos já conheciam o conteúdo, porque tinham lido na turma. As turmas foram visitadas uma vez por semana, com o tempo de cinco a dez minutos. O objetivo foi incentivar a turma do 2º ano à leitura e deixar nas crianças das turmas visitadas, o desejo de, também elas, tomarem o gosto pela leitura.

De acordo com Sim-Sim (1998), “através da linguagem recebemos, transportamos e armazenamos informação; usamo-la para comunicar, organizar e reorganizar o pensamento”, (p. 19) e expressar emoções e relacionarmos uns com os outros de forma significativa.

- C. **Atividade “Conta-me uma história”.** Esta estratégia foi efetuada semanalmente. O objetivo foi levar os EE à sala de aula, para ler ou contar uma história (cinco minutos). Esta teve uma calorosa participação dos EE, a família foi à sala de aula. Santos (2000), afirma que: “o papel da família é essencial em todo o processo de motivação e aprendizagem, uma vez que ela funciona simultaneamente como modelo de ação e como agente mobilizador de comportamentos e de atitudes”. (p. 103) Proporcionou, deste modo, à turma, ver e ouvir um familiar a ler ou contar uma história em contexto de sala de aula. Os autores Gonçalo & Pereira (citado em Mesquita, 2002) afirmam: “Saibamos trazer à escola a família de uns para que todos lhe possam chamar sua”. (p. 187)

Segundo Arends (2008), “trabalhar com os pais, independentemente das dificuldades, é importante. Estas iniciativas vão afetar não só a aprendizagem dos alunos, mas também ajudar a criar um forte sistema de apoio na comunidade para os professores participantes”. (p. 494) Este momento que foi de suma importância, não para o projeto em si, mas para os alunos. Porque a presença dos pais na escola demonstrou interesse ativo na educação dos filhos, o que pode motivar os alunos a se dedicarem mais ao

estudo, neste caso à leitura. Nas imagens que se seguem podemos observar alunos e alguns EE a ler na sala de aula.



Figura 7 - Crianças e EE a contar histórias na sala de aula

É fundamental construir uma boa relação entre escola-família tendo em conta o que nos refere Reis (2008), que diz que a família é “a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do carácter das pessoas”. (p. 61) As crianças estavam orgulhosas, certamente que alguns alunos por verem os pais dos colegas na sua sala a contar uma história, ainda foram capazes de convencer alguns pais mais resistentes a participarem neste momento da leitura lúdica. Monteiro (2014, “a participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos” deverá ser “um objetivo importante a desenvolver”. (p. 20) Este impacto de verem um familiar a ler uma história à turma na sala de aula, irá fazer parte das memórias da criança para o resto da vida.

Pais que são leitores ativos podem facilmente influenciar os filhos. Para Santos (2000), na verdade, os “pais desempenham, enquanto modelos, um papel decisivo, o que significa que, se eles próprios forem leitores regulares, poderão facilmente, convencer os filhos a ler”. (p. 79) Alguns EE, mais do que ler e dialogar sobre os conteúdos do livro, conversaram com a turma sobre a importância da leitura, que os livros transmitem muitos conhecimentos, quando lemos, estamos a nos munir de conhecimentos. Ler cada dia um pouco, é muito importante.

Concluiu-se que esta atividade foi de extrema importância, pois a colaboração dos pais/famílias torna o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e frutuoso para os alunos. Além disso, é importante haver esta ponte para que juntos possam fazer um trabalho mais produtivo. Segundo Adragão & Reis (1990), “ser professor de

Português é partilhar com os alunos a ideia de trabalhar uma língua, é desvendar uma herança cultural, é caminhar no sentido da identidade dos que falam”. (p. 85)

- D. **Cantinho da leitura.** Embora na sala de aula tivesse uma estante com livros que os alunos podiam consultar, foi lançada a proposta à turma para levarem de casa para a sala de aula um livro. O objetivo foi construir um espaço propício à leitura, proporcionar ao aluno nos momentos livres, a possibilidade de ler, motivando-o a manusear os livros. Apoiando-se em Casanova (2020), esta atividade visava, no fundo, incrementar “uma dinâmica inter-relacional entre o leitor e o texto”. (p. 282)

Estes momentos, para além de terem proporcionado aquisição de conhecimentos, enriquecimento do vocabulário, proporcionou a partilha entre os alunos e o trabalho em equipa, favoreceu o gosto pela leitura e deixou a turma mais entusiasmada na exploração de livros.

Este espaço passou a ser designado por biblioteca, sendo constituído por uma estante com livros e um tapete. Foi uma atração para os alunos, vindo estes a correr para aproveitar por uns minutos para manusear ou continuar o livro começado. Os alunos puderam, deste modo, usufruir e deliciar-se dos momentos de leitura tanto individual, como partilhada, dando a possibilidade do próprio aluno poder descobrir por si próprio a riqueza que o livro lhe oferece. Algumas crianças exclamaram: “faz lembrar a outra escola”. Como Ribeiro (2015), salienta, “as escolas também têm responsabilidades na promoção do gosto da leitura, devendo garantir que todas as crianças têm acesso a diversos materiais de leitura”. (p. 53) Deste modo, quer a escola quer o professor devem ser mediadores deste incentivo para a aprendizagem de bons leitores, pelo que é importante criar oportunidades na própria sala, para além das sinergias que possam ser estabelecidas com a biblioteca escolar.

- E. **Saída ao exterior - Leitura no bairro de uma estrofe ou verso.** O objetivo desta atividade, foi levar os alunos à comunidade, para partilhar leitura de pequenos textos como poemas, lengalengas e provérbios, com articulação correta e prosódia adequada, promovendo a leitura individual e coletiva na comunidade. Os versos e os provérbios foram antecipadamente preparados

pelos alunos. Para Appleyard (1990, citado por Santos 2000), “o ato de ler é, primeiramente, um encontro entre um leitor particular e um texto, num determinado espaço particular”. (p. 36):

Com esta atividade, a turma teve a oportunidade de sair à rua e partilhar com algumas pessoas a leitura previamente preparada pelos alunos na sala de aula. De acordo com Santos (2000)”, é necessário, definir estratégias que possam ser postas em prática no contexto escolar, de forma a tornar a leitura uma atividade suficientemente aliciante para captar o interesse e a adesão dos alunos”. (p. 80)

Para a concretização da saída ao exterior, foi preparado um documento de autorização dos pais para a saída dos seus educandos ao bairro, assim como o seguro da escola. Segundo Gonçalo & Pereira (2002), “a cada criança deve ser dada a oportunidade de conhecer a sua própria identidade para, depois, ser criadora das suas próprias ideias e adquirir a capacidade de criar espaços novos onde possa guardar a memória do povo que a antecedeu”. (p. 186) Nesta iniciativa, de ler no bairro uma estrofe ou um verso, as pessoas tiveram uma atitude de abertura e de acolhimento e sentiam-se gratas pela partilha feita por estes alunos do 2º Ano. Nesta linha, recorde-se Sim-Sim quando defende que:

A linguagem é usada para comunicar a partilha de experiências e o conteúdo de tais experiências, assim como o modo de as comunicar, varia de acordo com as regras em vigor no grupo. Através da interação, a criança aprende a conhecer a estrutura de pertença social e o seu papel em tal organização. (Sim-Sim, 1998, p. 267)

Com efeito, por meio desta atividade, os alunos puderam partilhar textos de tradição popular, promovendo, deste modo, a leitura individual e coletiva na comunidade, dando a possibilidade de desenvolver a oralidade e consolidando os conhecimentos adquiridos na sala de aula. Uma vez na rua, sempre que se encontrava um adulto, uma criança partilhava a sua leitura à pessoa que se disponibilizava para ouvir, os restantes elementos do grupo ficavam em silêncio. As imagens abaixo mostram alguns momentos vivenciados pela turma.

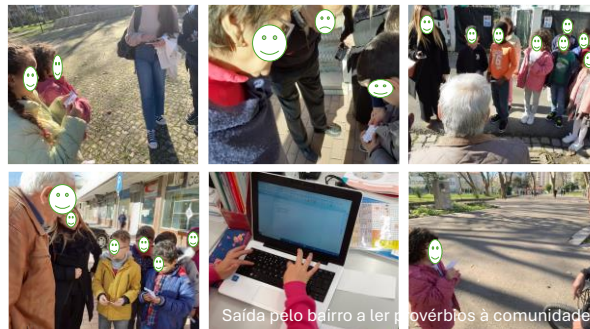


Figura 8 - Partilha dos provérbios com algumas pessoas no bairro

Cada um por sua vez leu com muita naturalidade. Apenas dois alunos tiveram dificuldade, mas as pessoas, como conheciam os provérbios, acabaram por completá-los, deixando alguns alunos admirados, pensando que eles tinham avinhando a leitura. Foi aproveitado o momento, e lembrado que os provérbios são conhecidos das pessoas: como no caso em que uma senhora reforçou que a mãe dela costumava dizer o mesmo provérbio - “Mais vale um pássaro mão do que dois a voar”. Esta afirmação veio confirmar o que foi partilhado na sala de aula, que os provérbios são ditos pelo povo, desde há muitos anos. De referir que as estrofes e provérbios foram antecipadamente digitalizados pelos alunos na sala de aula.

- F. **Construção de um livro com a turma.** O objetivo desta proposta consistia em, juntamente com a turma, a participação dos familiares. A construção do livro com a turma foi iniciada na sala de aula com a ilustração da bilha rachada, tendo cada aluno ilustrado a sua parte da história de que tivesse gostado mais. Posto que “os pais podem fazer perguntas sobre o que o filho leu e encorajá-lo a contar o que descobriu”. (Soares, 2003, p. 96), e em casa o aluno teve como missão recontar a história ou parte da história que mais gostou de ouvir na aula, motivando assim a partilha de experiência de leitura em contexto familiar. Por sua vez, em casa, os familiares, ilustraram também parte da história que mais gostaram. Envolver os EE na criação de desenhos, demonstrou a importância da família no processo educacional.

Os desenhos feitos pelos pais, manifestaram que, realmente os alunos foram capazes de transmitir os conhecimentos adquiridos nas aulas. No final deu-se a recolha dos desenhos feitos pela turma e pelos pais. Posteriormente, compilámos o livro e por fim

foi feita a apresentação à turma. O livro foi acolhido como um tesouro e manuseado, vezes sem conta, por toda a turma.

G. **Construção de marcadores.** Cada grupo ilustrou um conjunto de 24 marcadores da respetiva história que distribuíram no final à turma designada. Sentiu-se as demonstrações de agrado das duas partes. Segundo Adragão & Reis (1990), “para além do professor, antes dele ao seu lado, recebem os alunos os mais variados estímulos e são confrontados com os mais diferentes modelos, desde o berço ao intervalo antes de cada aula”. (p. 15) Cada grupo que ilustrou, teve a alegria de fazer a distribuição às turmas onde leram a história. Nas imagens abaixo encontra-se registo das atividades.



Figura 8 - Atividades dos marcadores

A. **Ida à Biblioteca.** Esta atividade constituiu na implementação de uma biblioteca na sala de aula, sendo compilada e ampliada com vários livros da literatura infantil. Os alunos que não levavam livros de casa, manifestavam desejo de ir à biblioteca levantar um livro para ler à turma. Lima diz que:

A escola surge como uma extensão da família, tendo como uma das suas funções, alargar e complementar o seu papel educativo e as bibliotecas têm um fim mais alto que fornecer aos leitores os livros que eles conhecem: é dar-lhes a conhecer o que eles ignoram. (Lima, 1992, p. 41)

Tendo este autor por base, esta foi também uma das preocupações motivacionais para com este projeto ida à biblioteca. Isto demonstrou o quanto um colega pode ser, ou não, um motivador dentro ou fora da sala de aula, dando exemplo com o seu desempenho, esforço e dedicação.

### 2.2.3. Avaliação do Projeto

Este projeto proporcionou uma série de vivências e oportunidades de aprendizagem em contexto real de intervenção educativa. Contribuiu para uma maior autonomia e liderança no contexto de sala de aula, desafiando a adaptar os conceitos teóricos à realidade prática, orientando de forma concreta a conciliação entre os interesses das crianças, as necessidades observadas e o desejo que desenvolver um processo de ensino-aprendizagem envolvente, significativo, cativante, agregador. No fundo, este projeto potenciou o redescobrir da força e da importância dos livros de histórias de receção infantil na formação e enriquecimento curricular e pedagógico em todas as áreas curriculares.

De referir que a leitura das histórias partilhadas envolveu não apenas os alunos do 2º ano, mas também os alunos das outras turmas da escola. Os alunos tiveram uma grande aproximação com os livros de histórias de receção infantil, os quais proporcionaram aquisição de conhecimentos, uma vez que cada pequeno texto partilhado, os alunos questionavam quando não entendiam o significado de uma palavra, se por acaso não questionassem, eles próprios eram questionados, no surgimento de alguma palavra nova ou estranha.

Também contou com o envolvimento dos EE, mostrando deste modo o interesse e a preocupação no sentido de os seus educandos poderem evoluir e crescer. Alguns alunos, ao verem os pais de outros colegas a lerem uma história na sala, foram eles próprios responsáveis por levar a que mais EE participassem nestas atividades.

Ainda em jeito de balanço, sublinhe-se que foi com grande motivação que os alunos do 2º ano saíram pelo bairro a partilhar provérbios às pessoas. A partilha acabou por ser muito rica, uma vez que as pessoas deixaram uma palavra de agradecimento, de incentivo à leitura e, sobretudo de partilha de provérbios, passando deste modo aos alunos a convicção de que é importante adquirir conhecimentos, que estes passam de geração em geração e que fazem parte da caminhada de crescimento.

## PARTE II ESTUDO IMPÍRICO

### 3. Enquadramento Teórico

#### 3.1. Iniciação à Educação Literária

Ao longo destes últimos anos verificou-se um aumento de obras muito apelativas para a infância, que mostram a cumplicidade entre texto e a imagem. Mendes (2015) diz que, “os livros que integram o paradigma da Literatura Infantil não existem para dar seja o que for. Eles existem para nos encantar, para neles encontrarmos refúgio e colo, para com eles viajarmos sem pressa e sem hora marcada”. (p. 147) Existindo vários géneros literários, livros e textos, colocam-se várias questões ao educador/professor: que obras e textos selecionar e com que critério? Por que caminhos enveredar para fomentar a iniciação à educação literária? Que estratégias usar em função da promoção do gosto pelos livros e pela leitura? Como orientar todas estas escolhas de acordo com as características de cada faixa etária?

A qualidade das obras de receção infantil e juvenil é fundamental para promover o desenvolvimento intelectual e criativo das crianças e jovens. Para Bastos (1999), uma obra de qualidade é aquela que cativa, desafia e estimula o interesse dos leitores mais jovens; é quando a obra oferece narrativas bem estruturadas, com personagens envolventes, temas pertinentes e adequados a cada faixa etária, desperta a curiosidade, incentiva à imaginação e ao desejo de explorar novos mundos através da literatura. As ilustrações dos livros de literatura infantil são fundamentais na Educação Pré-Escolar, pois estimulam a imaginação e a criatividade, além de auxiliar na compreensão do texto, permitindo à criança seguir a narrativa com noção mais clara. Neste sentido Rigolet (2009) refere que “a ilustração nunca se limita estreitamente ao plano, mas conta com a nossa imaginação para criar o que falta e, assim, o “não representado” passando a ter tanta ou mais importância do que o representado”, (p. 13) não obstante a magia da leitura e do livro também poder resultar “de uma interligação muito cúmplice entre texto e imagem”. (Ramos, 2007, p. 167)

Para maior eficácia da intervenção educativa, as crianças em idade Pré-Escolar dependem do olhar atento do educador na escolha e na diversificação dos materiais.

Segundo Magalhães (2008), “ao contrário do adulto, a criança é um leitor peculiar, com reduzidas competências básicas de acesso aos textos literários e sem hipóteses de autonomia na escolha”. (p. 55) Terá por isso uma especial consideração pelos diferentes géneros literários – texto poético, texto narrativo e texto dramático – e atenderá ainda ao potencial das novas tecnologias interativas na sua abordagem.

De entre os grandes desafios que se colocam aos educadores, Magalhães (2008) sublinha a importância de “proporcionar às crianças meios e estratégias específicas para que adquiram a capacidade de ler (em particular, a capacidade de ler textos literários)”. (p. 71) Tal significa que a escola tem de ter uma consciente capacidade seletiva ao oferecer a estas faixas etárias (dos 3 aos 5 anos) o que de melhor foi produzido na literatura para crianças, defendendo uma rigorosa seleção de textos e livros, porventura alinhada com as referências do PNL.

De entre algumas referências de autores portugueses intemporais, podemos contar com as indicações ainda atuais de Bastos (1999): Maria Alberta Menéres, Luísa Dacosta, António Torrado, Luísa Ducla Soares, Manuel António Pina, Eugénio de Andrade, Leonel Neves ou Alice Vieira. Na verdade, considere-se a título de exemplo o acolhimento e recetividade das crianças à obra da escritora Luísa Ducla Soares, como nos relata Florêncio (2001): “a adesão dos pequenos leitores a esta escrita é, diz-nos a experiência, imediata, incondicional e constante”. (p. 3)

Magalhães (2002) adverte para a armadilha dos livros exclusivamente destinados a crianças, povoados de lugares-comuns, poetizações primárias e de uma profunda infantilização dos seus conteúdos, desprovidos de qualquer qualidade estética e literária.

É sumamente importante o papel do educador na promoção da leitura literária, competindo-lhe desenvolver propostas didáticas adequadas e frequentes com os textos selecionados, e assim proporcionar, no jardim de infância, ambientes linguisticamente estimulantes, interagir verbalmente com cada criança e desencadear aquisições de forma holística. De resto, a literatura, e de uma forma especial o livro-objeto, oferece-se como importante ferramenta, com o potencial de promover o desenvolvimento de capacidades, mas também de promover a tomada de consciência e o aprimoramento

de atitudes. O educador/professor, nesta medida, tem a capacidade de antecipar as aquisições que poderão ser feitas, qual o potencial para a estimulação do ler por prazer, de que forma abordar a obra ou texto literário, desafiando, estimulando, convidado a uma leitura participada a compreender, a pensar os textos, a interiorizar e interpretá-los, e de certa forma recriá-los. O docente possui efetivamente um papel de destaque na formação de futuros leitores fluentes e críticos, mesmo em contexto de iniciação à educação literária.

Para uma melhor aprendizagem da leitura e da escrita, recorde-se algumas ações que favorecem essa transição a partir da literacia emergente e do contacto com a cultura escrita enunciadas por Mata (2008), que nos propõe proporcionar oportunidades para a exploração de diversos suportes de escrita, com diferentes características e utilidades (nomeadamente livros, revistas, panfletos), integrar o escrito nas vivências do jardim de infância (como por exemplo desenvolvendo mensagens e transmitindo recados com registo de letras e símbolos, assim como tornar presentes na biblioteca da sala livros de diferentes géneros.

Concordando, pois, com Dacosta (citado em Mesquita, 2002), o papel da leitura na infância é, pois, muito importante – decorra em espaços educativos formais, não formais ou informais, como seja numa biblioteca ou no seio familiar, uma vez que através da leitura se podem experienciar vivências de outro ou outros, no faz-de-conta, sem perigos e sem traumas, porque não é ainda a sério como na vida. Independentemente da diversidade de géneros e da utilidade dos textos explorados – “como prolongamento da função educativa ou meros complementos educacionais, e a que se podem juntar livros de divulgação científica e de divulgação e recreação histórica” (Magalhães, 2008, p. 211), a abordagem precoce da literatura de receção infantil favorece a formação de futuros leitores e promove o desejo de se aventurar em mais leituras e em experiências de leitura mais complexas.

O importante não é classificar ou determinar certo género literário, mas que o adulto-mediador tenha o cuidado de selecionar e fazer chegar à criança, o livro que acrescenta algo às suas vivências, que dê resposta às suas inquietações e permita a valorização da identidade e a construção da autoestima, ajudando o

processo de maturação tanto a nível psicológico como a nível emocional (Mergulhão, 2008, citado por Mendes, 2015).

É importante inculcar os afetos e os valores permitindo o amadurecimento, e o desenvolvimento da criatividade e da capacidade intelectual da criança.

É desde logo fundamental promover um contacto assíduo e prazeroso com o livro no processo de formação infantil, levando as crianças, como tão bem sugere a reconhecida autora Luísa Ducla Soares (2002), desde cedo a “amar os livros, desejar descobrir (...) o que escondem é algo que começa, deve começar logo nos primeiros anos de vida, bem antes da aprendizagem da leitura”. (P. 97-98) Na iniciação à educação literária, o contributo do educador é muito relevante, se proporcionarmos diariamente à criança o contacto com o livro, interagindo de diversos modos, valorizando e explorando a ilustração, explorando lugares, tempos e personagens numa desafiante relação com o meio em que a criança está inserida.

Existem aspetos que devem ser ponderados quando lemos, ou contamos uma história, para despertar na criança a curiosidade e o interesse pela história que está a ser lida ou contada, como o tom de voz, a expressividade e a dicção, contar devagar para que a criança compreenda e acompanhe a história, usar o corpo em simultâneo com a linguagem verbal, incentivar a criança na história iniciar as palavras e deixar a criança terminar, contribuindo deste modo para o desenvolvimento da linguagem e imitar sons torna a narrativa mais rica e desperta a imaginação da criança.

Há que valorizar o enorme potencial da literatura oral e tradicional, assim como da poesia e do conto literário ou de autor propositadamente escrito para a infância no Jardim de infância. Independentemente do género, importa cativar as crianças por meio da audição e leitura expressiva. A este propósito Rocha (1992) refere “a leitura individual do contador de histórias fundia-se com a leitura coletiva e atingia-se por fim a interiorização em cada ouvinte, marcada pelas próprias condições do indivíduo recetor”, (p. 18) o contador ultrapassa a simples leitura individual e faz ressoar de forma no interior de cada um. Segundo Magalhães & Alçada (1990) recordam, as histórias tradicionais nos primeiros tempos não eram dirigidas às crianças, mas sim ao povo em geral, e daí faziam as adaptações consoante o público ouvinte.

A escritora Luísa Ducla Soares, revela uma real habilidade em colocar-se na perspetiva da criança enquanto leitora/ouvinte, dialogando com ela e colocando-a, por vezes, no papel de narrador, como é o caso do «Poemas às Notas», em que a escritora brinca com os significados plurais da palavra (Rodrigues, 2006, p. 13). Florêncio (2001) alude que os poemas de Luísa Ducla Soares têm “ritmo persistente e encantador” e que “nos poemas escritos para crianças de forma inteligente, ensina a questionar, a contestar, a encontrar alternativas às atitudes comumente defendidas”. (p. 201) Assim sendo, quando escritos de forma criativa, os textos promovem o pensamento reflexivo, crítico, criativo e independente.

Além do referido, segundo Ramos (2007), ao iniciarmos as crianças nos textos literários, explorando-os apelativamente com criatividade e boa dicção, estamos a oferecer um convívio com o maravilhoso, assim como estimulando a imaginação e criatividade. Promover a leitura junto das crianças é uma necessidade e ao mesmo tempo um direito que as crianças têm. A autora enaltece o livro, a sua magnitude dizendo: “como passaporte para o sonho, tapete mágico que voa com segurança por um universo repleto de possibilidades. Países estranhos e longínquos, seres monstruosos e terríficos, princesas e fadas convivem numa harmonia só possível através da criação literária”. (p. 168-169)

As (OCEPE, 2016) referem que o educador ao contar uma história à criança usa algumas estratégias, como ler o título do livro ou simplesmente mostra o livro e deixa que a criança suponha o que vai acontecer: “estas estratégias, para além de promoverem a compreensão da funcionalidade e estrutura organizativa do texto, facilitarão também a identificação e apropriação gradual das especificidades inerentes às convenções do código escrito”. (p. 70) A literatura infantil contribui, em suma, para a formação e divertimento das crianças, até porque a criança, “através das histórias ela é capaz de tudo, pode praticar a aventura, tem acesso ao sonho e ao imaginário”. (Moreira, 2002, p. 140)

### 3.2. A Importância das Histórias de Receção Infantil nas Crianças em Idade Pré-Escolar

É plenamente assumido que as histórias e os livros devem fazer parte do currículo de cada criança desde a mais tenra idade, além de “nestas faixas etárias, o papel do adulto, do adulto mediador, seja ele o educador de infância ou membro da família, é indispensável”. (Balça e Leal, 2014) Reforçam que, através do manuseamento do livro, pode ser despertado o gosto pela leitura como algo importante e lúdico, tornando assim crianças motivadas para serem futuros leitores, sendo que, “através do contacto com o livro, podemos ver que além de sensibilizar para o prazer da leitura, integrando todas as áreas de conteúdo”. (p. 2)

O primeiro contacto que a criança tem com as histórias é no seio familiar, e decorre de forma oral. A narração oral dá a possibilidade de esta ouvir, compreender, questionar sobre o que lhe é dirigido e também de participar nesse mesmo ato criador. O contacto frequente com palavras novas, por seu turno, abre horizontes e expande o campo lexical. Sardinha (2007, Azevedo & Balça, 2016), “defende que as crianças devem interagir com os livros e a leitura precocemente para, desta forma, se suscitar e motivar o prazer da leitura, que pode ser desenvolvida, desde cedo, com uma metodologia adequada”. (p. 50) Assim, as idas às bibliotecas ou criação nas salas de aula é relevante, de forma a “proporcionar às crianças momentos de fruição de livros em espaços próprios, as bibliotecas; sejam as bibliotecas públicas ou as bibliotecas da própria sala ou da instituição de educação escolar”. (Balça e Leal 2014, p. 4)

A leitura pode emergir desde cedo no seio familiar, mas é consolidada na creche e na educação Pré-Escolar. De resto, como Viana, Cruz e Cadime (2017) assinalam, não deixam de ser contextos complementares, na medida em que “a família e o jardim de infância são os mais importantes microssistemas em que as crianças se inserem e onde desenvolvem um conjunto de atividades, papéis e relações interpessoais significativos”. (p. 20)

À medida que as crianças ouvem, compreendem e interagem com as histórias, absorvem informações sobre o que é explorado. De acordo com Sampaio (2001, citado em

Mesquita, 2002), “a literatura infantil é uma componente essencial na formação e desenvolvimento das crianças e jovens. A experiência da leitura e o encontro com o simbólico e o imaginário constituem um poderoso instrumento de desenvolvimento e enriquecimento pessoal”. (p. 15) Estimula do ponto de vista cognitivo e linguístico, na construção de conhecimento acerca do que a rodeia, reconhece e vivência, do que sente, no estabelecimento de relações lógicas de causa-efeito, de ordenação temporal, de associação da palavra a realidades concretas e abstratas. Leva ainda a criança a interagir e estimula a criatividade. Porém, como adverte Mendes (2019),

Não basta que a criança tenha contacto com bons livros: é preciso ajudá-la a perceber o que se esconde por detrás do texto e das imagens, através de uma prática educativa que promova a constante participação da criança na interpretação do que ouve ler e do que vê nas ilustrações. (Mendes, 2019, p. 33)

Por outras palavras, tem de existir uma sólida intencionalidade pedagógica, comprometida com os horizontes de formação da criança, pelo que a abordagem do livro-objeto e das ilustrações deve passar por fomentar o pensamento crítico das crianças, desafiando-as a compreender e a interpretar as ilustrações de forma livre e criativa. Além disso, convém ter atenção ao potencial do livro-objeto. A ilustração das histórias são um auxiliar precioso não só para captar a atenção das crianças, principalmente nos primeiros anos de vida, dando-lhes a oportunidade de estabelecer uma interligação entre o texto escrito e a imagem, a mensagem com mais clareza. A ilustração não deve ser apenas encarada como elemento adicional, complementar ou de consolidação da mensagem escrita, posto que pode ir mais além.

As histórias reais são também elas, fundamentais para as crianças, uma vez que elas vão-se identificar e compreender melhor a sua pertença no seio familiar. Tal é evidente quando se desencadeiam oportunidades para narrar e descrever episódios e experiências por si vividas. Nesta mesma linha, as OCEPE (2016) salientam que “é nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros e com o meio que a criança vai construindo referências, que lhe permitem tomar consciência da sua identidade e respeitar a dos outros”. (p. 33)

É importante avaliar o interesse e o envolvimento ativo das crianças, fazer com que elas interajam com o conto, adaptar e atender às necessidades específicas das crianças nesta

fase das suas vidas. Mendes (2015) salienta que, “o educador deve estar atento aos interesses, às necessidades e aos ritmos de aprendizagem de cada ser em crescimento”. (p. 141) Dado que importa, como enunciado nas OCEPE (2016), criar ambientes e situações que estimulem a curiosidade e a investigação, dando margem a que as crianças possam se expressar e desenvolver em todas as dimensões (desenvolvimento da linguagem, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento emocional, estímulo à imaginação e criatividade, habilidades sociais, conhecimento do mundo, desenvolvimento ético e preparação para a escola), a abordagem da literatura de receção infantil é sem dúvida pertinente e valiosa.

De resto, a livros e leitura oferecem-se como possibilidades prazerosas e importa que o/a educador/a esteja disponível para promover, com entusiasmo, essa ligação fundamental e entre crianças e imaginário. Como evidencia Basso (2018), “ouvir e ler histórias é entrar em um mundo encantador, cheio ou não de mistérios e surpresas, mas sempre muito interessante, curioso, que diverte e ensina”. (p. 1) É ainda de sublinhar que o contacto com histórias na Educação Pré-Escolar prepara as crianças na transição para a escola, ajudando na sua capacidade de escuta e participação em atividades educacionais. Vieira & Vieira (2005) alegam que “o questionamento encoraja e desafia o pensamento e, por isso, a criança tem necessidade de se expressar e de descrever aquilo que vê, que ouve e em que pensa”. (p. 45)

### 3.3. O Papel do/a Educador/a Face às Histórias de Receção Infantil

Tendo o interesse em compreender quais as perceções dos educadores face à importância das histórias para a aquisição de conhecimentos em crianças de idade pré-escolar, vejamos como tem sido percecionado o papel do educador na sua exploração. Como se refere nas OCEPE (OCEPE, 2016), é fundamental este profissional neste processo, ao criar ambientes promotores do envolvimento com a leitura e a escrita, que levem ao desenvolvimento de atitudes e disposições positivas relativamente à aprendizagem da linguagem escrita. (p. 71)

Este profissional docente não apenas lê histórias, mas desempenha um papel importante no estímulo à imaginação, à promoção da linguagem, na empatia e na formação de valores, lidando com outros géneros textuais. Torres (citado por Parafitas, 1999) afirma que, “o mundo das imagens e o mundo das palavras constituem dois modos de representação e de significados da realidade que devem complementar-se e não se opor nem se igualar. (p. 263) Assim, o/a educador/a tem a oportunidade de mediar o mundo das histórias e o mundo real das crianças, criando uma ponte de conexão entre as histórias e a vivência prática das crianças. De sublinhar deverá idealmente sempre “partir das experiências com significado para as crianças; não encarar nunca atividades de leitura e escrita como obrigatórias”. (Silva 1999 p. 332) Assim, é importante que tenha em conta os interesses individuais das crianças e escolher as histórias em função desses aspetos. Além disso, recorde-se, a criança quando tem “o contacto precoce e sistemático com os livros, e em especial com os livros de qualidade estética e literária”, (Mendes, 2015, p. 143)

O/a educador/a desempenha também um papel essencial no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças por meio das histórias. Já aqui houve ocasião de abordar o potencial da literatura tradicional e com efeito especialistas como Veloso (2002, citado por Viana, Martins et al. 2002) destacam que a literatura oral como as rimas infantis e os contos têm de fazer parte da bagagem profissional do docente em educação pré-escolar, sob pena de apresentar lacunas inaceitáveis para um bom exercício profissional. Na verdade, se por um lado as rimas infantis, as lengalengas e os trava-línguas possuem efeitos muito benéficos no desenvolvimento fonológico da criança, proporcionando a manipulação, o treino, o brincar com os sons e as palavras, por seu turno as narrativas favorecem o desenvolvimento da imaginação, da empatia e da capacidade de compreender diferentes perspetivas da realidade, promovendo o seu crescimento emocional e intelectual.

É importante que o educador proporcione momentos de aprendizagens significativas e experiências enriquecedoras, que estimulem e a curiosidade das crianças.

A consciência de si como aprendiz não é apenas individual, mas alarga-se e enriquece-se pela partilha das aprendizagens no grupo. Cabe ao/a educador/a

apoiar as crianças a cooperar entre si, a exporem as suas ideias e a debaterem a forma como fizeram e poderiam melhorar, a fim de que cada criança contribua para a aprendizagem de todos e tome a consciência de si como aprendente. (OCEP, 2016, p. 38)

Segundo Sardinha (2007, citado por Azevedo & Balça, 2016), nesta faixa etária, “as crianças têm uma maior capacidade de aquisição das competências básicas do processo leitor”. (p. 50) Porque naturalmente estão inclinadas a explorar, imaginar e absorver novas informações. Para Mendes (2015) “mesmo que a criança não compreenda o sentido do texto, facilmente se deixa fascinar pela música, sons, ritmos melódicos, imagens e movimentos”. (p. 147) São incentivadas a interagir com as histórias.

Rigolet (2009), diz que, “a criança vive o imediato, por isso, encontrar um ombro amigo onde possa chorar e compartilhar o seu excesso de emoções e poder ler não só a história com o adulto, mas ver também o seu rosto sinceramente comovido”. (p. 33) O mesmo autor refere ainda que as histórias de receção infantil são muito mais do que um passatempo:

Nunca é perda de tempo repetir a mesma história, reler o mesmo livro ou contar o mesmo conto: pelo contrário, enquanto houver interesse e pedido explícito da criança, o educador deve encontrar nele próprio a energia suficiente para o motivar a ler com o mesmo entusiasmo como se fosse uma primeira descoberta desta leitura. (Rigolet, 2009, p. 34)

Além disso é fundamental estar-se em constante colaboração com os pais, e fazê-los ver que têm um papel importante no incentivo à leitura. De acordo com as OCEPE (OCEPE, 2016), a colaboração dos pais/famílias, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem. (p. 30) Além de que as histórias devem fazer parte do projeto educativo e deve ser aberto também à participação da família.

O ato de contar histórias deve ser também com e não apenas para crianças. Seguir uma direção única e específica, tão presente em metodologias tradicionais, é de alguma forma castradora e desvaloriza o potencial da participação e do poder criador da criança. Azevedo e Balça (2016), defendem que “as crianças devem interagir com os livros e a

literatura precocemente para, desta forma, se suscitar e motivar o prazer da leitura”. (p. 50). Além de serem ouvintes, importa que também participem no ato de leitura e até que ensaiem elas mesmas o ato de folhear, de contar, de rimar.

A escolha de obras e temáticas requer que se tenha presente as intencionalidades pedagógicas em vista, para contribuir de forma consciente e articulada para a promoção de aquisições de forma integral, de modo que estimulem o desenvolvimento cognitivo, linguístico e até emocional da criança. O PNL salienta a importância de integrar a leitura no quotidiano das crianças promovendo aquisição de conhecimentos através de atividades lúdicas e interativas, que estimulem a criatividade. “A Lagartinha Muito Comilona” de Eric Carie é uma narrativa que introduz um vocabulário simples, tem repetições de frases e uma sequência lógica que ajuda a memorização, promove habilidades matemáticas. “Todos no Sofá” livro de Luísa Ducla Soares, tem um texto simples, acessível que se adequa à faixa etária dos 3 aos 5 anos. Aborda a convivência e a partilha e ensina a cooperação e o respeito pelos outros. “Amélia quer um Cão” de Tim Bowley, é uma narrativa que incentiva a persistência e criatividade, ajuda as crianças a expressarem os seus desejos e emoções. Fazer chegar à criança géneros literários de acordo com a faixa etária.

Refere Manzano (1987, citado por Bastos, 1999) que “os autores preferidos pelas crianças são aqueles que estabelecem a comunicação a partir de uma conexão estreita entre a realidade e a fantasia, permitindo-lhe realizar a experiência vital de uma compenetração na aventura ou situação vivida pelas personagens”. (p. 32-33) Assim, a opção por títulos sugeridos pelo PNL é uma mais-valia, com a garantia de possuírem qualidade literária e serem adequados tendo em conta a faixa etária da criança, bem como a sua origem, as dificuldades linguísticas e garantir que as histórias e temas abordados apelem à descoberta ou expressem, de algum modo, as suas realidades e experiências. Neste sentido, as OCEPE (1997) referem “não podemos, no entanto, esquecer de que o português não é a língua materna de todas as crianças que frequentam a educação pré-escolar”. (p. 66)

### 3.4. Família e a Promoção da Leitura

Contar histórias às crianças é uma atividade que pode ser partilhada entre pais, avós e outras pessoas, e que contribui para o fortalecimento dos vínculos familiares, criando momentos de união e afeto. Os avós desempenham um papel fundamental ao contar histórias às crianças desde a tenra idade, pois além de se transmitir textos tradicionais, fortalece os laços afetivos, proporcionando momentos de brincadeira entre as gerações. Constitui então uma oportunidade para contrariar o fosso geracional e garantir a salvaguarda de património oral, que vai além das histórias. Além disso, segundo Azevedo & Balça (2016), “o ambiente e a literacia familiares têm mais impacto nos primeiros anos de vida da criança”. (p. 31), pelo que ao favorecerem a partilha e discussão de valores e lições importantes, as histórias de receção infantil são importantes veículos de transmissão e desenvolvimento cultural e ético. Os autores acima referidos dizem ainda que “o papel da família é crucial e deve ser articulado e aprofundado pela escola, seja na sala de aula, seja na própria biblioteca escolar, de modo a as crianças e os jovens desenvolverem hábitos e competências de leitura e escrita”.

As narrativas possuem um papel importante no desenvolvimento da criança na idade pré-escolar, além de proporcionarem momentos de aproximação com os adultos, criando memórias preciosas e promovendo um ambiente propício ao desenvolvimento saudável. De acordo com Oliveira (2016), a participação da família oferece-se como uma oportunidade valiosa: se as crianças gostarem particularmente de explorar livros, ao fazê-lo na companhia dos pais “torna-se uma experiência rica, pois permite momentos de interação, de promoção da imaginação, de abordagem de várias áreas de aprendizagem”. (p. 54-55)

Cury (2004), nesta linha, refere algo curioso: “os bons pais são uma enciclopédia de informações, os pais brilhantes são agradáveis contadores de histórias. São criativos, perspicazes, capazes de extrair das mais simples, belíssimas lições de vida”. (p. 48) A promoção da leitura e o incentivo à educação literária são reiterados pelo reconhecimento dos seus efeitos no desenvolvimento da criança, particularmente a nível cognitivo e da emergência e aprofundamento do pensamento crítico. Segundo Peter Smith:

Com a linguagem a criança adquire formas ou métodos de perceber as imagens, metáforas e modos de interpretar eventos que são distintos na sua própria cultura, trata-se de representações sociais que dão à criança uma base de apoio para construir o seu conhecimento. (Smith, 1998, p. 485)

Deste modo a criança vai interiorizando e é importante igualmente que eles vejam os adultos próximos de si a ler, pois, segundo Viana e Martins (2009, citado por Azevedo & Balça, 2016), “influencia, de forma determinante, o seu projeto de leitor”. (p. 4) De resto, uma consistente retaguarda familiar dá segurança, oferece suporte emocional e favorece a autoestima e autoconfiança. Para Oliveira (2016), na verdade, “as crianças são felizes ao verem os seus pais envolvidos na sua educação e estes, ao longo do tempo, vão-se tornando o apoio de outros que se estreiam na experiência de serem pais”. (p. 42)

De acordo com Silva, Bastos, Duarte & Veloso (2011), “os primeiros mediadores de leitura são aqueles que se movimentam no ambiente familiar. Podem ser os pais, os avós, os irmãos mais velhos ou outra pessoa próxima da criança”. (p. 34) O hábito de leitura adquire-se pouco a pouco, com o ouvir contar histórias e o manusear dos livros. Ora, quando os pais contam histórias, estão a contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da criança, na medida que constituem um modelo fundamental nas suas vidas, dando eles mesmos exemplos pelos seus próprios hábitos de leitura e relação com a cultura escrita no geral, além de motivarem a sua curiosidade.

Pimentel (2017), nesta linha, advoga que “é relevante refletir sobre a importância de ler/contar e dinamizar histórias para e com as crianças desde a mais tenra idade, pois irá contribuir para o desenvolvimento social e cognitivo da criança”, (p. 4). Também nas OCEPE (2016) se destaca o papel do adulto na mediação de leitura: “as histórias lidas ou contadas pelo/a educador/a, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscita o desejo de aprender a ler”. (p. 66) Na idade de pré-escolar, ainda que a criança não domine o conhecimento das letras, a sua fértil imaginação e a leitura com as imagens farão com que a criança seja capaz e vá muito mais além do que aquilo que o adulto possa imaginar.

## 4. Apresentação do Estudo Realizado

### 4.1. Problemática e Objetivos de Investigação

Este estudo foi elaborado e implementado a partir de questões que foram sendo colocadas ao longo da revisão da literatura e da prática em contexto educativo. Foi orientado atendendo à concetualização dos problemas quer sob o ponto de vista metodológico para a problemática eleita para este estudo empírico: Quais os efeitos das Histórias de Receção Infantil no Desenvolvimento da Criança em Idade Pré-Escolar?

Esta problemática emergiu da necessidade de compreender o lugar das histórias para crianças nas práticas pedagógicas e de que forma são percecionadas e valorizadas na perspetiva de docentes, Encarregados de Educação e até pelas próprias crianças, em termos de desenvolvimento da criança na faixa etária dos 3 aos 5 anos.

#### **Tem como questões orientadoras:**

Qual o papel das histórias de receção infantil na aquisição de conhecimentos em crianças na idade Pré-Escolar?

Como é que o Educador perspetiva as histórias de receção infantil na aquisição de competências?

Como trabalhar as histórias de receção infantil em sala de Educação Pré-Escolar em articulação com a família?

#### **Objetivos de Investigação**

- Analisar criticamente o impacto das histórias de receção infantil em idade Pré-Escolar dos (3 aos 5 anos).
  - Identificar estratégias promotoras de aprendizagens e desenvolvimento durante a leitura das histórias de receção infantil em contexto Pré-Escolar, destacando práticas e desafios enfrentados pelos Educadores.
  - Compreender a influência das histórias de receção infantil no desenvolvimento de competências como ajudar a criança a reconhecer e a distinguir sons, ouvir histórias em grupo, respeitar e esperar a sua vez, ajudar a criança a lidar com as suas emoções.

- Relacionar a participação dos Educadores e EE no processo de ler ou contar histórias de receção infantil para o desenvolvimento integral das crianças.

## 4.2. Metodologia de Investigação

O presente estudo pauta-se por ser uma investigação mista, assumindo quer um carácter qualitativo, pela recolha sistemática de elementos por meio de observação direta, assim como por análise de conteúdo de alguns dos instrumentos aplicados, além de prever a recolha de dados quantitativos. No geral, assume-se como um projeto de investigação-ação, na medida em que foi desenvolvido a partir de um projeto pedagógico implementado num grupo de 24 crianças em contexto educativo formal e informal, em Educação Pré-Escolar.

Com base nas atividades práticas desenvolvidas, as quais passaram nomeadamente pela partilha de histórias, rimas, construção de livros, caracterização dos animais e seus habitats, sementeira e acompanhamento da germinação, atividades de expressão plástica, este estudo qualitativo permitiu uma compreensão mais profunda e contextualizada das experiências e habilidades práticas das crianças. Com a implementação das atividades, tornou-se importante observar comportamentos, reações e interações das crianças durante as atividades, se manifestavam ou não interesse. Este tipo de estudo, como mencionam Bogdan e Biklen (1994), “a melhor técnica de recolha de dados consiste na observação participante e o foco do estudo centra-se numa organização particular (...) ou nalgum aspeto particular dessa organização”. (p. 90) Santos (2007) salienta que: “a objetividade do observador depende, portanto da sua experiência, do outro e de si próprio, da sua capacidade de leitura e de avaliação do outro como separado e diferenciado de si, e da leitura dos seus movimentos internos reativos ao comportamento do observado”. (p. 282)

O estudo desenvolvido teve por base o recurso ao livro e concretamente as histórias de receção infantil em contexto de Educação Pré-Escolar. Neste sentido, foram geradas e observadas dinâmicas junto do grupo de crianças, assumindo como problemática central “A descoberta dos animais e dos seus habitats através das histórias infantis”. Constituiu

um projeto que foi ao encontro do interesse das crianças, uma vez que todos os elementos manifestaram curiosidade e motivação em ouvir histórias de receção infantil e ao mesmo tempo sentiam interesse e gosto pelos animais e os seus habitats. Através das narrativas contadas, lidas e exploradas, as crianças exploraram conteúdos nos vários domínios desenvolvendo competências nomeadamente a contagem e identificação de padrões, nas rimas a consciência fonológica, a resolução de problemas e pensamento crítico assim como a capacidade de trabalhar em grupo. Além disso, as narrativas também ajudam na estruturação da linguagem e na construção frásica e contribuem para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação.

#### 4.2.1. Instrumentos de Recolha de Dados

A realização do presente estudo contou com vários instrumentos para a recolha de dados, conforme se detalha em seguida:

**Inquérito por questionário – Encarregados de Educação.** Foi desenvolvido e aplicado junto de um conjunto de EE um inquérito por questionário, em formato papel, composto por 11 questões de (escolha múltipla), tendo por objetivo perceber até que ponto os encarregados de educação valorizam ou não a leitura das histórias de receção infantil, se investem na compra dos mesmos e se disponibilizam tempo para a leitura do seu educando/a. O Inquérito por questionário, patente no Apêndice G, foi entregue a 24 EE, mas somente 15 conseguiram responder ao respetivo pedido que lhes foi feito. Foram feitas questões sobre o estatuto social do EE, a relevância que dá perante o pedido dos filhos para contar ou ler histórias, e se investe na compra de livros para motivar os filhos a explorar as histórias de receção infantil.

Tendo em conta esta problemática já referenciada, as questões apresentadas foram as seguintes: O seu filho/a pede para lhe contar/ler histórias? Acha importante ler histórias infantis ao seu filho/a? À noite, costuma ler histórias ao seu filho/a? Que género de livros compra ao seu filho/a? O seu filho/a costuma explorar livros? Que género de livros explora? Por fim, foi colocada uma questão em relação à participação dos EE em atividades da escola.

A aplicação deste inquérito por questionário aos EE teve por principal intuito perceber qual é a importância que dão aos livros e que tempo disponibilizam para a leitura do seu educando/a.

**Inquérito por Entrevista – Educadora de Infância.** De forma a recolher o testemunho na primeira pessoa de educadores em exercício de funções a respeito da problemática em presença, foi criado um inquérito por entrevista, o qual foi aplicado junto de uma educadora de uma instituição exterior ao local de estágio, de forma direta (entrevista estruturada), com o objetivo de compreender a importância dos livros na sala, a influência das histórias de receção infantil para criar hábitos de leitura, o que a leva a ler na sala de Educação Pré-Escolar e que tipo de livros lê na sala, ao grupo. Recordando Morgado (2013, citado por Batista et al. 2021), “o inquérito por entrevista é especialmente útil como estratégia de recolha de dados em estudos de caráter interpretativo, essencialmente, devido ao grau de interação que permite que seja estabelecido entre o investigador e o entrevistado”. (p. 18) Constitui, por isso, um instrumento que proporciona o acesso a dados diversificados, podendo o investigador aceder à expressão de atitudes, crenças, motivações pessoais subjacentes, constrangimentos, testemunhos e interpretações do profissional docente em exercício. Sublinhe-se que a elaboração das questões teve por base a revisão de literatura e os objetivos deste estudo. O guião da entrevista (Apêndice H) permitiu a organização da mesma em seis blocos:

- A. Legitimação da entrevista e motivação;
- B. Caracterização pessoal e profissional da educadora;
- C. Promoção de conhecimentos através das histórias de receção infantil;
- D. Aquisição de conhecimentos a partir das histórias de receção infantil;
- E. Articulação com os encarregados de educação recorrendo a histórias de receção infantil;
- F. Finalização da entrevista e agradecimentos.

Os objetivos específicos das questões preparadas e aplicadas foram definidos em cada bloco. Depois da respetiva autorização para a gravação de áudio transcreveu-se o (IE) Inquérito por Entrevista à (E1) Entrevistada (1), que se encontra em (Apêndice I)

**Inquérito por questionário – Educadoras de Infância.** Foram ainda aplicados dois inquéritos por questionário junto de duas educadoras de instituições diferentes, para entender até que ponto, ao exercerem em instituições diferentes, as práticas com narrativas infantis são diversificadas, como são promovidas, valorizadas e participadas pelas crianças. O questionário foi entregue às educadoras em formato papel, as quais responderam por escrito. As questões aplicadas nos questionários foram idênticas às da entrevista, portanto incluiu diversas perguntas abertas.

**Conversa Orientada com Crianças.** Sendo um imperativo valorizar a voz e perspetiva da criança, considerou-se ainda oportuno aplicar algumas questões livres junto de 24 crianças da sala de Educação Pré-Escolar, o mesmo grupo de crianças acompanhado durante o tempo de estágio. Ao grupo de crianças foram dirigidas individualmente questões livres para melhor compreender qual a relação que tinham com os livros e que tipo de livros costumavam manusear. As respostas foram registadas pela estagiária no momento da conversa. Antes de conversar com as crianças sobre os livros que gostavam mais de ler, foi feito um pedido de autorização aos encarregados de educação (Apêndice J). As questões colocadas às crianças, foi um trabalho feito individualmente com cada criança, a saber: Gostas de ouvir histórias? Qual é a história de que mais gostas? Quem te costuma contar as histórias? Quando? Quando estás sozinho/a lês histórias? Quais são as histórias que lês?

Levando em consideração que “é importante garantir que as crianças participantes sejam capazes de comunicar as suas ideias e compreendam o que lhes é questionado” (Gibson (2012, citado por Silva e Fortunado, 2021), p. 44), a conversa foi dirigida de forma que a criança respondeu livre e abertamente. Ao grupo de crianças, foram colocadas questões livres, para melhor compreender qual a relação que têm com os livros e que tipos de livros costumam manusear. Pardal e Lopes (2011), apresentam a função de procurar viabilizar a investigação, no que concerne ao modo de alcance e “efetivação do conjunto de opções em que consiste o método, com vista à verificação

empírica”. (p. 70) Amado (2014), a investigação qualitativa tem em si toda uma visão do mundo, sujeitos humanos e ciência, que influência a recolha e está presente na aplicação de qualquer técnica ou procedimento. (p. 205)

**Observação Direta.** De acordo com Quivy (2003), “a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações”. (p. 155) Assim, neste estudo, observou-se a interação das crianças durante as atividades realizadas durante o estágio, tanto durante o contar ou ler uma história, se o grupo estava ou não interessado, como a desenvolver as atividades propostas, se participavam ou não com interesse e durante as brincadeiras livres como interagiam uns com os outros. Os registos de observação foram feitos por meio de fotografias e com recurso a diário de bordo, ambos os registos foram autorizados por parte da instituição e pelos EE. Para o presente estudo, importava conhecer a forma como um grupo de crianças da faixa etária dos três aos cinco anos em jardim de infância desenvolveu competências no domínio da linguagem oral e da expressão à escrita formação de rimas e frases simples, no domínio da matemática contagem e reconhecimento de números, orientação espacial em cima/em baixo, dentro e fora, esse desenvolvimento era de alguma forma incrementado quando recorrendo à exploração de narrativas.

De referir que no contexto do projeto pedagógico que serviu de base, as crianças participaram ativamente das várias atividades propostas e realizadas na sala de Educação Pré-Escolar: identificaram alguns animais da selva e do campo e seus habitats, identificaram os sons dos animais, semearam, observaram de perto o desenvolvimento das sementeiras, identificaram e manipularam diversos materiais como sementes, barro, terra, tintas entre outros. Na dramatização da História o “Casamento da Gata”, recontaram a história e identificaram as profissões dos personagens. Na construção do livro das rimas exploraram a sonoridade das palavras, desenvolveram habilidades linguísticas, criaram rimas relacionadas aos animais que escolheram, caracterizaram alguns animais, identificaram os seus habitats, interagiram com os pares e com o grupo. As construções dos habitats dos humanos feitos com a ajuda dos pais, as crianças

identificaram diferentes formas geométricas nos habitats e nos espaços sala. No livro da família o qual envolveu as crianças e EE as crianças identificaram os elementos e recontaram a história do “Capuchinho Vermelho”. Na construção do cartaz, desenharam, pintaram, identificaram as cores primárias e secundárias.

Mediante os instrumentos utilizados pretendemos analisar os resultados obtidos através da análise de conteúdo. Bogdan e Biklen, 1999; (2012, citado por Batista, et al. 2021), “a entrevista é uma técnica de investigação utilizada de forma comum não só em estudos empíricos em Educação, bem como em investigações de natureza qualitativa”. (p. 25) Crusoé e Santos (2020) defendem a ideia de: “olhar em lupa” através do “olhar do outro”, não no sentido de verificar, mas no sentido de interpretar e problematizar”. (p. 11) Ao recolher e analisar dados por meio das entrevistas e questionários, podemos verificar que por trás de cada resposta há uma pessoa, uma história e experiência. Pardal & Lopes (2011, Batista et al. 2021), dizem ainda que, “é ainda neste processo que a fundamentação teórica confere sentido à interpretação e em que a profundidade dos significados daquilo que se analisa é passível de ser compreendido pelo investigador”. (p. 54-55)

Baptista e Sousa (2011) referem que, “nesse sentido, as técnicas de recolha de dados são caracterizadas como “procedimentos operatórios rigorosos, bem definidos, transmissíveis”, adaptados ao tipo de problema e aos fenómenos em estudo”. (p. 53) Pardal e Lopes (2011), “dizem que “apresentam a função de procurar viabilizar a investigação, no que concerne ao modo de alcance e “efetivação do conjunto de opções em que consiste o método, com vista à verificação empírica”. (p. 70) Para Coutinho (2011, citado por Batista et al. 2021), “o inquérito por questionário, é quando pretendemos inquerir um conjunto de indivíduos sobre uma determinada realidade”. (p. 17) Neste caso, pretendemos averiguar o potencial da problemática, ou seja, as histórias de receção infantil no desenvolvimento das crianças em idade Pré-Escola, tratando-se de um estudo empírico centrado nas práticas educativas.

### 4.3. Análise e Discussão de Dados

Apresenta-se de seguida os resultados apurados a partir de análise documental entrevistas e questionários feitos às crianças da sala de Educação Pré-Escolar no período de estágio, aos encarregados de educação e a três educadoras. Iremos apresentar os resultados da análise dos respetivos questionários e da entrevista. No quadro abaixo indica os aspetos mais relevantes, de forma a permitir uma leitura mais específica.

Tabela 2 – Designação dos Códigos Atribuídos aos dados Recolhidos

Código	Designação
<b>1-24</b>	Questionário às Crianças
<b>E1</b>	Entrevista (áudio)
<b>E2, E3</b>	Inquérito por questionário
<b>1-15</b>	Inquéritos Encarregados de Educação

Neste ponto pretendemos analisar e interpretar as respostas dos inquiridos, resultantes dos dados obtidos da aplicação do Inquérito por Entrevista (IE) e o Inquérito por Questionário (IQ). A ordem de tratamento dos dados respeita a disposição das questões IE e na IQ. Os Inquéritos por questionários foram entregues aos EE do grupo de crianças da sala Educação Pré-Escolar, onde foi realizado o estágio. Enquanto o inquérito por entrevista, não foi feito à Educadora Cooperante, mas a uma Educadora de outra instituição. Os dois inquéritos por questionários foram entregues a duas Educadoras, uma das quais não se encontrava na ação, por estar a dar apoio à família, outro foi entregue a uma Educadora que estava na ação, entanto não fazia parte da instituição onde foi feito o estágio. As respostas ao questionário da (E2) encontram-se em (Apêndice L), da (E3) (Apêndice M). Recorde-se que para este efeito foi desenvolvido um conjunto de atividades a nível de Educação Pré-Escolar. Neste enquadramento, passemos à análise dos resultados obtidos pela aplicação dos diferentes instrumentos.

#### 4.3.1. Observação Direta

Independentemente do nível de ensino, é fundamental que o docente se dedique a realizar registos e analisar interações, comportamentos e conquistas dos estudantes ao longo do tempo em que decorre o processo de ensino-aprendizagem. Fernandes (2016) defende que, no plano específico da Educação Pré-Escolar, o/a educador/a “deverá assumir uma postura de observador participante, ativo, carinhoso, que pretende observar e compreender a criança, orientando a sua ação educativa com base nesse entendimento”. (p. 73) Através destes registos foi possível observar o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, bem como as suas habilidades e resoluções de problemas, criatividade e comunicação. Hohmann & Weikart, afirma que:

as relações que as crianças desenvolvem com os educadores podem contribuir de forma positiva para o sentido de competência e bem-estar das crianças, desde que os adultos envolvidos compreendam e apoiem os seus níveis de desenvolvimento, lhes permitam funcionar como aprendizes ativos e partilhem o controlo com elas. (Hohmann & Weikart, 2004, p. 603)

Baseando-nos nos resultados da avaliação das atividades realizadas na sala Educação Pré-Escolar, podemos destacar alguns aspetos sobre envolvimento e desempenho das crianças. De acordo com Fernandes (2016), o/a educador/a “deverá disponibilizar oportunidades para que as crianças se relacionem em pares, em pequenos grupos, em grande grupo e com os adultos da sala”. (p. 73) No geral, os registos realizados forneceram informações sobre as preferências e interesses individuais das crianças, de acordo com algumas necessidades específicas de cada uma.

Assim, a nível de ouvir e contar histórias, todas as crianças demonstraram interesse e interagiram positivamente, indicando entusiasmo pelas histórias. Observamos que uma criança no momento de identificar o habitat do animal escolhido que era selvagem, respondia que vivia em casa. As crianças confundem muitas vezes a realidade com o imaginário, quando dizem que o seu animal selvagem vive em casa, sem perceber que o seu habitat é na natureza. Em relação ao empenho parcial, no que se refere às outras atividades, a referida criança identificou o som de alguns animais, foi capaz de descrever algumas características dos animais e identificou o habitat dos humanos.

Tabela 3 - Avaliação das Atividades da Sala Educação Pré-Escolar

Tabela de avaliação das atividades na sala Educação Pré-Escolar																								
Atividades Objetivos	Crianças																							
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
Ouvir contar/ler histórias	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Animais da selva/campo Identificar/sons	*	*	*	+	*	*	*	*	*	+	+	*	*	+	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Moldar, identificar, materiais	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Sementeira Acompanhar o desenvolvimento	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Dramatização recontar/história Interagir Profissões	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Livro das rimas Caracterizar alguns animais Associar sons ao seu nome	*	*	*	+	*	*	+	*	*	+	+	*	+	+	+	*	+	+	*	+	+	+	+	
Habitats dos animais Identificar	*	*	*	0	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Habitats dos humanos identificar formas	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	+	*	*	*	*	*	*	+	*	*	+
Livro da família/interação Identificar elementos da família	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Construção do cartaz identificar cores primárias/secundárias	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
*	A criança alcançou os objetivos																							
+	A criança teve um empenho parcial na atividade																							
0	A criança não alcançou os objetivos																							

As atividades observadas na sala Educação Pré-Escolar focaram-se na exploração de diversas narrativas. Cada uma das seguintes narrativas foi utilizada com objetivos diferentes, de acordo com o conteúdo que abordava. “A Lagartinha Muito Comilona”, “O Nabo Gigante”, “Amélia Quer um Cão”, “O Meu Pai”, “O Casamento da Gata”, “O Capuchinho Vermelho”, “Gente Gira”, “Todos no Sofá” “Os Esquilos”, do livro “Aprende os Valores com os Animais”, “O Que Há Debaixo da Cama”, “Pedrito Coelho Procura Formas e Tamanhos Opostos”. Todos os livros explorados na sala Educação Pré-Escolar tiveram um impacto nas aprendizagens das crianças.

As crianças atingiram os objetivos, no que se refere a sequências, identificação de padrões e conceitos básicos sobre a natureza, animais e valores. “A Lagartinha Muito

Comilona” ajudou a compreender o processo de crescimento e transformação, o “Nabo Gigante” facilitou a compreensão do trabalho em equipa e esforço coletivo. Com a narrativa das histórias foram desenvolvidas habilidades de expressão oral, de escuta e sobretudo um enriquecimento vocabular. As histórias como “O Capuchinho Vermelho” e “O que Há Debaixo da Cama” abordaram medos e desafios, permitindo que as crianças refletissem sobre as suas emoções. As atividades como a dramatização “O Casamento da Gata”, a narrativa de “Pedrito Coelho Procura Formas e Tamanhos Opostos” estimularam a motricidade fina, incentivaram as crianças a fazerem movimentos corporais e coordenação motora. “O Nabo Gigante”, “Todos no Sofá” e “Amélia Quer um Cão” promoveram entre as crianças, a amizade e a capacidade de trabalhar em equipa.

Além disso, as crianças participaram na construção de um livro de rimas, onde cada uma desenhou e pintou um animal e o seu respetivo habitat, criando uma rima referente ao animal escolhido. Esta atividade não só reforçou o desenvolvimento linguístico e artístico, como promoveu a criatividade, consolidando os conhecimentos adquiridos de forma lúdica e significativa.

Na identificação dos animais do campo e da selva, 20 crianças conseguiram identificar tanto os animais, quanto os seus respetivos sons. No entanto, quatro crianças conseguiram identificar os animais, mas não associaram se eram do campo ou da selva. Na atividade moldar e identificar materiais, todas as crianças conseguiram identificar os materiais que foram apresentados como: sementes, terra, barros, lanternas, entre outros.

Na atividade da sementeira, todas as crianças manifestaram interesse e acompanharam o processo de semear, demonstraram curiosidade. Cada criança fez a sua própria sementeira. Esta atividade surgiu depois de termos lido, na sala Educação Pré-Escolar, a história dos esquilos “Aprender os Valores com os Animais”, e por ser início da primavera, altura em que as crianças são motivadas a plantar uma árvore, um arbusto ou sementes. Optamos por sementes de alpista. O grupo acompanhou a germinação, com muito interesse.

Na atividade a dramatização da história “O Casamento da Gata” foi bem recebida por todos, com alta interação desde a montagem do cenário à identificação dos personagens. A maioria (22) crianças conseguiu identificar todas as profissões dos personagens da história, enquanto duas identificaram apenas algumas. Caracterização dos animais e associação de sons e palavras ao seu próprio nome, 10 crianças conseguiram identificar todas as características dos animais, enquanto 14 identificaram apenas algumas. Além disso, oito crianças associaram os sons das palavras à letra do seu nome.

Na atividade Habitats dos humanos, participaram 16 famílias, enquanto 10 não participaram. Foram apresentadas algumas formas geométricas, das quais 22 crianças conseguiram identificar todas e assemelharam outras que se encontravam no espaço sala, 2 crianças conseguiram identificar apenas algumas.

Para o “livro da família” foram entregues a cada EE de educação uma folha A3. O objetivo foi desenhar com seu educando/a, os elementos da família. Cada EE usou a sua criatividade. Desenharam, recortaram imagens de revistas correspondente a cada elemento da sua família e colaram. Alguns EE colocaram fotografias. Por fim, juntamos os desenhos feitos em casa e fizemos o livro. Das 24 crianças apenas 14 participaram ativamente na criação do livro junto da família, enquanto 10 não participaram. Porém, no dia da apresentação do livro, todas as crianças conseguiram identificar os elementos da família.

Na construção do cartaz, 21 crianças identificaram corretamente todas as cores primárias e secundárias. No entanto, houve confusão por parte de três crianças em relação a algumas cores específicas. A avaliação geral das crianças encontra-se em Apêndice J.

O grupo expressou as suas ideias, mostrou interesse por aprender, descobriram palavras novas, identificaram letras e tentaram escrever, identificaram quantidades através de imagens e símbolos, organizaram conjuntos e fizeram contagens, identificaram posições como, “ao lado”, “em frente”, “atrás”, etc. Reconheceram formas presente na sala, nas atividades de desenho, moldagem e recortes. Identificaram elementos da família e

referiram algumas profissões, identificaram e caracterizaram animais e os seus habitats. Colocaram sementes na terra e manifestaram interesse em observar o seu crescimento. Revisitando as OCEPE, nela se alude nomeadamente ao desenvolvimento de competências sociais, motoras, musicais, comunicacionais – estas podendo ser subdivididas a nível da compreensão e interpretação orais, como da expressão e interação orais. Mas também se sublinha as competências transversais, por meio de uma construção articulada do saber para todas as áreas do desenvolvimento e aprendizagem. Na Área de Formação Pessoal e Social, os elementos do grupo, cooperaram uns com os outros, esperaram a sua vez, mostraram capacidade de resolver conflitos. Na Área de Expressão e Comunicação, as narrativas infantis ajudaram a desenvolver a imaginação, o vocabulário a compreensão oral, a reconhecer letras e a formar palavras, a desenvolver a dicção e a consciência fonológica. No domínio da Matemática, as crianças a identificaram números e formas promovendo o raciocínio e a resolução de problemas. No Conhecimento do Mundo ao explorar materiais como terra, sementes, barro, tintas, etc. desenvolveram a curiosidade e espírito de observação e a melhorar a coordenação motora.

#### 4.3.2. Conversa Orientada com as Crianças

A conversa orientada com as crianças foi feita individualmente, durante os momentos de recreio exterior e brincadeira livre dentro da sala Educação Pré-Escolar. Decorreu ao longo do tempo de estágio.

Relativamente à questão **“Gostas de Histórias? Qual é a História que Gostas mais?”**, verificamos que as histórias preferidas pelo grupo eram as que envolviam ou tiveram por temática animais. Apenas três crianças mencionaram os livros de um animal específico, “Dinossauro”. Algumas crianças manifestaram preferência por piratas e princesas. Neste sentido, cumpre reforçar que os especialistas de literatura de receção infantil e juvenil como Bettelheim (traduzido por Caetano, 2002) quando diz que os contos de fadas têm um valor único, favorecendo novas dimensões à imaginação da criança que por si só não poderia descobrir. A autor Luísa Ducla Soares (2003) é de acordo que “os contos de fada

com os seus príncipes e princesas, despertam a imaginação e a criatividade das crianças, permitindo-lhes sonhar e acreditar num mundo melhor”. (p. 22) Azevedo (2008) destaca a importância das histórias de príncipes e princesas quando refere que fornecem modelos de comportamentos ajudando a criança a enfrentar os seus medos. É importante oferecer uma variedade de histórias que abordem diferentes temas para que as crianças possam explorar diversos mundos.

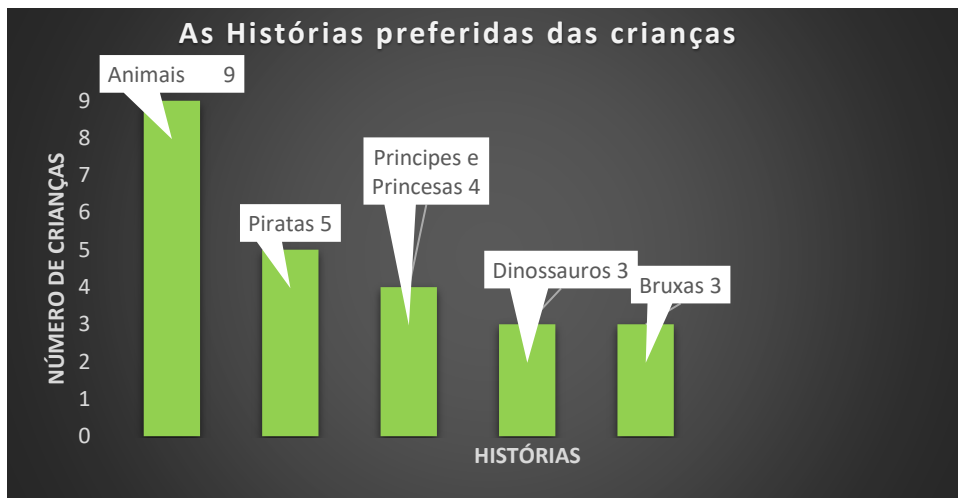


Gráfico 1 - Gosta de Ouvir Histórias

Passando à questão **“Quem te Costuma Contar as Histórias? Quando?”**, 11 crianças responderam que era a mãe que conta as histórias, seguida de uma pequena parcela que era o pai que contava histórias. Algumas (3 crianças) têm como referência outras pessoas próximas de si.

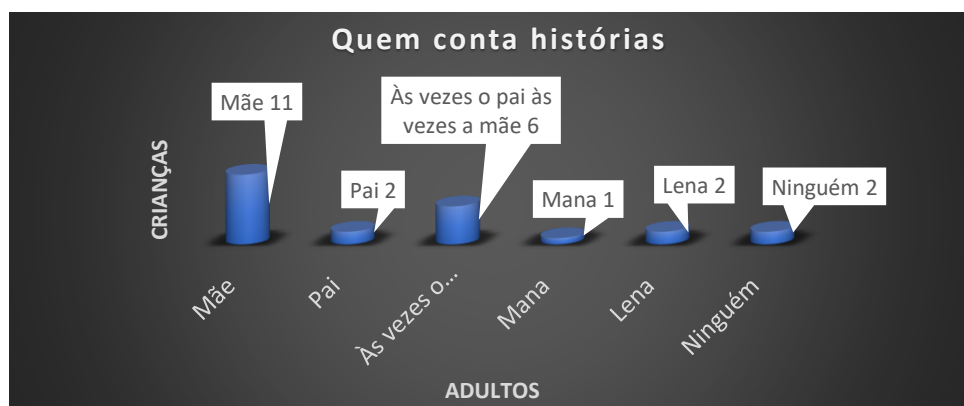


Gráfico 2 - Quem te Costuma Contar Histórias

Diante da questão **“Quando estás sozinho/a, lê histórias? Quais as histórias que lêes?”**, o grupo foi na verdade desafiado a revelar a sua relação com os livros e os seus hábitos de leitura. Assim, 19 crianças referiram que gostam de ler. Uma criança respondeu que lia às vezes, 4 responderam que não costumavam ler sozinhas.

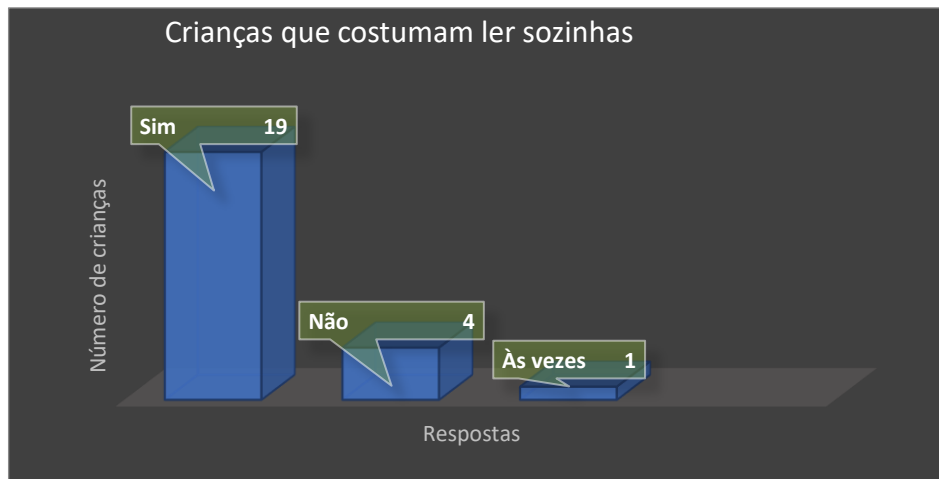


Gráfico 3 - Quando Está Sozinho/a Lê Histórias

Na questão **“Quais as histórias que lêes sozinho/a?”**, com base nas respostas obtidas, a preferência das crianças varia, mas a maioria parece gostar de histórias de animais, dinossauros e super-heróis. Contudo, algumas crianças optam por não ler quando estão sozinhas. Esta variedade de preferências também evidencia a diversidade de interesses e experiências das crianças.

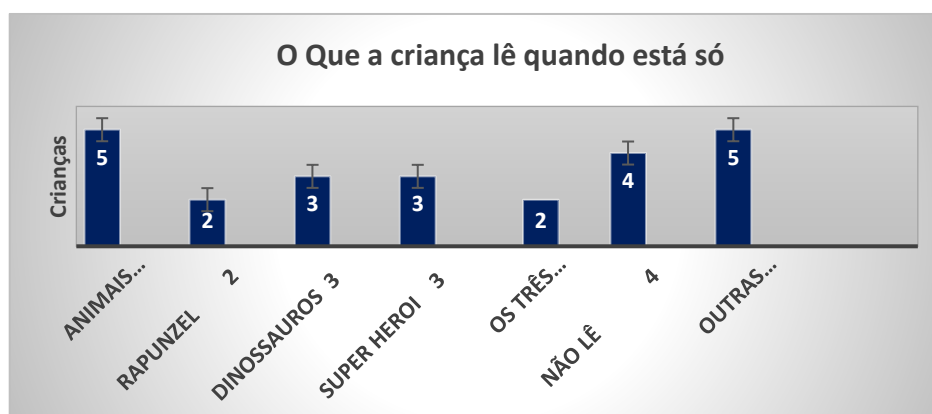


Gráfico 4 - O que a Criança Lê

**No geral, pelo presente instrumento** é possível verificar que todas as crianças foram unânimes em responder que gostavam de histórias, o que é demonstrativo de que todas as crianças afirmaram que gostavam de ouvir histórias. Apenas uma criança respondeu que lia apenas de vez em quando. Podemos concluir que as crianças têm uma variedade de interesses quando se trata de histórias. As preferências abrangem desde contos de fada, animais, aventura e super-herói. Em Apêndice k, encontra-se o resumo da análise da conversa orientada às crianças.

#### 4.3.3. Inquérito por Entrevista – Educadora de Infância

Com base nas respostas fornecidas pela entrevistada, podemos constatar que a sua motivação para ser educadora é o amor pelas crianças e testemunhar o desenvolvimento único de cada uma. Acredita que as crianças representam o futuro, sendo essencial para a humanidade cultivar valores como bondade e humildade através delas. Exercendo a profissão há oito anos e meio e estando na atual instituição há três anos, reconhece que o seu papel como educadora é gratificante, aprendendo mais com as crianças do que ensinando. Aos longo dos anos de trabalho na instituição atual, ela valoriza a construção de projetos educacionais, considerando-os aventuras que promovem o gosto pela descoberta e por aprender coisas novas. A entrevistada também destaca a importância da equipa e da comunidade no processo de educação ressaltando que todos são importantes nesse contexto.

Apesar da satisfação no exercício da sua profissão de educadora, a entrevistada revela interesse por outras áreas, como a escrita e o teatro, algo que a atrai desde a adolescência.

Na categoria sobre a organização das aulas, metodologia e ambiente de aprendizagem focadas na leitura de histórias infantis, a entrevistada refere incorporar a leitura de histórias diariamente nas suas planificações, entendendo que as histórias infantis são essenciais para o desenvolvimento do vocabulário e do interesse da linguagem. Nesta linha, costuma ler contos tradicionais, histórias da coleção “Biblioteca dos valores” e lengalengas, além de explorar histórias trazidas pelas crianças. A leitura é por si

considerada crucial para o desenvolvimento da linguagem, criatividade e imaginação das crianças, bem como para estimular o gosto pela leitura e familiarizá-las com a estrutura dos livros desde cedo.

A frequência da leitura de histórias é diária, com exceção dos dias em que dramatiza com fantoches. Ela vê a leitura como uma ferramenta pedagógica que enriquece tanto as crianças quanto os educadores, tornando os conteúdos mais atrativos e promovendo naturalmente a interdisciplinaridade. Entende que a leitura de histórias transporta as crianças para o mundo da imaginação, tornando-as mais felizes e comunicativas.

Na categoria aquisição de conhecimento a partir das histórias infantis, a educadora defende que as histórias infantis têm influência significativa na formação de hábitos de leitura nas crianças. Ela enfatiza que as crianças passam mais tempo no jardim de infância do que com os pais, tornando as histórias uma ferramenta valiosa para estimular a interação e o interesse pela leitura.

Na categoria articulação com os EE recorrendo a histórias infantis, a entrevistada privilegia contos tradicionais, como “Os Três Porquinhos” e “Capuchinho Vermelho”, pela capacidade intrínseca de envolver as crianças com movimentos e surpresa, permitindo que elas recontem e visualizem as histórias no seu imaginário, desenvolvendo assim a linguagem e a expressão oral. Ela acredita que as histórias proporcionam conhecimentos às crianças, promovendo o interesse por dramatizações e estimulando o desenvolvimento cognitivo.

A entrevistada enfatiza a importância da leitura compartilhada com os pais e filhos, profissionais e crianças, sugerindo a criação de bibliotecas ambulantes onde os livros possam ser levados para casa pelos alunos, facilitando a partilha de experiências de leitura. A educadora envolve regularmente os EE na leitura de histórias em contexto de sala, destacando um exemplo específico em que história da “Gatinha Mimi” estimulou nas crianças o gosto pela partilha. Em Apêndice L, encontra-se a tabela com o resumo alargado da análise desta entrevista.

#### 4.3.4. Inquérito por Questionário à Educadora (E2)

Os resultados apurados por este instrumento revelam que, em termos de motivação profissional, sempre teve uma forte ligação e afinidade com as crianças, além de achar gratificante formar e influenciar os futuros cidadãos. No momento da entrega do inquérito por questionário, a educadora não estava no ativo ou diretamente envolvida na instituição onde foi realizado o estágio, mas foi importante considerar a sua perceção, pois a sua experiência e pontos de vista distintos poderiam enriquecer a compreensão das experiências das histórias de receção infantil.

Diz ser vasto o trabalho educacional, mas é crucial para o desenvolvimento da criança. Relativamente a experiência como educadora, afirma que é gratificante, embora cansativo, pois estende-se para além do ambiente escolar. Ademais, para si, observar o progresso das crianças ao longo do ano é uma recompensa emocionante.

Em termos de realização profissional, a (E2) confessa sentir-se realizada como educadora, apreciando o impacto positivo que teve no desenvolvimento das crianças. Quanto a interesses profissionais, embora dedicada à educação, também considerou investir noutras áreas por motivo de enriquecimento pessoal. Como profissional exerceu como educadora durante 5 anos e no momento estava afastada da profissão para se dedicar à família. Reconheceu dar ênfase à leitura, a qual fazia parte integrante das planificações, considerando-a fundamental para aquisição de conhecimentos.

Quanto a preferências por histórias infantis, lê todos os tipos de histórias na sala de Educação Pré-Escolar, exceto terror, por considerar inapropriado para crianças. Tenta ler histórias várias vezes por semana ou quando solicitado pelos alunos. Quanto à importância da leitura para crianças, acredita que as histórias e livros são essenciais para transmitir conhecimentos e estimular o interesse pela leitura desde cedo. A nível da influência das histórias nos hábitos de leitura, a (E2) afirma que a leitura das histórias influencia os hábitos de leitura futuros das crianças, sendo crucial para o desenvolvimento académico e pessoal.

Na exploração de diferentes géneros literários, recomenda variar estilos literários para ampliar a visão das crianças e estimular o pensamento crítico.

No que se refere a aquisição de conhecimentos através das histórias infantis, a (E2) acredita que as histórias são uma fonte rica de conhecimentos e um recurso valioso para trabalhar as emoções. Ler histórias é uma oportunidade de interação e união entre pais, filhos e profissionais, facilitando a partilha de conhecimentos e de experiências. Envolver os pais na leitura, embora não tenha sido a sua prática na instituição, considera benéfico envolver os pais na dinâmica escolar.

As questões do inquérito por questionário às educadoras encontram-se em Apêndice M. A tabela com as respostas da (E2) encontra em Apêndice N.

#### 4.3.5. Inquérito por Questionário à Educadora (E3)

Os resultados apurados por este instrumento revelam que, em termos de motivação profissional, sempre quis trabalhar com crianças devido à sua espontaneidade e sinceridade. Ela considera o papel da educação extremamente gratificante e único devido ao carinho e reconhecimento das crianças e pais. A educadora tem 13 anos de experiência como educadora de infância, trabalhando na instituição atual há 12 anos, encontrando-se à data do inquérito com um grupo de crianças de 5 a 6 anos.

No que se refere à incorporação da leitura na Educação Pré-Escolar, diz que a leitura é uma parte essencial da rotina diária na sala de aula, com as histórias, trava-línguas, rimas e poesias sendo exploradas para promover hábitos de leitura e linguagem nas crianças. Quanto à preferência por histórias infantis, acredita que estas influenciam positivamente a criatividade, a imaginação e o interesse pela leitura nas crianças. Quanto aos géneros literários, a educadora privilegia rimas infantis, trava-línguas e lengalengas, pelo modo como desenvolvem habilidades fonológicas, memória e prazer na aprendizagem. Em relação aos benefícios das histórias na aquisição de conhecimentos, a educadora é de acordo que a leitura das histórias contribui para o aumento do vocabulário, estimula a memória e a articulação da fala, além de transmitir valores e capacidade de discurso organizado. No referente à exploração de livros como interação social, diz que a exploração de livros cria um tempo de qualidade entre pais e filhos, promovendo socialização, escuta, cooperação e desenvolvimento de habilidades.

No envolvimento com os pais na leitura, embora não diretamente na sala, a educadora informa os pais sobre as histórias lidas para que possam reforçar em casa o que as crianças aprenderam na escola.

A tabela com as respostas da (E3) encontra-se em Apêndice Q.

#### 4.3.6. Inquérito por Questionário aos Encarregados de Educação

De acordo com as respostas dadas à questão **“O seu filho pede para lhe contar/ler histórias?”**, verificamos a maior parte dos Encarregados de Educação tem por hábito contar histórias a pedido do seu filho/a. Em última análise, 7 crianças pedem sempre para contar histórias enquanto, apenas 1 criança raramente pede ao Encarregado de educação para contar histórias. Este resultado indica um interesse significativo das crianças em ouvir ler ou contar histórias.

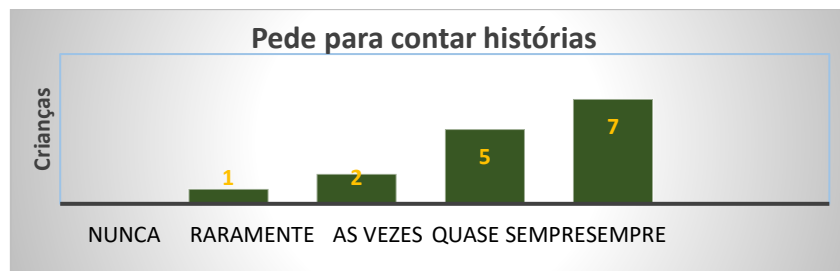


Gráfico 5 - O Filho/a Pede Para contar Histórias

**“Acha importante contar histórias ao filho/a?”** verificamos que 11 Encarregados de Educação responderam ser muito importante contar histórias ao filho/a, 3 responderam que sim, enquanto apenas 1 disse que dependeria de alguma circunstância adicional. Assim é bem visível que a maioria dos EE considera ser muito importante contar histórias aos filhos, embora não se apure por que motivos.

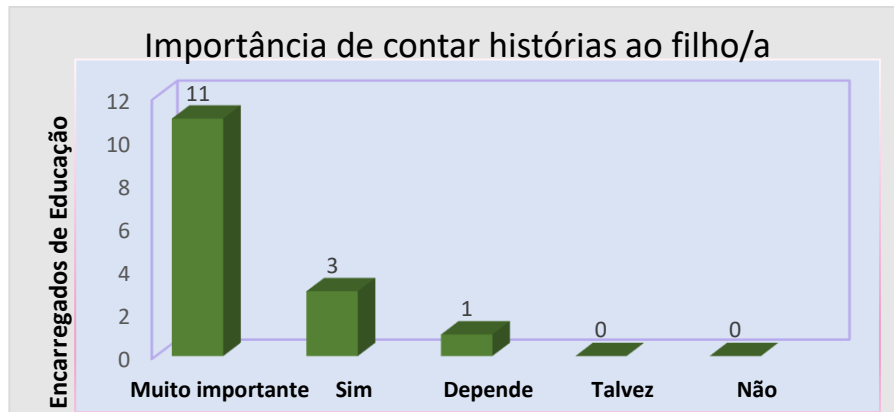


Gráfico 6 - Acha Importante ler Histórias Infantis ao seu filho/a

Passando à questão **“À noite costuma ler histórias com o seu filho?”**, o facto é que a maioria dos EE tem por hábito ler à noite histórias aos filhos, apenas um encarregado de educação referiu raramente contar histórias ao seu filho, isto porque raramente o filho lhe pede para o fazer, no entanto este EE acha muito importante ler histórias infantis ao seu filho, comprando livros infantis para o filho. Isto indica que os EE valorizam esta prática e que é algo comum entre as famílias.

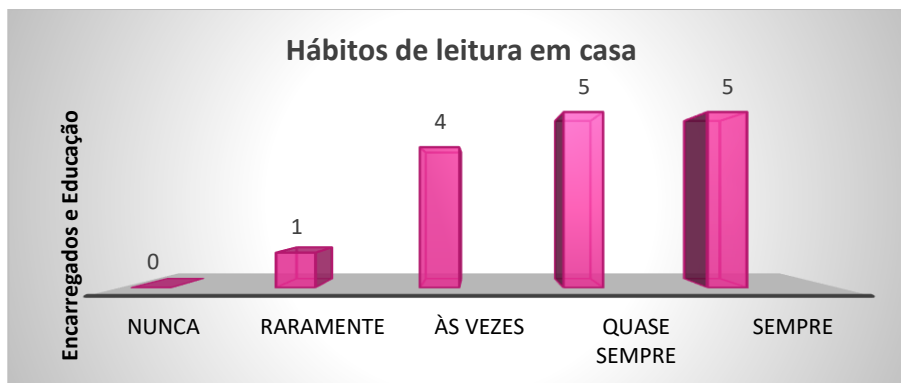


Gráfico 7 - Costuma ler Histórias ao Seu Filho/a

Diante da questão **“Que género de livros compra ao seu filho/a?”**, 10 Encarregado de Educação referem adquirir livros de fábulas. Em suma, a preferência dos EE situa-se nos contos, seguindo-se as fábulas, livros de lendas e aventuras. Os livros de adivinhas são os menos escolhidos. Estes resultados poderão ainda significar o reflexo das preferências dos educandos dos inquiridos.

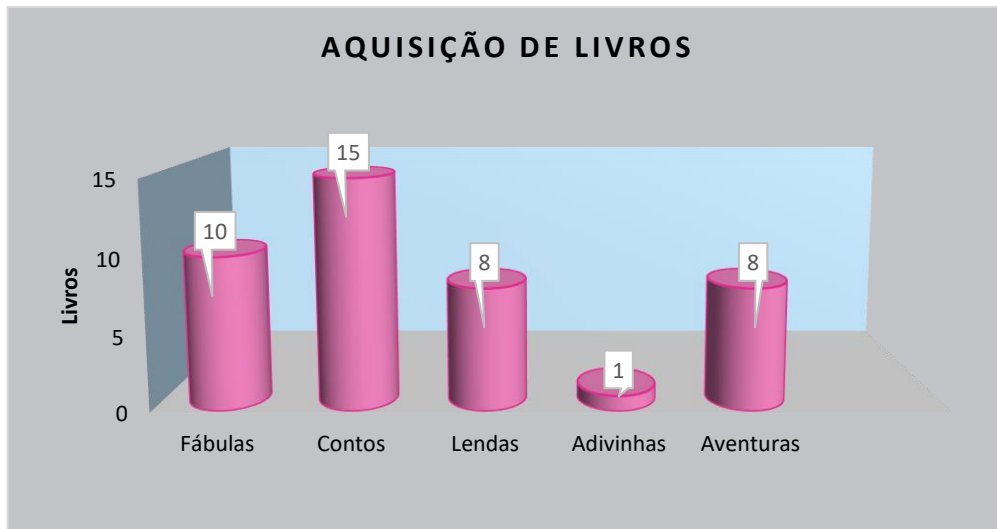


Gráfico 8 - Que Género de Livro Compra ao Seu Filho/a

Quanto à questão **“O seu filho/a costuma explorar livros?”**, constata-se que, na perceção dos EE, todas as crianças costumam explorar livros, embora a frequência seja variável.

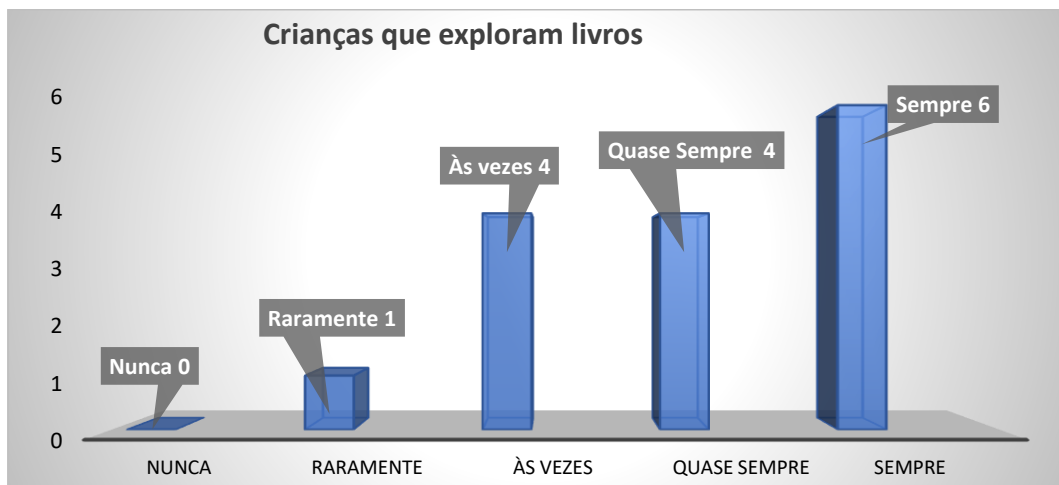


Gráfico 9 - o Seu Filho/a Costuma Explorar Livros

Ao procurar saber que **“Género de livro que explora”**, verificamos que os livros mais explorados são os contos e as fábulas.

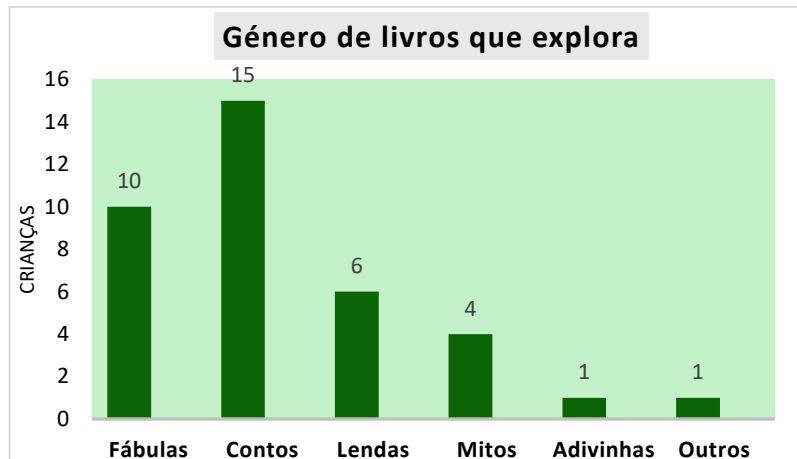


Gráfico 10 - Que Géneros de Livros Explora

Procurou-se perceber a disponibilidade e grau de envolvimento dos EE face à escola, diante da questão **“Se o convidassem a participar em alguma atividade na escola do seu filho”**. Com base nas respostas dos EE sobre a sua disposição para participar em atividades na escola dos seus filhos, podemos concluir que a maioria demonstrou interesse e disponibilidade para o envolvimento ativo, o que é importante para fortalecer a relação família-escola. Dos inquiridos, 10 indicaram prontidão para participar sem receio refletindo um apoio sólido às iniciativas escolares, o que pode considerado como um valor as atividades educativas, incluindo a leitura de histórias, na Educação Pré-Escolar. Por outro lado, três indicaram disposição de participar, enquanto dois manifestaram necessidade de entender melhor as propostas. No geral os EE manifestaram interesse em se envolverem nas atividades dos filhos, o que é fundamental para promover uma experiência educativa enriquecedora.

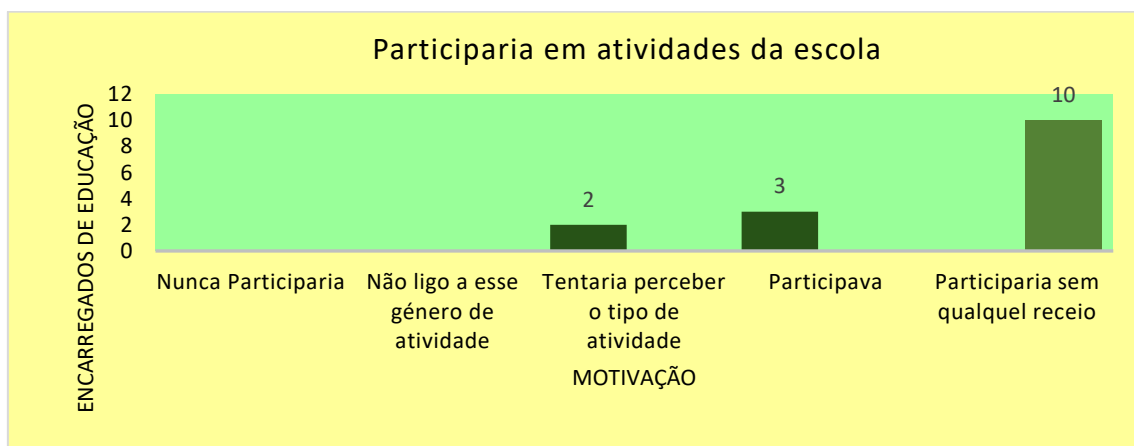


Gráfico 11 - Se Fosse Convidado a Participar em Alguma Atividade da Escola do Seu Filho/a

Fazendo um balanço dos resultados apurados com este instrumento, observa-se que a totalidade dos EE preencheu os questionários - 15 -, o que denotou em certa medida que a interação família-escola era positiva no contexto educativo em questão, existindo disponibilidade para realizar esta colaboração.

Observa-se que os EE consideram ser muito importante ler histórias infantis aos seus filhos, demonstrando a sua preferência sobretudo por livros de contos. Apenas um admitiu que raramente conta histórias ao seu filho, isto porque raramente o filho pede para o fazer. No entanto, o mesmo EE acha muito importante ler histórias infantis ao filho, o que o leva a comprar livros com temáticas tão distintas como corpo humano, animais, ciências, e livros de experiências químicas-físicas. Quanto ao envolvimento nas atividades escolares dos filhos, a maioria respondeu que participaria sem hesitação. Concluímos que a relação das famílias com a literatura de receção infantil está presente e que os EE encaram os livros e as histórias como um recurso importante e relevante para o desenvolvimento dos seus filhos/educandos aos mais diversos níveis.

#### 4.4. Conclusão do Estudo Empírico

Pelo que foi observado e registado, as histórias de receção infantil são ferramentas pedagógicas que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças em idade Pré-Escolar. Durante a prática supervisionada, foram exploradas diversas obras de literatura infantil entre as quais destacam-se “Amélia Quer um Cão” de “Tim Bowley”, com a qual as crianças procuraram algumas diferenças entre os animais da selva e os do campo, os que podem ou não serem adotados. Através da exploração “O Nabo Gigante” de “Alexis Tolstoi”, descobriram a importância do trabalho em equipa. Encontraram formas e tamanhos com “Pedrito Coelho Procura Formas e Tamanhos Opostos” de “Potter Beatrix”. “O Que Há Debaixo da Cama” de “Rosie Graening”, abordamos o medo de forma reconfortante. Através dos contos como “A Lagartinha Comilona” de “Eric Carie”. “Todos no Sofá” “O Casamento da Gata”, “Gente Gira” de Luísa Ducla Soares que proporcionaram momentos divertidos. “O Meu Pai” de “Anthony Browne”, abordou a figura do pai de forma afetuosa. “Aprende os Valores com os

Animais” do autor “José Moran”, as crianças exploraram sobre os alimentos e os habitats de alguns animais. “O Capuchinho Vermelho” autor desconhecido, as crianças experienciaram sobre amizade e a família. Foram incluídos outros livros que as crianças levaram para serem lidos com o grupo, ou simplesmente escolheram da biblioteca da sala Educação Pré-Escolar. As histórias não só prenderam a atenção das crianças, como estimularam a criatividade e a aprendizagem nas várias áreas curriculares. A interação com os livros, levou as crianças a envolverem-se nas atividades práticas durante o tempo que decorreu o estágio.

Os instrumentos aplicados junto das educadoras, dos EE e das crianças revelaram que também aos seus olhos as histórias são importantes na vida das crianças e nas suas vivências educacionais e familiares. As Educadoras destacaram que as histórias são ferramentas valiosas para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Os EE afirmaram ser importante ler histórias infantis ao filho/a porque para além de fortalecer os laços familiares, contribuem para a formação de valores e conhecimentos. No geral, as crianças manifestaram interesse pelas histórias de receção infantil.

A observação direta nas atividades realizadas na sala em contexto de Educação Pré-Escolar comprovou que as mesmas proporcionaram oportunidades significativas de aquisição de conhecimentos e interação junto das crianças. Observou-se o interesse em diversas atividades como o ouvir histórias, identificar animais e seus habitats, participar na dramatização, moldar e identificar materiais. As histórias exploradas e as atividades baseadas na exploração das narrativas, contribuíram não só para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional, motor das crianças, mas também promoveram a capacidade de se expressar e compreender o mundo à sua volta. As crianças, na maioria demonstram progresso ao longo das atividades planeadas.

Já o inquérito por entrevista à educadora (E1), utilizando a leitura de histórias como uma poderosa estratégia pedagógica na promoção do desenvolvimento integral das crianças, estimulando não apenas habilidades linguísticas, mas também a imaginação, criatividade e interação social das crianças. Acredita que as histórias infantis são essenciais para o desenvolver hábitos de leitura nas crianças, especialmente considerando o tempo significativo que passam no Jardim de Infância. Valoriza os contos

tradicionais como ferramenta pedagógica, promovendo não apenas o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças, mas também fortalecendo a interação entre a família e profissionais de educação através da partilha de histórias.

Já a educadora (E2) expressa uma profunda valorização da leitura das histórias como ferramentas essenciais no desenvolvimento das crianças, promovendo a curiosidade, o conhecimento e o crescimento emocional.

Relativamente à educadora (E3), valoriza muito a sua profissão, reconhecendo ser gratificante pelo carinho que as crianças demonstram. Assume também que a leitura de histórias na Educação Pré-Escolar é muito importante, que incorpora narrativas, trava-línguas, e poesias para promover habilidades linguísticas e hábitos de leitura nas crianças desde cedo. Acredita que a história infantil estimula a criatividade e a imaginação influenciando positivamente hábitos de leitura nas crianças. A (E3) vê a exploração de livros uma oportunidade valiosa para a interação entre pais e filhos promovendo habilidades de escuta, cooperação e desenvolvimento. Embora os EE não participem diretamente da leitura na sala, ela informa os pais sobre as histórias lidas para incentivar o apoio em casa.

No que se refere aos Encarregados de Educação, quase todos consideram ser muito importante contar ou ler histórias aos filhos. Alguns têm por hábito contar ou ler histórias, dizem que as crianças manifestam interesse em as ouvir. Os EE costumam comprar livros de contos e fábulas, os quais as crianças exploram com frequência.

Considerando os resultados do inquérito por entrevista e por questionário tanto das (E2) e (E3) como dos EE, é evidente que existe a perceção geral de as histórias infantis desempenharem um papel crucial no desenvolvimento da criança nesta faixa etária dos 3 aos 5 anos. Atendendo ao observado nas atividades práticas na sala Educação Pré-Escolar durante o tempo de estágio, destacou-se o recurso a histórias infantis de forma significativa nas práticas educacionais e familiares. Fica claro que as histórias infantis envolvem ativamente o interesse das crianças, promovem habilidades linguísticas, criatividade, imaginação e desenvolvimento emocional, além de serem uma ferramenta poderosa para transmitir os valores.

A maior ou menor produtividade tiradas das narrativas para crianças e dos conteúdos dependem do educador, dos adultos e mediadores no processo educativo pela forma como abordam – com a leitura expressiva, usando de linguagem clara, apelativa e motivadora.

A escolha de um bom livro ou uma história tendo em conta a faixa etária das crianças, usar imagens ou até vídeos que sejam relacionados com a história, enriquecem a compreensão, o colocar questões também leva a criança a participar ativamente na história, assim como o modo como contamos ou lemos a história utilizando a expressão facial e corporal, a voz e a dicção. Segundo Aguiar e Mata (2022), “as crianças vão-se apropriando gradualmente, não só do princípio alfabético do código escrito, mas também da sua funcionalidade e importância”. (p. 136) Quanto mais histórias e conversas a criança ouve, mais palavras aprende. Clay (1966, citado por Costa, 2022), diz que, “de facto as crianças são expostas a conteúdos escritos muito antes da educação formal”, (p. 124) quando a criança interage com um livro que investiga, comenta, lê ou finge que o lê.

É possível concluir que existe um reconhecimento geral da importância destes recursos no desenvolvimento das crianças nesta faixa etária. A frequência da leitura na sala de aula é variada, mas os educadores fazem-no com frequência, reconhecem o seu contributo para no desenvolvimento global da criança, atendendo aos interesses e necessidades manifestados. Quanto ao tipo de histórias exploradas, observa-se uma diversidade, incluindo contos tradicionais, fábulas, trava-línguas, lengalengas.

As rimas, as lengalengas, os trava-línguas e as adivinhas são aspetos da tradição cultural portuguesa que estão frequentemente presentes nas salas e no dia a dia das crianças e são meios de trabalhar a consciência linguística, em contextos de educação de infância. (OCEPE, 2016, p. 64)

Com base nas entrevistas e nos questionários, conclui-se que as histórias infantis desempenham um papel significativo no desenvolvimento das crianças nesta faixa etária. Pela análise dos dados recolhidos, evidencia-se que as educadoras se sentem motivadas a ler na sala para promover o interesse pela leitura, estimular a imaginação das crianças e facilitar a compreensão de conceitos e valores. Estas profissionais de

educação recorrem a histórias de receção infantil com frequência, sendo estas ferramentas educacionais poderosas – reconhecem – para enriquecer as experiências de aprendizagem das crianças. E efetivamente, pela observação direta realizada em contexto, foi possível averiguar que as crianças tinham feito aquisição de conhecimentos geradores de competências, durante as narrativas infantis questionaram sobre novas palavras, elaboram novas frases, construíram pequenas rimas, trabalharam a coordenação motora e a motricidade fina ao explorar a pintura, recortes, colagem, moldagem e desenho. Identificaram e contaram objetos, organizaram por conjuntos. Nos jogos e brincadeiras colaboraram uns com os outros e resolveram conflitos. Identificaram partes do corpo, caracterizaram algumas espécies de animais e os seus habitats, colocaram sementes na terra e observaram de perto o seu crescimento. Para finalizar, sublinhamos a necessidade de continuar a promover a leitura e a exploração das histórias nas salas de aula, mas também em contexto familiar, criando deste modo ambientes enriquecedores e promotores do crescimento e aprendizagem das crianças.

## Considerações Finais

O desenvolvimento das práticas supervisionadas em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico foi uma importante alavanca no percurso pessoal da estagiária pela forma como cada uma contribuiu significativamente para a sua formação profissional. As práticas supervisionadas foram essenciais por terem proporcionado novas experiências no ambiente educativo, permitindo à estagiária aplicar os conhecimentos teóricos fornecidos durante a formação académica e favorecido o desenvolvimento de competências pedagógicas tanto na relação com a Educação Pré-Escolar como em relação ao Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. De resto, como refere Rebelo (1990), “a escola é o lugar das primeiras experiências sociais da criança. Na escola irá aprender a ler e a escrever, saberes estes que lhe vão possibilitar adquirir uma consciência da língua e a apropriação de novos conhecimentos”. (p. 101)

Por seu turno, o desenvolvimento do presente estudo, cuja problemática emergiu da necessidade de compreender como é que as histórias de receção infantil eram percecionadas por diferentes atores educativos e perceber se permitiam o desenvolvimento e consolidação de conhecimentos. Proporcionou o aprofundar de práticas de investigação em educação, como seja habilidades de observação e avaliação, de modo a acompanhar o progresso das crianças e a tomar decisões na definição dos diferentes instrumentos a aplicar. De referir ainda que os trabalhos efetuados ao longo deste estágio e no contexto de sala de aula foram muito úteis. Todo este tempo contribuiu, de forma construtiva, para aperfeiçoamento profissional, uma vez que englobou as componentes teórica e prática.

Além disso, o contacto com novas práticas pedagógicas originou um enriquecimento no contexto profissional, assim como a possuir uma maior abertura ao lidar com desafios educacionais diversificados. Com efeito, a experiência específica de leitura de histórias tanto em sala de aula como pelas diversas turmas, além de evidenciar o valor pedagógico da exploração de narrativas, foi algo que despertou, por parte das crianças, um grande interesse, muito embora nem todas partilhassem o mesmo grau de motivação para lidar com livros ou sequer possuíssem hábitos de leitura com a Família em casa.

Neste percurso, houve a oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas de forma significativa.

Os momentos mais importantes do estágio terão sido porventura aqueles em que as crianças manifestaram interesse, interagiram e empenharam-se nas suas descobertas, tanto nos momentos das atividades como nas suas explorações diárias. Outros momentos importantes foram os das histórias contadas e partilhadas contexto de sala, onde foi possível observar a satisfação e alegria no rosto das crianças. Foi bem visível, no dia a dia, entre as crianças, a aquisição dos conhecimentos e gosto de os colocar em prática sempre que, por exemplo, viam um animal, quer fosse no recreio ou no meio envolvente.

As experiências vivenciadas permitiram constatar como, efetivamente, as crianças são recetivas a novas aprendizagens e ao contacto com diferentes estímulos.

Concluímos por fim, a partir do estudo feito, que a promoção da leitura e as histórias infantis desempenham um papel fundamental na Educação Pré-Escolar, como na transição para o 1º Ciclo do Ensino Básico.

Em termos de instrumentos, a preparação, aplicação e análise crítica da entrevista e dos questionários às Educadoras, sobre a temática, foi um processo árduo, mas também de crescimento e reflexão, uma vez que, ao aprofundar as opiniões das educadoras, foi possível apurar o seu ponto de vista e métodos relacionados à utilização das histórias de receção infantil na Educação Pré-Escolar. Obtivemos uma compreensão mais aprofundada de como as histórias de receção infantil são recebidas pelas crianças e o impacto que têm no seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Caldeira, Pereira & Silveira-Botelho (2017) referem que a formação inicial de educadores e professores: “Aprender é um processo gradual e o aluno vai reestruturando o seu conhecimento através das atividades que observa, analisa, prepara, vivencia e reflete entre pares, com os orientadores e supervisores”. (p. 48)

A experiência de estágio na área da educação ajudou a adotar uma postura mais reflexiva e a desenvolver intervenções educativas de forma mais consciente e sustentada. Nesta linha, Mesquita e Roldão (2019) apontam para a importância da reflexão no processo de formação profissional, “uma vez que influencia a consciencialização da complexidade do

ato de ensinar, pressupõe questionamento, análise e transformação e conduz a mais e melhor aprendizagem e, por conseguinte, a um enriquecimento pessoal e profissional”.

(p. 41)

Nos projetos abordados ao longo do estágio tanto do 1º Ciclo do Ensino Básico com a turma do 2º ano, como com o grupo Educação Pré-Escolar foram momentos que proporcionaram uma aprendizagem constante onde a estagiária lecionou e aprendeu com os professores e educadores através das suas práticas pedagógicas e sobretudo com as crianças. O Papa Francisco (2023), quando em certo momento se dirige às crianças, refere: “Vocês são sábios, (...) sem perceber, ajudam os adultos que sabem ouvi-los (...) Vocês, crianças, sabem dar o devido valor aos momentos da vida: (...) a diversão, as brincadeiras sozinhas, com os amigos e com os pais, (...)”. As crianças, na sua simplicidade, mostram que sabem apreciar todos os momentos, tantos sozinhas como acompanhadas.

Terminamos este relatório sublinhando a necessidade de continuar a promover a leitura e a exploração das histórias, nas salas de aula e nas famílias, criando deste modo, um ambiente enriquecedor para o crescimento e aprendizagem das crianças, uma vez que as histórias são ferramentas sólidas que contribuem efetivamente e de forma significativa para o desenvolvimento das crianças, em particular no contexto de Educação Pré-Escolar.

Em última análise, tal como os materiais manipuláveis são imprescindíveis no domínio da matemática, assim também, à medida que exploramos a riqueza das histórias para crianças, estas se tornam o alicerce para toda a base do conhecimento. Na verdade, independentemente da sua origem geográfica ou contexto, têm o potencial de estabelecer conexões entre várias gerações e várias sociedades. Elas não apenas divertem, mas também educam e preservam tradições, sobretudo se atendermos aos géneros e conteúdos que integram o património oral tradicional. De resto, à medida que continuamos a promover a riqueza deste valioso recurso, estamos a fortalecer as bases culturais da nossa sociedade, garantindo assim que as gerações futuras possam continuar a colher os benefícios desta herança.

Por fim, em termos de perspetivas de futuro em face dos aspetos fortes.

Como horizonte de investigação e/ou de formação de intervenção, destaca-se o gosto por aprofundar como promover práticas pedagógicas que incentivem a interação ativa das crianças e encarregados de educação com diferentes géneros no âmbito da literatura de receção infantil e ainda quais os benefícios da leitura para uma melhor compreensão da linguagem matemática.

Seria importante criar oficinas de leitura partilhada entre educadores e pais envolvendo as crianças nas histórias. A história contada na sala pela educadora, seria também contada em casa pelo encarregado de educação. Fazer convite aos pais para partilharem histórias na sala. Incentivar as crianças a partilhar as histórias contadas na sala em casa aos pais, deste modo ajuda a criança a desenvolver a memorização. As atividades feitas junto das crianças contribuirão significativamente para o seu desenvolvimento.

## Referências Bibliográficas

- Adragão, J. V. Reis, C. (1990). *Didática do Português*. Editora Universidade Aberta.
- Adragão, J. V. Reis, C. (1990). *Didática do Português*. Editora Universidade Aberta.
- Alves, A. T. A. R. B. Nascimento, A. Ilhó, A. Batista, B. Capela, B. Venturine, C. Rodrigues, D. Moreira, E. Ribeiro, E. Silva, F. Demba, J. Lapa, L. D. P. Fortunato, M. M. M. Silva, P. C. B. (2021). *Metodologias de Investigação. Reflexões em Torno de Recolha*. Editora: UA volume 2.  
[https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias20investigacao\\_Vol2\\_Digital.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias20investigacao_Vol2_Digital.pdf)
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2ª edição.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a Ensinar*. 7ª Edição. McGraw-Hill.
- Azevedo, F. (2008). *A Literatura Infantil e o Desenvolvimento da Imaginação*. Textos Editores.
- Azevedo, F. Balça, A. (2016). *Literatura e Educação Literária*. Edições, PACTOR. Ciências da Sociais, Forenses e da Educação.
- Balça, A. Leal, E. (2014). *A Leitura no Contexto da Educação Pré-Escolar*. Universidade de Évora.
- Balça, A. (2007). *Da leitura à Escrita na Sala de Aula: Um Percorso Palmilhado com a Literatura Infantil*. In F. Azevedo, (coord.). *Formar Leitores das Teorias às Práticas*. (p. 131-148). Lidel.
- Batista, R. M. Silva, S. P. C. Fortunato, M. (2021). *Metodologias de Investigação. Reflexões em Torno de Recolha*. UA Editora Universidade de Aveiro.  
[https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao\\_Vol2\\_Digital.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao_Vol2_Digital.pdf)
- Baptista, C. S. Sousa, M. J. (2011). *Como Fazer Investigação*, Dissertações, Tese e Relatórios. Pactor.
- Barret, G. Landier, J. (1991). *Expressão Dramática e Teatro*. Lisboa: Asa Editores.
- Basso, M. C. (2018). *A Literatura Infantil nos Primeiros Anos Escolares e a Pedagogia de Projetos*. <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/31506/17272>

Basso, M. C. (2018). *A Literatura Infantil nos Primeiros Anos Escolares e a Pedagogia de Projetos*. <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/31506/17272>

Bastos, G. (1997). *A Escrita para Crianças em Portugal no Século XIX*. Editorial Caminho.

Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Universidade Aberta.

Bettelheim, B. (2002). *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Tradução de Arlene Caetano  
16ª Edição - PAZ E TERRA.

Boaventura, D. Caldeira, M. F. Pereira, P. P. Ruivo, I. (2017). *Educação para o Desenvolvimento*. Revista Científica. Nº 5.  
[http://www.ioadodedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED\\_5.pdf](http://www.ioadodedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED_5.pdf)

Bolívar, A. Pinto, A. Caride, J. Rubal. Trillo, F. Zabalza, M. (2000). *Atitudes e Valores no Ensino*. Edições Piaget.

Borgdn, R. & C. Biklen, S. k. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Coleção Ciências da Educação. Porto Editora.

Brazelton, T. B. e Greenspan, S. I. (2003) *A Criança e o seu mundo* (e ed.) Editorial Presença.

Bertrand, Y. (2001). *Teorias Contemporâneas da Educação*. (2.ª ed.). Coleção Horizontes Pedagógicos, n.º 4. Lisboa: Edições Piaget.

Bessa, P. Damas, D. Fernandes, M. Freitas, M. Miranda, C. Oliveira, D. A. Oliveira, M. Pereira, I. Silva, D. Silva, S. (2016). *Juntos Pela Criança na Creche*. CNIS Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade. 1ª edição.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a Matemática de Forma Lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Caldeira, M. F. Reis, M. P. C. P. Botelho, A. T. (2017). *Supervisão e Avaliação da Prática Profissional no Ensino Superior*. In *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 47-69.

Costa, A. Silva, A. C. Soares, A. P. Vale, A. P. Aguiar, C. Alves, D. Gomes, I. Cadime, I. Alçada, I. Leite, I. Lopes, J. A. Veloso, J. Moats, L. C. Mata, L. Joshi, M. Martins, M. A. Ramalho, M. Silva, M. Lousada, M. Matins, M. Moura, O. Sousa, O. Treiman, R. Alves, R. A. Fernandes, S. Araújo, S. Carreker, S. Costa-Pereira, T. Goucha, T. (2022). *Ensino da Leitura e da Escrita Baseado em Evidências*. Fundação Belmiro de Azevedo.  
<https://www.edulog.pt/storage/app/uploads/public/635/b06/b43/635b06b4371b2516171126.pdf>

Crusoé, N. C. & Santos, E. M. (2020). *Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz: contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa*. Revista Tempos e Espaços Em Educação, 13(32), 1–16.

<https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/13274/10374>

Cunha, P. O. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica.

Cruz, S. G. M. (2007) *A Importância da Educação Ambiental no 1º Ciclo do Ensino Básico: Um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Portucalense.

Cury, J. A. (2004). *Pais Brilhantes Professores Fascinantes*. Editora Pergaminho.

Florêncio, V. (2001). *O Elogio da Diferença na Obra de Luísa Ducla Soares*. Malasartes (Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude) nº 5. Porto: Campo das Letras.

Gomes, J. A. (1996). *Da Nascente à Voz*. Edições Caminha.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M. Post, J. (2003). *Educação de Bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Lopes, J. Silva, H. (2011). *O Professor Faz a Diferença. Na Aprendizagem dos Alunos. Na Realização Escolar dos Alunos*. No Sucesso dos Alunos. LIDEL.

Lima, L. (1992). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*. 2ª Edição. Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação Psicologia. Universidade do Minho.

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12031>

Lopes, J. P. Silva, H. S. (2020). *50 Técnicas de Avaliação Formativa*. Lisboa: Pactor Língua Portuguesa. (pp. 55-73). Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.

Magalhães, A. M. Alçada, I. (1990). *Literatura infantil, espelho da alma, espelho do mundo* Revista ICALP, vol. 20 e 21, julho - 111-123.

Magalhães, A. (2002). Um saco, dois sacos, quatro sacos de livros. Mequita, A. (coord.). *Pedagogias do imaginário: olhares sobre a literatura infantil*, pp. 211-214. Asa.

Magalhães, V. F. (2008). “A promoção da Leitura Literária na Infância: um mundo de verdura a não perder” em Sousa & Cardoso, *Desenvolver Competências em Línguas Portuguesa*. Lisboa: Cied.

Maia, C. F. (2011). *Elementos de Ética e Deontologia Profissional* (3.ª ed.). Chaves: SNPL.

Mangueira, M. Santos, C. Almeida, L. Cunha, S. & Costa, D. (2019). *Sala das Sensações do big bang: O Universo numa Sala de Aula. Ciências em Foco*, v.12, n.º 1, 65-75. <https://bit.ly/2mVnyeG>.

Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Marques, R. (1995). *Educação Cívica e Desenvolvimento Pessoal e Social*. Objetivos, Conteúdos e Métodos. Lisboa: Texto.

Marujo, A. H. e Neto M. L. (2004). *Otimismo e Esperança na Educação*. Fontes Inspiradoras para uma Escola Criativa. (1 ed) Lisboa: Editorial Presença.

Mendes, T. (2015). *Literatura Infantil na Educação Pré-Escolar: Fruição, Leitura Literária e Compreensão Leitora*. Textura Canoas v.17 n.35 p.140-150 set./dez. 2015.

Mendes, T. (2019). *Educação Literária no Contexto Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico: da Teoria às Práticas*, 21 (45).

Mesquita Armindo (2002). *Pedagogia do Imaginário. Olhares Sobre a Literatura Infantil*. Edições Asa.

Mesquita, A. Azevedo, F. Balça, A. Silva, R. S. (2011). *Globalização na Literatura Infantil. Vozes Rostos e Imagens*. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Ministério da Educação e Ciência.

[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18303/1/Global Lit Inf Text.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18303/1/Global_Lit_Inf_Text.pdf)

Mesquita, E. Roldão, M. C. (2019). *A Supervisão como Dispositivo de Desenvolvimento Profissional e Transformação de Práticas*.

Ministério da Educação (2011). *Avaliação na Educação Pré-Escolar*. Circular nº 4 /DGIDC/DSDC.

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/circularavaliacaoep\\_documento\\_final.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/circularavaliacaoep_documento_final.pdf)

Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais Articulação com o perfil dos Alunos*. 2.º Ano 1.º Ciclo do Ensino Básico. Português.

Monteiro, A. (2014). *O Envolvimento das Famílias nas Atividades de Sala de Aula de 1.º Ciclo*. [Relatório de Estágio, Escola Superior de Educação de Lisboa]. Repositório do Instituto Politécnico de Lisboa.

- Nóvoa, A. (1992). *Os Professores e as Histórias da sua Vida*. In Nóvoa, A. (Org.). *Os Professores e a sua Formação*. D. Quixote.
- Pardal, L. Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores.
- Parafita, A. (1999) *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa, Plátano Editora.
- Pereira, L., & Lopes, E. S. (2007). *Fantoches e outras Formas Animadas no Contexto Educativo*. Intervenção.
- Perrenoud, P. (2002). *A Escola e a Aprendizagem da Democracia*. Edições, Asa.
- Pimentel, J. H. A. (2017). *A Importância das Histórias no Pré-Escolar*. Instituto Politécnico de Coimbra.
- Pocinho, M. D. (1999). *A Música na Relação Mãe Bebê*, Coleção: Epigénese e Desenvolvimento. Instituto Piaget.
- Projeto Curricular de Escola (2016/2019). Centro Social Paroquial N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Anunciada. Creche/Jardim de Infância, A Nuvem.
- Quivy, R. e Campenheout, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.
- Ramos, A. M. (2007). *Livros de Palmo e Meio: reflexões sobre a Literatura para a Infância*. Lisboa: Caminho.
- Rebelo, D. (1990). *Estudo Psicolinguístico da Aprendizagem da Leitura e da Escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Reis, P. & Silveira, Botelho (2016). *O que as Famílias não Sabem Sobre a Educação de Infância, Contribuições para uma Melhor Prática Educativa*. In Revista Científica – Educação para o Desenvolvimento, 3, 70-80.
- Reis, P. (2008). *Investigar e Descobrir*. Atividades para a Educação em Ciências nas Primeiras Idades. Edições Cosmos.
- Reis, P. P. (2013). *Brincar a Sério*. Braga: Universidade do Minho.
- Ricou, M. (2014). *A Ética E A Deontologia No Exercício Da Psicologia*. 1<sup>a</sup> Edição: Ordem dos Psicólogos Portugueses.
- Rigolet. S. A. (2009). *Ler Livros e Contar Histórias com as Crianças*. Porto editora, LDA.

Rocha, N. (1992). *A Breve História da literatura para Crianças em Portugal*. Biblioteca Breve. Volume 97. Ministério da Educação. 2ª Edição.

Santos, J. (2007). *Ensinaram-me a Ler o Mundo à Minha Volta*. Lisboa: Edição 1049. Assírio & Alvim.

Santos, M. E. (2000). *Hábitos de Leitura em Crianças e Adolescentes*. Edição Quarteto.

Sampaio, D. (1996). *Voltei à Escola*. Editorial Caminho. Lisboa 5ª edição.

Sarmiento, T. (2005) *(Re) pensar a Interação Escola-Família*. Revista Portuguesa de Educação. Universidade do Minho.  
[https://www.researchgate.net/publication/26465063\\_Repensar\\_a\\_interacao\\_escola-familia](https://www.researchgate.net/publication/26465063_Repensar_a_interacao_escola-familia)

Seiça, A. B. (2003). *A Docência como Praxis Ética e Deontológica*. Um Estudo Empírico.

Serrazina, L. (2017). *Planificação do Ensino e Aprendizagem da Matemática*. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa.  
[https://www.researchgate.net/publication/319879388\\_Planicacao\\_do\\_ensino\\_e\\_aprendizagem\\_da\\_Matematica\\_1\\_Lurdes\\_Serrazina](https://www.researchgate.net/publication/319879388_Planicacao_do_ensino_e_aprendizagem_da_Matematica_1_Lurdes_Serrazina)

Silva, C. F. (2007). *Teorias da aprendizagem. Para uma educação baseada na evidência*. Coleção Temas Universitários, n.º 8. Lisboa: Universidade Aberta

Silva, E. Bastos, G. Duarte, R. Veloso, R. (2011). *Leitura. Guião de Implementação do Programa*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Silva, S. H. Lopes, J. (2015). *Eu, Professor, Pergunto*. Lisboa: Pactor.

Silva, I. L. Marques, L. Mata, L. Rosa, (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)  
[http://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes\\_Curriculares.pdf](http://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf)

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Universidade Aberta.

Smith, K, Peter. Cowie, H. Blandes, M. (1998). *Compreender o Desenvolvimento da Criança*. Coleção: Horizontes Pedagógicos.

Soares, M. A. (2003). *Como Motivar para a Leitura*. Editorial Presença. 1ª edição.

Soares, L. D. (2003). *Seis Contos de Fadas*. Civilização Editora.

Tran-Thong. (1987). *Estádios e Conceitos de Estádios de Desenvolvimento da Criança na Psicologia Contemporânea*. 1º Volume 2ª edição. Edições Afrontamento.

Veríssimo, M. C. M. Brito, P. M. Martins, Brito, M. Fortes, L. M. Reis, P. A. J. (2019). *Educação Artística. Expressão Musical, Dramática e Plástica*. 1º Ciclo. Guia do/a Professor/a. Editor: Ministério da Educação.

Viana, L. F. Martins, M. Coquet, E. (2002). *Leitura Literatura Infantil Ilustração*. Centro de Estudos da Criança – U. M.

Viana, L., Cruz, J., & Cadime, I., (2017). «Ler» antes de ler. Como facilitar a aprendizagem da leitura e escrita? In F. L. Viana, & I. Ribeiro, Falar, Ler e Escrever. Propostas integradoras para jardim de infância (pp.8-24). Maia: Lusoinfo Multimédia.

Vieira, R. & Vieira, C. (2005). *Estratégias de Ensino /Aprendizagem*. Lisboa, Instituto Piaget.

Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e família: Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Editora, Artmed. Original em Espanhol Publicado em 1996.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto. Edições ASA.

## Webgrafia

Conselho Nacional de Educação, Diário da República,

[https://www.cnedu.pt/content/deliberacoes/recomendacoes/Recomendacao\\_n.2\\_2021\\_Voz.pdf](https://www.cnedu.pt/content/deliberacoes/recomendacoes/Recomendacao_n.2_2021_Voz.pdf)

Manual do Conselho da Europeu sobre a participação das crianças (2020),

<https://rm.coe.int/ouvir-agir-mudar-manual-do-conselho-da-europa-sobre-a-participacao-das/1680a9c567>

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar Ministério da Educação,

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes\\_curriculares\\_pre\\_escolar.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes_curriculares_pre_escolar.pdf)

Lei de Bases do Sistema Educativo.

[https://www.cnedu.pt/content/edicoes/outras\\_publicacoes/af\\_lei\\_de\\_bases\\_vol-i.pdf](https://www.cnedu.pt/content/edicoes/outras_publicacoes/af_lei_de_bases_vol-i.pdf)

Papa Francisco no Discurso às Crianças em outubro de (2023).

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/papa-francisco-responde-a-criancas-e-diz-que-elassao-sabias-humildes-e-ensinam-os-adultos/>

Projeto Educativo do Agrupamento. <https://avebocage.net/wp-content/uploads/2021/09/PEA-4-03-2020-1.pdf>

Tempos, Espaços e Artefactos em Educação.

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9993/1/mpcasanova%20atas%20afirse2020%20compreens%C3%A3oleitora.pdf>

## Anexos

## Anexo 1- Declaração de Autorização de Depósito no Repositório Comum



## ANEXO I

**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM**  
Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, o(a)

Hermínia Jardim Gansulew

Portador do Cartão de Cidadão n.º 08466307

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: História da Recreação Infantil e Desenvolvimento da Criança

Concluído/a em 07/08/2024 Cooperatividade e Experiências em Educação Pré-Escolar

Declara, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado<sup>1</sup> até  / /

Email: cam.tat@gmail.com

Contacto tlf: 962298555

Data: 07/08/2024

Assinatura: Hermínia Jardim Gansulew

<sup>1</sup>Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

## Anexo 2- Licença De Distribuição Não Inclusiva – Repositório Comum



## ANEXO II

## LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

## LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra.:

Hermania Jardim Ganscher

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativos à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 07/03/2024

Assinatura: Hermania Jardim Ganscher

## Anexo 3 – Declaração De Finalização De Relatório De Prática De Ensino Supervisionada



Campus Universitário de Almada  
Instituto Politécnico Jean Piaget do Sul  
Decreto-Lei n.º 4/2019, de 14 de janeiro  
Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada

### DECLARAÇÃO DE FINALIZAÇÃO DE RELATÓRIO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Ana Rita Bernardo Leitão, orientadora da estudante Herminia Jardim Gonçalves, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, declara que a dissertação intitulada(a): Histórias de Receção Infantil e Desenvolvimento da Criança: Oportunidades e

A guardar...

Educação Pré-Escolar se encontra concluído(a) e em condições de ser submetido(a) à apreciação do júri.

Almada, 28 de julho de 2024

O(a) Orientador(a):

(Ass.):

Assinado por: Ana Rita Bernardo Leitão  
Num. de identificação: 11174031  
Data: 2024.07.28 17:46:43+01'00'

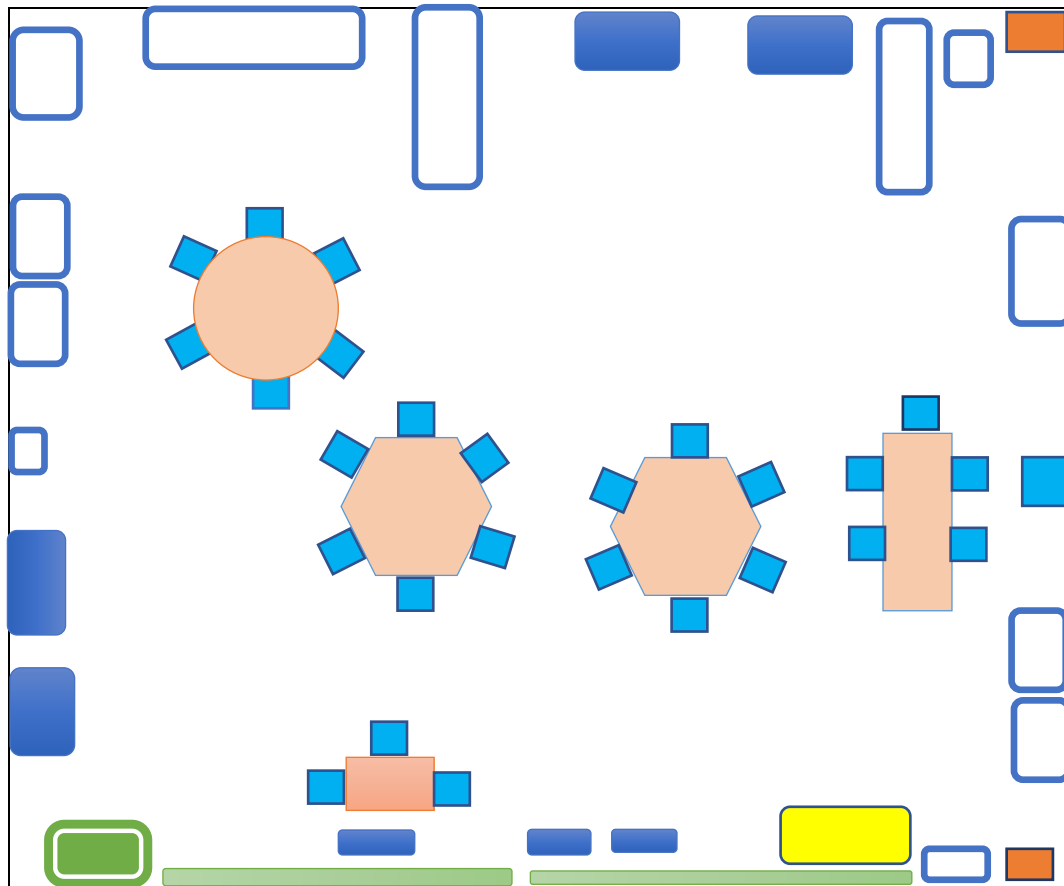
*Herminia Jardim Gonçalves*

Anexos:

1 PEN – com RF e Curriculum Vitae

## Apêndices

### Apêndice A – Planta da Sala Onde Ocorreu o Estágio em Educação Pré-Escolar

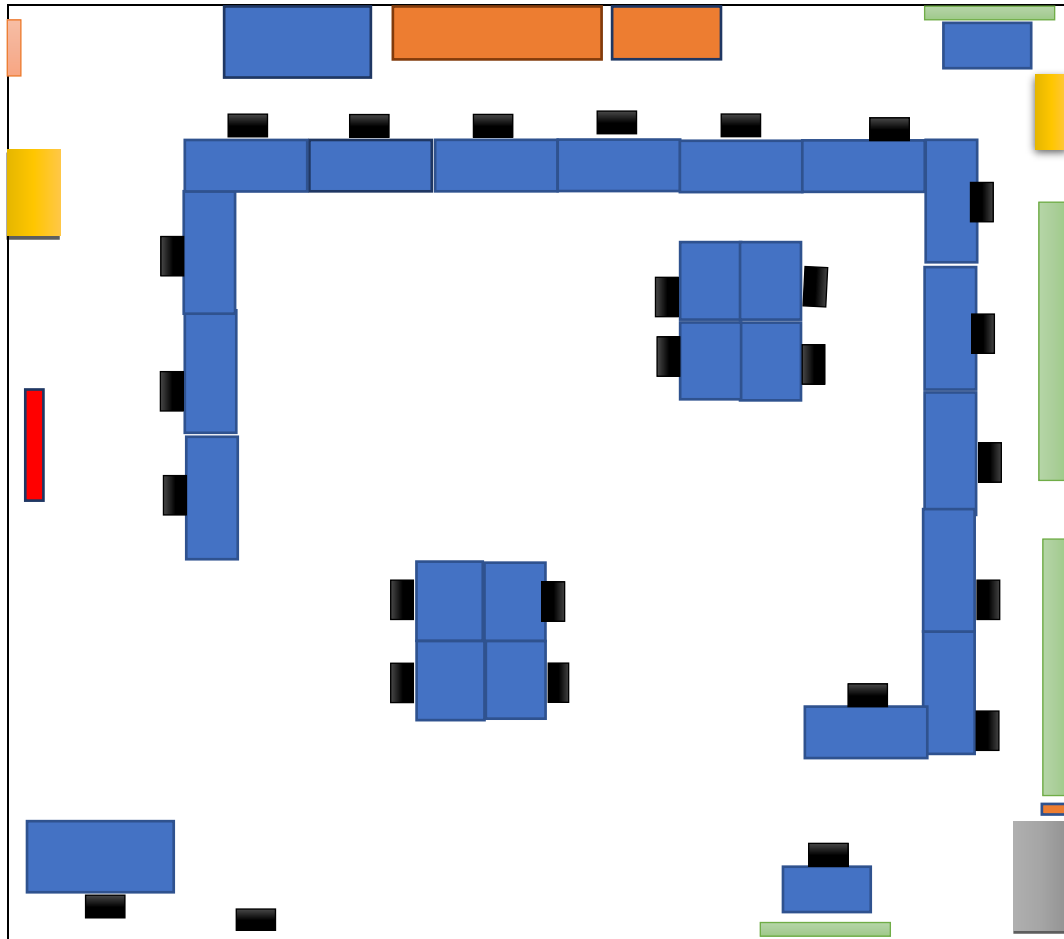


-  Estantes
-  Lavatório
-  Mesas
-  Portas
-  Janelas
-  Tapete
-  Cadeiras
-  Áreas

## Apêndice B – Preferências do Grupo em Educação Pré-Escolar

Idades: 3/4/5 anos				
Distribuição dos alunos por sexo				
Masculino			Feminino	
18			6	
Caracterização sócio - económica das famílias				
Nível baixo	Médio	Médio alto		Elevado
0	1	23		0
Caracterização sócio – profissional (Encarregados de educação)				
Trabalhador por conta própria	Trabalhador por conta de outrem Profissão liberal		Desempregado	Outro
0	21		1	2
Casos problema e situações merecedoras de atenção especial				
Alunos sinalizados com Necessidades Educativas Especiais	Alunos sinalizados com Dificuldades de Aprendizagem	Problemas Comportamentais	Problemas de Linguagem (casos detetados através de despistes de Terapia da Fala)	Alunos sinalizados com Dificuldades de Concentração da Atenção
1	0	0	0	0
Grau de envolvimento das famílias no Jardim Infância				
Muito participativas	Participação regular		Pouco participativas	
8	10		6	
Preferências das crianças				
Expressão Plástica	Desenhos	Casinha	Construções	Jogos
2	4	4	9	5
Quando for grande quero ser:				
Polícia	Construtores	Médico	Bombeiro	Bailarina
2	5	2	3	1
Veterinário	Princesa	Piloto	Professora	Feliz
3	2	1	2	1
Eletricista	Não se pronunciou			
1	2			

## Apêndice C – Planta da sala onde correu o estágio em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico



-  Mesas
-  Estantes
-  Janelas
-  Armários de material didático
-  Cadeiras
-  Porta
-  Quadro interativo

## Apêndice D – Alguns Livros da Sala de Educação Pré-Escolar

Título do Livro	Autor/ilustrador	Faixa Etária	Observações
- <b>Teo em Férias</b> - <b>Teo Vai às compras</b>	Violeta Denou	6 – 10 anos	Ilustrações complexas, com capa dura, mas com muito texto e tamanho de letra pouco adequado para crianças em idade Pré-Escolar.
- <b>Grandes Amigos</b>	Linda Sarah/Benji Davies	4 – 6 anos	Boa ilustração, de capa dura e texto adequado a esta faixa etária e de acordo com PNL.
- <b>O Segredo de Laura</b> - <b>Laura e os Monstros dos Sonhos</b>	Klaus Baumgart	3 – 5 anos	O livro tem uma boa ilustração, capa dura, mas tem muito texto para crianças na idade Pré-escolar.
- <b>O Peixe Arco-Íris</b>	Marcus Pfister	3 – 6 anos	Livro de capa dura, ilustração e texto apropriados.
- <b>101 Dálmatas</b>	Dodie Smith/Steven Lenton	8 – 12 anos	Livro de capa dura, ilustração complexa, muito texto e dificuldade de compreensão para crianças em idade Pré-Escolar.
- <b>Papá Por Favor, Apanha-me a Lua</b>	Éric Carle	4 – 6 anos	Livro de capa dura, com boa ilustração e texto adequado para esta faixa etária.
- <b>O Elefante se Balançava</b>	Marianne Dubuc	4 – 6 anos	Livro com boa ilustração, capa dura e com pouco texto, adequa-se a esta faixa etária.
- <b>Porque será que as Aranhas Tecem Teias</b>	Amanda O Neill	acima dos 9 anos	Ilustração complexa, muito texto e dificuldade de compreensão, sendo pouco apropriado para crianças em idade Pré-Escolar.
- <b>Mamã Maravilha</b>	Orianne Lallemande	4 – 6 anos	Livro de capa dura, texto adequado e com uma boa ilustração.
- <b>Teresa e Tiago (Mega Imaginação)</b>	Rainey, Dean/Dini, Alejandro	Acima dos 8 anos	Livro de capa mole, imagens e texto muito densos.
- <b>O Mel Apetitoso</b>	Vários autores	7 – 9 anos	Livro de capa dura, boa ilustração, mas texto denso.
<b>O Cuquedo</b>	Clara Cunha/Paulo Galindro	6 – 8 anos	Livro de capa dura, boa ilustração, e texto adequados. Faz parte do PNL, adapta-se a crianças em idade Pré-Escolar.
- <b>A Princesa e a Ervilha</b>	Vários autores	4 – 10 anos	Livro de capa dura, boa ilustração, mas leitura um pouco densa para crianças em idade Pré-Escolar.

## Apêndice E – Plano de Atividade nas Várias Fases do Estudo

Sessões com as histórias	Objetivos gerais de aprendizagem
1ª Fase	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar uma história Amélia Quer um Cão</li> <li>- Desenvolver o interesse pelos animais</li> <li>- Classificar os animais aéreos, terrestres e aquáticos</li> <li>- Diálogo sobre os animais que não estão na história</li> <li>- Recontar a história da Amélia quer um cão</li> <li>- Descobrir como o é revestido o corpo dos animais</li> <li>- Atividade em pequenos grupos: pintar o negativo dos animais</li> <li>- Pintura dos animais com carimbagem</li> </ul> <p>De que se alimentam cenoura, milho, erva, osso, carne, palha ou feno</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Caracterizar alguns animais.</li> </ul>
2ª Fase	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ler a história todos no sofá</li> <li>- Desenvolver o sentido do número, através de uma história</li> <li>- Falar das características dos animais e da sua alimentação</li> <li>- Atividade: unir os pontos da casa dos animais.</li> <li>- Continuar a pintar os animais com carimbagem</li> <li>- Unir os pontos da casa dos animais</li> <li>- Reconto da história Todos no Sofá</li> <li>- Saber usar a tabela de dupla entrada</li> <li>- Identificar na tabela os animais de duas e de quatro patas.</li> </ul>
3ª Fase	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar a história <b>A Lagartinha Muito Comilona</b></li> <li>- Identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais.</li> <li>- Identificar alguns alimentos saudáveis</li> <li>- Identificar os dias da semana</li> <li>- Identificar momentos do dia como: noite, manhã, tarde, semana</li> <li>- Explicar que a partir de uma pequena semente nasce uma árvore - Partilhar maçãs e explicar que a partir de uma pequena semente nasce uma árvore.</li> <li>- Moldagem com o barro.</li> <li><b>Segundo momento:</b></li> <li>- Trabalhar as cores</li> <li>- Simetria com tintas, dobrar a folha ao meio usar cores variadas</li> <li>- Folha dobrada ao meio usar cores variadas</li> <li>- Reconhecer animais selvagens e domésticos</li> <li>- Identificar sons de alguns animais</li> <li>- Expressar-se livremente com movimentos corporais e imitar os animais.</li> </ul>
4ª Fase	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ler o livro: <b>“O Meu Pai”</b>. Preparar o Dia do Pai e mencionar a sua importância.</li> <li>- Medir as crianças: Comparar a sua altura, com a altura dos colegas</li> <li>- Ser capaz de cantar individual e em grupo a canção: “O meu Pai é Grande”</li> <li>- Desenhar o pai.</li> <li>- Livro: <b>“Aprendo os valores com os animais”, história “Os Esquilos”</b></li> <li>- Identificar o que comem os esquilos</li> <li>- Valorizar o contributo dos esquilos para o meio ambiente</li> <li>- Compreender como funciona a germinação das sementes</li> <li>- Identificar diferentes matérias (sementes, terra)</li> <li>- Desenvolver uma sementeira</li> <li>- Caracterizar os sons dos animais</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber o que é uma orquestra, saber respeitar e esperar a sua vez</li> <li>- Trabalhar em equipa, aos pares ou em pequenos grupos</li> <li>- Imitar sons de animais</li> <li>- Aos pares ou em pequenos grupos imitar sons de alguns animais.</li> </ul>
5ª Fase	<ul style="list-style-type: none"> <li>- História: <b>“O Casamento da Gata”</b>. (Usar fantoches)</li> <li>- Identificar os personagens da história “O Casamento da Gata”</li> <li>- Identificar rimas</li> <li>- Descobrir alguns insetos</li> <li>- Exploração de vocabulário do livro “Os Dálmatas”</li> <li>- Identificar algumas profissões</li> <li>- História: <b>“O que Há debaixo da cama?”</b></li> <li>- Identificar: direita/esquerda, frente/trás, em cima/em baixo, dentro/fora, aberto/fechado</li> <li>- Fazer uma roda trabalhar a lateralidade.</li> </ul>
6ª Fase	<ul style="list-style-type: none"> <li>- História: <b>O Nabo Gigante</b>. (Identificar quantidades)</li> <li>- Identificação os legumes</li> <li>- Identificar os animais</li> <li>- Ilustrar os animais que entram na história</li> <li>- Recontar a história “O Nabo Gigante”</li> <li>- Ordenar por tamanhos os animais da história</li> <li>- Ilustrar os legumes da história através da observação</li> <li>- Livro: <b>“Pedrito Coelho Procura Formas e Tamanhos e Opostos”</b>.</li> <li>- Com o indicador e o polegar, trabalhar a motricidade fina (usando a mola da roupa)</li> <li>- Início do cartaz.</li>   <li>- Livro: <b>Gente Gira</b>.</li> <li>- Identificar elementos de natureza verde</li> <li>- Fazer o registo de elementos de natureza verde através da ilustração.</li>   <li>- Livro: <b>“Capuchinho Vermelho” do autor, Charles Perrault</b> (história adaptada, autor desconhecido)</li> <li>- Identificar os elementos da família na história da Capuchinho Vermelho</li> <li>- Ser capaz de identificar os principais elementos da sua família e apresentar ao grupo.</li>   <li>- Apresentar o livro: <b>“A Minha Família”</b>.</li> <li>- Apresentação do livro “As Minhas Rimas”</li> <li>- Avaliação</li> <li>- Interação com as famílias – Encarregados de Educação.</li> </ul>

## Apêndice F – Plano de Atividades feito com a Turma do 2º Ano

Plano de atividades		
Datas	Atividades	Atividades que vão decorrendo
28/10/2022	Construção de uma história através de um Jogo, partindo da história o “Médico do Mar” do exemplar do aluno	
02/11/2022	Organizando a história, feita pela turma, telegrafar para o caderno	
03/04/2022	<b>O Ratinho, O Morango vermelho e Maduro e Grande Urso Esfomeado”</b> - Interpretação e exploração do texto e ficha - Ficha	<ul style="list-style-type: none"> <li>Distribuindo de histórias na sala de aula (leitura diária, feita pelo aluno com livro que traz de casa).</li> </ul>
04/11/2022	<b>O fruto preferido da turma</b> - Gráfico de Carrol	
08/11/2022	<b>A receita</b> , (houve uma interrupção, integramos uma receita devido à feira dos saberes)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Distribuindo histórias pelas outras turmas. (leitura semanal nas outras turmas. A turma do 2º ano A, foi dividida em grupos. Cada grupo escolheu uma história para ler a uma turma escolhida pelo grupo. Foram ler uma vez por semana até finalizar a história. deste modo, despertaram nos ouvintes, o gosto pelas histórias).</li> </ul>
10/11/2022	- <b>A magia das cores</b> (livro do monstro das cores leitura feita pela criança) - Recorte e colagem do monstro das cores na garrafa	
11/11/2022	<b>A magia das cores</b> - Pintura do monstro das cores	
14/11/2022	<b>Plantação dos morangueiros</b>	
18/11/ 2022	<b>Estrofe do poema Autorretrato de uma Personagem (50 nos de escola)</b> - Como se chama o agrupamento? - Quem foi o que fez? - De onde morava? - Desenhar - O que é um poema - Uma estrofe - Um verso	
21/11/2022	<b>Descobrimo Profissões</b> - Estrofes - Descobrir profissões - Ler e escrever o poema - Copiar para o caderno	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conta-me uma história. (Semanalmente trazer os pais, avós ou outros à escola durante o tempo de estágio (5 minutos de leitura na sala de aula).</li> </ul>
29/11/2022	“Profissões. Como é mesmo? - Ordenar o Poema “Descobrimo as profissões?”	
30/112022	- Brincando com os poemas de um verso/estrofe/quadra <b>a partir do nome</b> - <b>Selecionar poemas/estrofes</b>	
05/12/2022	- <b>História do pinheiro</b> - <b>Dialogar sobre árvores de folha caducas e persistentes</b> - <b>A árvore de Natal (dobragens)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Cantinho da leitura.</li> </ul>
07/12/2022	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Pintura da árvore de Natal</b></li> </ul>	

<b>12/12/2022</b>	<b>História do livro do aluno página 143 “A BILHA RACHADO”</b> - Trabalhar as diferenças - Leitura/interpretação história na sala de aula. - Trabalhar a interculturalidade. - Observar as folhas sem e com a lupa - Matemática (pares/imperes) - Expressão Plástica: Moldar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura no bairro.</li> </ul>
<b>14/12/2022</b>	- Enfeites da árvore de Natal - Desenhar e Ilustrar a história da Bilha Rachada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção do livro em turma</li> </ul>
<b>03/01/2023</b>	- Os Valores (acróstico) - <b>Ilustração dos marcadores</b> (continuação)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcadores</li> </ul>
<b>04/01/2023</b>	- Visita ao lar de idosos (Não é possível devido à situação pandémica vivida no país) - Cantinho de leitura (Continuação da ilustração dos marcadores)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• feitos por todos os elementos da turma (cada grupo ilustra os marcadores da história que é contada à sua turma. No final distribui os marcadores.</li> </ul>
<b>09/01/2023</b>	- Provérbios - Preparação dos versos ou estrofes para ler no bairro. - Terminar o livro - Construção de um pequeno livro individual	
<b>12/01/2023</b>	- Preparação da atividade a <b>Saída ao bairro</b> (ler versos ou estrofes, provérbios, lengalengas à comunidade)	
<b>16/01/2023</b>	- Jogo da glória (Aula supervisionada)	
<b>18/01/2023</b>	- Avaliação das aulas	

## Apêndice G – Inquérito por Questionário aos Encarregados de Educação

### INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ENCARREGADOS E EDUCAÇÃO

O presente inquérito por questionário surge no âmbito de uma investigação sobre: “As histórias infantis no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar”. Penso ser fundamental, saber a opinião dos encarregados de educação, sobre este assunto. A sua participação é muito importante para o desenvolvimento do tema.

Desde já agradeço a sua participação.

Assinale com um **X** a resposta que vai de acordo com os seus critérios.

#### I. Caracterização dos respondentes

##### 1. Qual é a situação de trabalho do encarregado de educação:

- Empregado     Trabalho autónomo (conta própria)     Trabalhador temporário  
 Desempregado     Outro

##### 2. Faixa etária do Encarregado de educação:

- 20 a 25 Anos     26 a 30     31 a 35 anos     36 a 40 anos     41 a 45  
 46 a 50 anos     Acima de 50.

##### 3. Qual o grau de escolaridade:

- Ensino básico     Ensino secundário     Licenciatura     Mestrado      
Outro

##### 4. Grau de parentesco do seu educando:

- Pai     Mãe     Avô     Avó     Outro(qual)? \_\_\_\_\_

#### I. Hábitos de leitura

Assinale com um **X** a resposta que vai de acordo com os seus critérios, ou hábitos do dia a dia do seu filho/a.

**5. O seu filho/a pede para lhe contar/ler histórias?**

Nunca     Raramente     Às vezes     Quase sempre     Sempre.

**6. Acha importante ler histórias infantis ao seu filho/a?**

Não     Talvez     Depende     Sim     Muito importante.

**7. À noite costuma ler histórias ao seu filho/a?**

Nunca     Raramente     Às vezes     Quase sempre     Sempre.

**8. Que género de livros compra ao seu filho/a?**

Fábulas     Contos     Lendas     Adivinhas     Aventuras.

**9. O seu filho/a costuma explorar livros?**

Nunca     Raramente     Às vezes     Quase sempre     Sempre.

**10. Que géneros de livros explora?**

Fábulas     Contos     Lendas     Mitos     Adivinhas     Outros.

**11. Se o convidassem a participar em alguma atividade na escola do seu filho:**

- Nunca participaria
- Não ligo muito a esse género de propostas
- Tentaria perceber primeiro o tipo de atividade
- Participava
- Participava sem qualquer receio.

## Apêndice H – Guião da Entrevista

	<b>Categorias Objetivos Específicos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Formulário de Questões</b>
<b>A - Legitimação da entrevista e motivação</b>	- Legitimar a entrevista; E Legitimação da entrevista e motivação	Resumo das questões	Esta entrevista tem como objetivo a aquisição de informação sobre o tema: “As histórias infantis no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar”.
	- Motivar a entrevistada.		O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.
			Pedir autorização para gravar áudio.
<b>B - Caraterizaã o pessoal e profissional do/a.</b>	- Identificar as caraterísticas pessoais e profissionais	- Pessoal	1. O que a motivou a seguir a área como educadora de infância?
			2. Tem sido gratificante exercer o papel de educadora?
			3. Como educadora, sente-se realizada?
			4. Alguma vez sentiu desejo de investir noutra área sem ser a educação?
			5. Há quantos anos exerce esta profissão?
			6. Na instituição atual, há quanto tempo está a trabalhar?
<b>C - Organização das aulas, metodologia, ambiente de aprendizagem</b>	- Identificar estratégias usadas pela Educadora Cooperante para a promoção de conhecimentos através das histórias infantis.	1. As planificações.	7. A leitura faz parte das suas planificações?
		2. Género de histórias.	8. Que tipo de histórias lê, na sala, ao grupo de crianças Educação Pré-Escolar?
		3. A sua motivação na leitura de histórias.	9. O que a leva a ler histórias infantis na sala Educação Pré-Escolar?
		4. Qual a frequência de leitura.	10. Com que frequência costuma fazer leitura histórias infantis na sala?
		5. Qual a importância da leitura.	11. Na sua opinião, qual a importância da leitura de histórias e dos livros para as crianças?
<b>D- Aquisição de conheciment os a partir das histórias infantis</b>	- Identificar o papel das histórias infantis na aquisição de conhecimentos.	6. RELAÇÃO DA leitura das histórias COM A PROMOÇÃO DE hábitos de leitura.	12. No seu parecer, acha que leitura das histórias infantis têm influência para hábitos de leitura nas crianças?
<b>E- Articulação com os encarregados</b>	- Identificar estratégias de trabalho pedagógico em articulação com os encarregados de educação	7. Género literário.	13. Privilegia algum género literário em particular? Qual? Porquê?
		8. Aquisição de conhecimentos.	14. Na sua opinião, através das histórias, as crianças adquirem conhecimentos?
		9. Exploração dos livros e a relação dos encarregados de educação, profissionais e crianças.	15. Como pode a exploração de livros proporcionar um bom tempo entre pais e filhos, profissionais e crianças?

<b>de educação recorrendo a histórias infantis.</b>	recorrendo a histórias infantis.	10. Envolvimento dos encarregados de educação em contexto de sala.	16. Costuma envolver os encarregados de educação na leitura das histórias em contexto de sala?
<b>Finalizar a entrevista</b>	Este bloco tem como intenção finalizar a entrevista, valorizar a intervenção e a colaboração do docente e dar oportunidade para que expresse alguma ideia que não tenha referido anteriormente.	Conclusão da entrevista.	De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?
Obrigada pela sua disponibilidade			

## Apêndice I – Respostas ao (IE) Inquérito por Entrevista à (E1)

### **1. O que a motivou a seguir a área como educadora de infância?**

O que me motivou foi o amor pelas crianças e ver como cada criança se desenvolve. É como um livro, só sabemos o valor do seu conteúdo quando o abrimos e lemos. Assim as crianças, são a verdadeira história de cada país, de cada nação. Porque só teremos futuro se tivermos crianças e futuro com humanidade, bondade, com cidadãos credíveis se dermos prioridade à educação desde a mais tenra idade, esta é a minha perspetiva.

### **2. Tem sido gratificante exercer o papel de educadora?**

Sim, tenho aprendido muito. O 1º ano foi mais intensivo, em que tinha muitas coisas para ensinar. Depois no 2º ano verifiquei que aprendi muito mais do que ensinei. No 3º ano verifiquei e descobri que, em conjunto, os projetos e a realização dos mesmos foram aventuras e momentos que cultivávamos o gosto por aprender e descobrir coisas novas. Aprendi também e aprendemos em conjunto a valorizar cada vez mais o valor das pequenas coisas. Que todos éramos importantes no processo de ensino aprendizagem. Que toda a equipa e comunidade envolvente formavam os andaimes na arte de educar. Foi isto que aprendi nestes anos.

### **3. Como educadora, sente-se realizada?**

Sim, porque educar para mim é uma necessidade e uma urgência. Porque todos os dias lançamos sementes, e todos os dias temos de cultivar, se queremos ver florir ou dar fruto. Sem esquecer os demais. Tudo é importante na educação das crianças. Um bom dia, um sorriso, um abraço, um olhar de ternura e por vezes de firmeza com delicadeza. Educar é a mais bela arte a meu ver, que nunca deve esgotar o gosto por educar, nos verdadeiros valores, nobres e sublimes. Educar na transparência e na verdade; na humildade e também na simplicidade. Dando vida e vendo mesmo as pedras, mas duras do caminho... Que ali existe vida, beleza e encanto, e talvez a pedra angular de novas gerações e construções de modelos curricular e modelos de vida autênticos e altruístas. Vendo para além do olhar. Projetando futuro, um futuro com esperança e brilho no olhar de quem se sente feliz por pertencer ao mais belo jardim do universo chamado educação. Para mim é isto tudo.

**4. Alguma vez sentiu desejo de investir noutra área sem ser a educação?**

Sim, escritora ou dedicar-me ao teatro, gosto muito de teatro. Na minha adolescência fazia muito teatro.

**5. Há quantos anos exerce esta profissão?**

Há oito anos e meio.

**6. Na instituição atual, há quanto tempo está a trabalhar?**

Há três.

**7. A leitura faz parte das suas planificações?**

Sim, todos os dias lia uma história de manhã, não sendo possível de manhã lia à tarde, tinha sempre esse, fim porque, através das histórias, as crianças vão desenvolver muito o vocabulário e o gosto pelas mesmas.

**8. Que tipo de histórias lê, na sala, ao grupo de crianças Educação Pré-Escolar?**

Lia os contos tradicionais, que esses são fundamentais, a coleção biblioteca dos valores, e lengalengas, rimas, os contos tradicionais como já referi. Portanto, todo este leque e outros que as crianças por vezes traziam.

**9. O que a leva a ler histórias infantis na sala Educação Pré-Escolar?**

Sim, há vários motivos, primeiro desenvolve a linguagem, a criatividade, a imaginação, educa a sensibilidade, melhora a capacidade de expressão oral e cria o gosto pelo livro, o tocar nas páginas, ajuda a criança desde cedo a contactar com a escrita e a saber fazer a leitura de imagem. Desenvolver a observação e a curiosidade. Porque a leitura de histórias infantis transmite a magia e o encanto na sala de aula e no imaginário infantil. Uma vez que nem todas as crianças têm um ambiente familiar propício a uma harmonia e bem-estar, estas histórias ajudam a transpor para uma realidade nova cheia de magia e encanto. Por isso as histórias onde tudo acaba bem mesmo que tenha mau começo, mesmo que haja desencantos e medos dificuldades, tudo isso é ultrapassado e pintado com a paleta do educador que de olhar atento, também pode modificar tudo. Pode sempre modificar a história quando a dificuldade é maior, através dela, também pode ajudar o ouvinte a progredir ou a fazer uma narração, ou narrar as suas próprias emoções de modo a libertar os seus medos ou angústias e ajudando a superar e criando

até um final feliz através de uma nova narrativa, que até as crianças gostam de narrar e explorar.

**10. Com que frequência costuma fazer leitura histórias infantis na sala?**

Como já referi na pergunta anterior, faço todos os dias. Exceto quando dramatizo com fantoches. Sim, nessa altura então já tem a história ali subentendida.

**11. Na sua opinião, qual a importância da leitura de histórias e dos livros para as crianças?**

É uma ferramenta pedagógica, é uma ferramenta, é mesmo quase que um motor que enriquece profundamente a criança e o educador, tornando as áreas de conteúdo mais apelativas e ao mesmo tempo desenvolve a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade de uma forma tão natural. Como por exemplo: TODOS NO SOFÁ, é uma história infantil de Luísa Ducla Soares e que tem um sumo e exploramos a matemática, exploramos o conhecimento do mundo, é vasto o leque. A branca de neve e os sete anões, entre outras. Liberta a alegria e o encanto e a magia das coisas e do sentir e viver que muitas vezes de um viver que muitas vezes está aprisionado. Por algum momento ou palavra menos apelativa que foi dirigida por um colega ou amiguinho da sala e assim estas histórias vão ajudar esta criança a sair do seu mundo e a interagir com os outros ou até mesmo o educador e a criança nesse momento da leitura entram no mundo imaginário e o seu semblante torna-se mais feliz e comunicativo.

**12. No seu parecer, acha que leitura das histórias infantis têm influência para hábitos de leitura nas crianças?**

Sim, sim sem dúvida. Uma vez que as crianças passam mais horas no jardim de infância do que com os pais e isso ajuda muito as crianças a interagir.

**13. Privilegia algum género literário em particular? Qual? Porquê?**

Sim. Os contos tradicionais. Os três porquinhos, O capuchinho vermelho são das histórias que, ao longo do ano e do tempo, são mais pedidas pelas crianças e que tem sempre uma vibração intrínseca. Porque elas são movimento e surpresa de princípio ao fim. E todo o enredo é fácil de visualizar no imaginário das crianças. E todas as crianças salvo alguma exceção, claro, são capazes de recorrer, recontar e acrescentar facilmente

e visualizar no seu imaginário, particularmente à história e desenvolver sempre o interesse por dramatizar sempre cada história. Desenvolvendo a linguagem e a expressão oral em que as crianças comunicam com maior fluidez.

**14. Na sua opinião, através das histórias, as crianças adquirem conhecimentos?**

Sim, em todas as áreas. Hoje, em pleno século vinte e um, temos uma abundante literatura para a infância de variadíssimos autores que dá para trabalhar numerosos conteúdos em todas as áreas. E com as novas tecnologias ainda mais. Mas para mim, o livro será sempre o ponto fundamental e primordial na vida da criança e para o bom desenvolvimento cognitivo e sem contraindicações.

**15. Como pode a exploração de livros proporcionar um bom tempo entre pais e filhos, profissionais e crianças?**

Portanto a meu ver, através da partilha de saber e de saberes da leitura partilhada e dramatizada, quer na vinda dos pais à sala de aula, ou avós, quer na criação de bibliotecas, bibliotecas ambulantes, em que os livros poderão “passear” visitar os pais sendo levados da sala de aulas pelos filhos a casa. Ou, trazidos de casa e levados para a sala de aula para serem explorados pelos educadores e também em contacto com os amigos e os colegas.

**16. Costuma envolver os encarregados de educação na leitura das histórias em contexto de sala?**

Sim, sim, costume.

De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

Sim, um dia ao contar a história da gatinha Mimi, da coleção biblioteca dos valores, desenvolveu nas crianças o gosto por partilhar mais e melhor, isto para mim é fundamental a partilha.

- Obrigada pela sua disponibilidade

Eu é que agradeço a sua partilha e interesse e bom gosto que tem e procura desenvolver nas crianças o amor e paixão pelos livros e estimulando o gosto por folhear os livros e beber nas páginas as maravilhosas histórias que temos no nosso país.

## Apêndice J - Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação

Caríssimos Pais

Estamos a realizar um estudo que tem por objetivo investigar o contributo das histórias infantis no desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar. Para a realização deste estudo necessitamos que pais e o seu/a filho/a, respondam a um questionário. Necessito da vossa autorização para que o seu/a filho(a) seja entrevistado(a). Gostaríamos também, que colaborasse neste estudo, respondendo às perguntas dos questionários que apresentamos em seguida. Tanto as suas respostas como a do seu/a filho/a, são confidenciais. Muito obrigado pela sua colaboração.

Cordialmente

A estagiária:

Setúbal, \_\_\_/\_\_\_/2022

A estagiária

✂-----

Atividade: Questões colocadas às crianças

Eu,

\_\_\_\_\_encarregado

de educação do(a) aluno(a)\_\_\_\_\_

Autorizo

não autorizo

O Encarregado de Educação

\_\_\_\_\_

## Apêndice K – Avaliação Geral das Crianças

Ano letivo 2022/2023																
Educação Pré-Escolar																
Avaliação global dos alunos nas atividades																
Nº Alunos	Participação		Interesse/nível de atenção					Interagiu com o grupo		Conhecimentos adquiridos					NSE	
	Sim	Não	1	2	3	4	5	Sim	Não	1	2	3	4	5	Sim	Não
1	X					X		X			X				X	
2	X					X		X					X			
3	X				X			X					X			
4	X					X		X				X				
5	X				X			X				X				
6	X					X			X				X			
7	X				X			X					X			
8	X						X	X				X				
9	X					X		X					X			
10	X						X	X					X			
11	X				X			X					X			
12	X						X		X				X			
13	X				X				X				X			
14	X					X		X					X			
15	X					X		X					X			
16	X						X	X							X	
17	X						X	X							X	
18	X						X	X							X	
19	X					X			X		X					
20	X						X	X							X	
21	X						X	X							X	
22	X						X	X							X	
23	X						X	X							X	
24	X						X	X							X	

## Apêndice L – Respostas (IQ) Inquérito por Questionário à (E2)

### **1. O que a motivou a seguir a área como educadora de infância?**

Sempre gostei de crianças e acho que sempre tive uma boa conexão com elas. Além disso, encanta-me a ideia de poder formar pequenos seres humanos em todas as suas vertentes, que é isso que uma educadora faz. O seu trabalho é muito vasto e abrangente, e afinal de contas, as crianças são o futuro. Parece cliché, mas é pura verdade.

### **2. Tem sido gratificante exercer o papel de educadora?**

Sem dúvida que é um trabalho muito gratificante, cansativo e com muita coisa para preparar e lidar, um trabalho que se estende à fora do âmbito escolar, mas, quando se observa aqueles pequenos seres, quando começaram o ano letivo e depois se vê a sua evolução, é maravilhoso observar todo esse processo, e sentir que fizemos a nossa parte.

### **3. Como educadora, sente-se realizada?**

Sim, sem dúvida.

### **4. Alguma vez sentiu desejo de investir noutra área sem ser a educação?**

Sim, não por gostar menos das crianças ou do tipo de trabalho, mas por gostar de experimentar outras áreas, mais por enriquecimento pessoal que por outro motivo.

### **5. Há quantos anos exerce esta profissão?**

Exerci durante cinco anos, no momento estou afastada da profissão para me dedicar à família.

### **6. Na Instituição atual, há quanto tempo está a trabalhar?**

Como referi, não estou a exercer no momento, mas a última Instituição onde trabalhei como educadora, foi na Creche da Santa Casa da Misericórdia, em Macau.

### **7. A leitura faz parte das suas planificações?**

A leitura e a literária, ou seja, o significado extraído dos vários tipos de texto que lemos, fez com certeza parte da minha planificação, assim como considero que deve ser algo fundamental e imprescindível em qualquer planificação do docente, pois é uma ferramenta fundamental para a aquisição de conhecimento.

### **8. Que tipo de histórias lê, na sala, ao grupo de crianças de pré-escolar?**

Todos os tipos, menos o de terror. Acho que é um estilo que não é recomendável para crianças, pois, mesmo para os adultos, acho que essa abordagem não aporta nada de bom e muito menos de útil, por isso, é dispensável, a meu ver.

**9. O que a leva a ler histórias infantis na sala de pré-escolar?**

Os livros são uma companhia serena, como também pode ser divertida, é a oratória de um sábio professor, a emanção de versos de um poeta ou de um aspirante a um jorro mágico das mais diversas histórias de criativos autores, uma ponte para o conhecimento por excelência, é viajar sem sair do lugar.

**10. Com que frequência costuma fazer leitura histórias infantis na sala?**

Tentava fazer várias vezes por semana ou sempre que me apetecesse ou os alunos pediam.

**11. Na sua opinião, qual a importância da leitura de histórias e dos livros para as crianças?**

As histórias são fundamentais para as crianças e devem fazer parte da planificação de qualquer educador. Os livros são um poderoso instrumento para a transmissão de conhecimento, além de ser um passatempo divertido e agradável.

**12. No seu parecer, acha que leitura das histórias infantis têm influência para hábitos de leitura nas crianças?**

Sem dúvida. A escola influencia muito os hábitos das crianças fora desta, por isso, se a criança se habituar e ganhar o gosto por ler e ouvir histórias, com certeza quererá fazer o mesmo em casa e essa extensão é fundamental para a sua vida posteriormente.

**13. Privilegia algum género literário em particular? Qual? Porquê?**

Na minha opinião, as crianças devem ter acesso a vários estilos literários, pois, desta forma, para além de ganharem uma visão mais ampla da influência da leitura, abre mais os seus horizontes pessoais e a sua capacidade de pensar de forma mais completa.

**14. Na sua opinião, através das histórias, as crianças adquirem conhecimentos?**

Mas sem qualquer tipo de dúvida! O livro é um trampolim para a abundância de conhecimento que existe e é um ótimo recurso para trabalhar as emoções também, ou seja, o conhecimento, que também é fulcral na formação académica e que as instituições escolares não dão a importância devida.

**15. Como pode a exploração de livros proporcionar um bom tempo entre pais e filhos, profissionais e crianças?**

Ler um livro e escutar uma história é um momento de interação direta e união entre os seus; interação direta e união entre os seus intervenientes, de partilha de conhecimento. É uma oportunidade para os adultos partilharem as suas próprias histórias, já para não falar na potencialidade criativa do livro em si e das diversas atividades que podem partir através do mesmo.

**16. Costuma envolver os encarregados de educação na leitura das histórias em contexto de sala?**

Na instituição escolar onde trabalhava não se fazia isso, mas acho uma ótima ideia envolver os pais na dinâmica da sala de aula e da escola. Eu, por exemplo, já o fiz, como encarregada de educação, nas salas de aulas dos meus filhos e adorei!

## Apêndice M – Respostas (IQ) Inquérito por Questionário à (E3)

### 1. O que a motivou a seguir a área como educadora de infância?

Boa tarde, sempre quis ser educadora de infância, adoro criança, a sua espontaneidade, sinceridade.

### 2. Tem sido gratificante exercer o papel de educadora?

É um trabalho muito gratificante e motivador.

### 3. Como educadora, sente-se realizada?

Sinto-me realizada e feliz, não há nenhuma profissão como a nossa. Ouvir “gosto muito da Andreína” ou “vou ter saudades tuas” à despedida na sexta-feira. Todo o carinho e reforço positivo que vamos dando às crianças ao longo do dia, recebemo-lo todo!! Desde os abraços às cartas que entregam à segunda-feira com os seus desenhos para me oferecer.

### 4. Alguma vez sentiu desejo de investir noutra área sem ser a educação?

Não. É uma alegria ver cada obstáculo ultrapassado, cada dificuldade melhorada nas suas pequenas conquistas.

### 5. Há quantos anos exerce esta profissão?

Sou educadora há treze anos.

### 6. Na instituição atual, há quanto tempo está a trabalhar?

Nesta instituição estou há doze anos e este ano letivo estou na pré-escolar dos cinco aos seis anos.

### 7. A leitura faz parte das suas planificações?

A leitura faz parte do meu dia-a-dia.

### 8. Que tipo de histórias lê, na sala, ao grupo de crianças Educação Pré-Escolar?

Como a leitura faz parte do meu dia-a-dia, quer leitura de histórias, trava-línguas, rimas, lengalengas ou poesia. Portanto, a leitura e exploração está sempre presente na sala dos exploradores, de forma também a promover hábitos de leitura nas crianças.

### 9. O que a leva a ler histórias infantis na sala Educação Pré-Escolar?

Ler histórias, interpretá-las, dramatizá-las, simular vozes dos personagens, perguntar o que foi compreendido, questionar o que mais gostou, dar espaço para a criança fazer

perguntas, opinar e argumentar auxiliam-na a associar essa tarefa com afetividade e diversão.

**10. Com que frequência costuma fazer leitura de histórias infantis na sala?**

Posso dizer que as histórias fazem parte do dia-dia-das da sala dos exploradores, e faço-o através da leitura das histórias e canções.

**11. Na sua opinião, qual a importância da leitura de histórias e dos livros para as crianças?**

Acho muito importante que se promova o contacto com os livros desde cedo, e o papel do educador é também estimular que a criança desenvolva competências linguísticas e comunicativas através de diversos meios, e a leitura é o principal deles.

**12. No seu parecer, acha que as leituras das histórias infantis têm influência para hábitos de leitura nas crianças?**

Sim, porque estas influenciam a criança, tanto na criatividade como na imaginação.

**13. Privilegia algum género literário em particular? Qual? Porquê?**

A leitura e exploração de rimas infantis, os trava-línguas e as lengalengas, têm um espaço privilegiado, uma vez que a criança nesta faixa etária está ligada aos ritmos e é muito sensível à sonoridade, contribuí para o seu desenvolvimento fonológico, provocam na criança, um enorme prazer devido à dificuldade em contrariar, a nível da sua produção, diverte-se e leva também ao desenvolvimento da memória, possibilitando em alguns casos a aprendizagem de conceitos.

**14. Na sua opinião, através das histórias, as crianças adquirem conhecimentos?**

A leitura das histórias promove um aumento de vocabulário, estimula a memorização e articulação da fala, aquisição de valores, que por sua vez, a criança adquire a capacidade de produzir um discurso organizado.

**15. Como pode a exploração de livros proporcionar um bom tempo entre pais e filhos, profissionais e crianças?**

Além de proporcionar um tempo de lazer, acho que é crucial na medida em que desenvolve a socialização, a escuta, a cooperação a capacidade de operacionalizar conhecimentos, atitudes, e habilidades, tornando-se um processo colaborativo de

intercâmbio cultural e inter-geracional promovendo as relações interpessoais que visem o desenvolvimento integral da pessoa.

**16. Costuma envolver os encarregados de educação na leitura das histórias em contexto de sala?**

Não propriamente dentro da sala, mas informo os pais sobre as histórias que são lidas em contextos de sala, que estes possam, dentro do possível, reforçar o que as crianças ouviram anteriormente.

## Apêndice N - Resultados das Questões colocadas às Crianças

Nº	Gostas de ouvir histórias?		Qual a história que gostas mais?	Quem te costuma contar as histórias?	Quando estás sozinho/a lêes histórias?		Quais as histórias que lêes, quando estás sozinho/a?
	Sim	não			Sim	Não	
1	X		animais	Mãe	sim		Animais
2	X		animais	Mãe	sim		Animais
3	X		animais	Mãe	sim		Animais
4	X		animais	Mãe	sim		Animais
5	X		animais	Mãe	sim		Animais
6	X		animais	Mãe	sim		Rapunzel
7	X		animais	Mãe	sim		Rapunzel
8	X		animais	Mãe	sim		Dinossauros
9	X		animais	Mãe	sim		Dinossauros
10	X		Dinossauro	Mãe	sim		Dinossauros
11	X		Dinossauro	Mãe	sim		super-herói
12	X		Dinossauro	Pai	sim		super-herói
13	X		Bruxas	Pai	sim		super-herói
14	X		Bruxas	A Lena	sim		três porquinhos
15	X		Bruxas	A Lena	sim		três porquinhos
16	X		Piratas	A mana	sim		não leio
17	X		Piratas	ninguém	sim		não leio
18	X		Piratas	ninguém	sim		não leio
19	X		Piratas	Pai/ Mãe	sim		não leio
20	X		Piratas	Pai/ Mãe		não sei ler	outras histórias
21	X		Príncipes/princesas	Pai/ Mãe		não sei ler	outras histórias
22	X		Príncipes/princesas	Pai/ Mãe		não sei ler	outras histórias
23	X		Príncipes/princesas	Pai/ Mãe		não sei ler	outras histórias
24	X		Príncipes/princesas	Pai/ Mãe		Às vezes	outras histórias

## Apêndice O – Análise de Conteúdo Inquérito por Entrevista – Educadora

<p><b>Categoria:</b> Caracterização pessoal e profissional do/a.  <b>Perguntas:</b> O que a motivou a seguir a área como educadora de infância? Tem sido gratificante exercer o papel de educadora? Como educadora, sente-se realizada? Alguma vez sentiu desejo de investir noutra área sem ser a educação? Há quantos anos exerce esta profissão? Na instituição atual, há quanto tempo está a trabalhar?</p>	
Objetivos	Respostas
Identificar as características pessoais e profissionais	O que me motivou foi o amor pelas crianças e ver como cada criança se desenvolve. É como um livro, só sabemos o valor do seu conteúdo quando o abrimos e lemos. Assim as crianças, são a verdadeira história de cada país, de cada nação. Porque só teremos futuro se tivermos crianças e futuro com humanidade, bondade, com cidadãos credíveis se dermos prioridade à educação desde a mais tenra idade, esta é a minha perspetiva.
	Sim, tenho aprendido muito. O 1º ano foi mais intensivo, em que tinha muitas coisas para ensinar. Depois no 2º ano verifiquei que aprendi muito mais do que ensinei. No 3º ano verifiquei e descobri que, em conjunto, os projetos e a realização dos mesmos foram aventuras e momentos que cultivávamos o gosto por aprender e descobrir coisas novas. Aprendi também e aprendemos em conjunto a valorizar cada vez mais o valor das pequenas coisas. Que todos éramos importantes no processo de ensino aprendizagem. Que toda a equipa e comunidade envolvente formavam os andaimes na arte de educar. Foi isto que aprendi nestes anos.
	Sim, escritora ou dedicar-me ao teatro, gosto muito de teatro. Na minha adolescência fazia muito teatro.
	Há oito anos e meio.
	Há três.
<p><b>Categoria:</b> Organização das aulas, metodologia, ambiente de aprendizagem.  <b>Pergunta:</b> A leitura faz parte das suas planificações? Que tipo de histórias lê, na sala, ao grupo de crianças de Educação Pré-Escolar? O que a leva a ler histórias infantis na sala de Educação Pré-Escolar? Com que frequência costuma fazer leitura de histórias infantis na sala? Na sua opinião, qual a importância da leitura de histórias e dos livros para as crianças?</p>	
Objetivos	Respostas
Identificar estratégias usadas pela Educadora Cooperante para a promoção de conhecimentos através das histórias infantis.	Sim, todos os dias lia uma história de manhã, não sendo possível de manhã lia à tarde, tinha sempre esse cuidado, fim porque, através das histórias, as crianças vão desenvolver muito o vocabulário e o gosto pelas mesmas.
	Lia os contos tradicionais, que esses são fundamentais, a coleção biblioteca dos valores, e lengalengas, rimas, os contos tradicionais como já referi. Portanto, todo este leque e outros que as crianças por vezes traziam.
	Sim, há vários motivos, 1º desenvolve a linguagem, a criatividade, a imaginação, educa a sensibilidade, melhora a capacidade de expressão oral e cria o gosto pelo livro, o tocar nas páginas, ajuda a criança desde cedo a contactar com a escrita e a saber fazer a leitura de imagem. Desenvolver a observação e a curiosidade. Porque a leitura de histórias infantis transmite a magia e o encanto na sala de aula e no imaginário infantil. Uma vez que nem todas as crianças têm um ambiente familiar propício a uma harmonia e bem-estar, estas histórias ajudam a transpor para uma realidade nova cheia de magia e

	<p>encanto. Por isso as histórias onde tudo acaba bem mesmo que tenha mau começo, mesmo que haja desencantos e medos dificuldades, tudo isso é ultrapassado e pintado com a paleta do educador que de olhar atento, também pode modificar tudo. Pode sempre modificar a história quando a dificuldade é maior, através dela, também pode ajudar o ouvinte a progredir ou a fazer uma narração, ou narrar as suas próprias emoções de modo a libertar os seus medos ou angústias e ajudando a superar e criando até um final feliz através de uma nova narrativa, que até as crianças gostam de narrar e explorar.</p>
	<p>Como já referi na pergunta anterior, faço todos os dias. Exceto quando dramatizo com fantoches. Sim, nessa altura então já tem a história ali subentendida.</p>
	<p>É uma ferramenta pedagógica, é uma ferramenta, é mesmo quase que um motor que enriquece profundamente a criança e o educador, tornando as áreas de conteúdo mais apelativas e ao mesmo tempo desenvolve a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade de uma forma tão natural. Como por exemplo: TODOS NO SOFÁ, é uma história infantil de Luísa Ducla Soares e que tem um sumo e exploramos a matemática, exploramos o conhecimento do mundo, é vasto o leque. A branca de neve e os sete anões, entre outras. Liberta a alegria e o encanto e a magia das coisas e do sentir e viver que muitas vezes está aprisionado. Por algum momento ou palavra menos apelativa que foi dirigida por um colega ou amiguinho da sala e assim estas histórias vão ajudar esta criança a sair do seu mundo e a interagir com os outros ou até mesmo o educador e a criança nesse momento da leitura entram no mundo imaginário e o seu semblante torna-se mais feliz e comunicativo.</p>
<p><b>Categoria:</b> Aquisição de conhecimentos a partir das histórias infantis. <b>Perguntas:</b> No seu parecer, acha que leitura das histórias infantis têm influência para hábitos de leitura nas crianças?</p>	
<b>Objetivos</b>	<b>Respostas</b>
<p>Identificar o papel das histórias infantis na aquisição de conhecimentos.</p>	<p>Sim, sim sem dúvida. Uma vez que as crianças passam mais horas no jardim de infância do que com os pais e isso ajuda muito as crianças a interagir.</p>
<p><b>Categoria:</b> Articulação com os encarregados de educação recorrendo a histórias infantis. <b>Perguntas:</b> Privilegia algum género literário em particular? Qual? Porquê? Na sua opinião, através das histórias, as crianças adquirem conhecimentos? Como pode a exploração de livros proporcionar um bom tempo entre pais e filhos, profissionais e crianças? Costuma envolver os encarregados de educação na leitura das histórias em contexto de sala?</p>	
<b>Objetivos</b>	<b>Respostas</b>
<p>Identificar estratégias de trabalho pedagógico em articulação com os encarregados de educação recorrendo a histórias infantis</p>	<p>Sim. Os contos tradicionais. Os três porquinhos, O capuchinho vermelho são das histórias que, ao longo do ano e do tempo, são mais pedidas pelas crianças e que tem sempre uma vibração intrínseca. Porque elas são movimento e surpresa de princípio ao fim. E todo o enredo é fácil de visualizar no imaginário das crianças. E todas as crianças salvo alguma exceção, claro, são capazes de recorrer, recontar e acrescentar facilmente e visualizar no seu imaginário, particularmente à história e desenvolver sempre o interesse por dramatizar sempre cada história. Desenvolvendo a linguagem e a expressão oral em que as crianças comunicam com maior fluidez.</p> <p>Sim, em todas as áreas. Hoje, em pleno século vinte e um, temos uma abundante literatura para a infância de variadíssimos autores que dá para trabalhar numerosos conteúdos em todas as áreas. E com as novas tecnologias ainda mais. Mas para mim, o</p>

	<p>livro será sempre o ponto fundamental e primordial na vida da criança e para o bom desenvolvimento cognitivo e sem contraindicações.</p>
	<p>Portanto a meu ver, através da partilha de saber e de saberes da leitura partilhada e dramatizada, quer na vinda dos pais à sala de aula, ou avós, quer na criação de bibliotecas, bibliotecas ambulantes, em que os livros poderão “passear” visitar os pais sendo levados da sala de aulas pelos filhos a casa. Ou, trazidos de casa e levados para a sala de aula para serem explorados pelos educadores e também em contacto com os amigos e os colegas.</p>
	<p>Sim, sim, costume. De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? Sim, um dia ao contar a história da gatinha Mimi, da coleção biblioteca dos valores, desenvolveu nas crianças o gosto por partilhar mais e melhor, isto para mim é fundamental a partilha.</p>

## Apêndice P – (IQ) Inquérito por Questionário às (E2) e (E3) Inqueridas (2 e 3)

O presente inquérito por questionário surge no âmbito de uma investigação sobre “As histórias infantis no desenvolvimento da criança em idade de Educação Pré-Escolar”. A sua opinião como educadora cooperante sobre este assunto é muito importante para o desenvolvimento do tema.

- 1- O que a motivou a seguir a área como educadora de infância?
- 2- Tem sido gratificante exercer o papel de educadora?
- 3- Como educadora, sente-se realizada?
- 4- Alguma vez sentiu desejo de investir noutra área sem ser a educação?
- 5- Há quantos anos exerce esta profissão?
- 6- Na instituição atual, há quanto tempo está a trabalhar?
- 7- A leitura faz parte das suas planificações?
- 8- Que tipo de histórias lê, na sala, ao grupo de crianças Educação Pré-Escolar?
- 9- O que a leva a ler histórias infantis na sala Educação Pré-Escolar?
- 10- Com que frequência costuma fazer leitura de histórias infantis na sala?
- 11- Na sua opinião, qual a importância da leitura de histórias e dos livros para as crianças?
12. No seu parecer, acha que leitura das histórias infantis têm influência para hábitos de leitura nas crianças?
13. Privilegia algum género literário em particular? Qual? Porquê?
14. Na sua opinião, através das histórias, as crianças adquirem conhecimentos?
15. Como pode a exploração de livros proporcionar um bom tempo entre pais e filhos, profissionais e crianças?
16. Costuma envolver os encarregados de educação na leitura das histórias em contexto de sala?

## Apêndice Q – Respostas ao Inquérito por Questionário da (E2)

Inquérito por questionário à (E2)	
Perguntas	Respostas
O que a motivou a seguir a área como educadora de infância?	Sempre gostei de crianças e acho que sempre tive uma boa conexão com elas. Além disso, encanta-me a ideia de poder formar pequenos seres humanos em todas as suas vertentes, que é isso que uma educadora faz. O seu trabalho é muito vasto e abrangente, e afinal de contas, as crianças são o futuro. Parece cliché, mas é pura verdade.
Tem sido gratificante exercer o papel de educadora?	Sem dúvida que é um trabalho muito gratificante, cansativo e com muita coisa para preparar e lidar, um trabalho que se estende fora do âmbito escolar, mas, quando se observa aqueles pequenos seres, quando começaram o ano letivo e depois se vê a sua evolução, é maravilhoso observar todo esse processo, e sentir que fizemos a nossa parte.
Como educadora, sente-se realizada?	Sim, sem dúvida.
Alguma vez sentiu desejo de investir noutra área sem ser a educação?	Sim, não por gostar menos das crianças ou do tipo de trabalho, mas por gostar de experimentar outras áreas, mais por enriquecimento pessoal que por outro motivo.
Há quantos anos exerce esta profissão?	Exerci durante cinco anos, no momento estou afastada da profissão para me dedicar à família.
Na Instituição atual, há quanto tempo está a trabalhar?	Como referi, não estou a exercer no momento, mas a última Instituição onde trabalhei como educadora, foi na Creche da Santa Casa da Misericórdia, em Macau.
A leitura faz parte das suas planificações?	A leitura e a literária, ou seja, o significado extraído dos vários tipos de texto que lemos, fez com certeza parte da minha planificação, assim como considero que deve ser algo fundamental e imprescindível em qualquer planificação do docente, pois é uma ferramenta fundamental para a aquisição de conhecimento.
Que tipo de histórias lê, na sala, ao grupo de crianças de Educação Pré-Escolar?	Todos os tipos, menos o de terror. Acho que é um estilo que não é recomendável para crianças, pois, mesmo para os adultos, acho que essa abordagem não aporta nada de bom e muito menos de útil, por isso, é dispensável, a meu ver.
O que a leva a ler histórias infantis na sala de Educação Pré-Escolar?	Os livros são uma companhia serena, como também pode ser divertida, é a oratória de um sábio professor, a emanação de versos de um poeta ou de um aspirante a um jorro mágico das mais diversas histórias de criativos autores, uma ponte para o conhecimento por excelência, é viajar sem sair do lugar.
Com que frequência costuma fazer	Tentava fazer várias vezes por semana ou sempre que me apetecesse ou os alunos pediam.

<b>leitura histórias infantis na sala?</b>	
<b>Na sua opinião, qual a importância da leitura de histórias e dos livros para as crianças?</b>	As histórias são fundamentais para as crianças e devem fazer parte da planificação de qualquer educador. Os livros são um poderoso instrumento para a transmissão de conhecimento, além de ser um passatempo divertido e agradável.
<b>No seu parecer, acha que leitura das histórias infantis têm influência para hábitos de leitura nas crianças?</b>	Sem dúvida. A escola influencia muito os hábitos das crianças fora desta, por isso, se a criança se habituar e ganhar o gosto por ler e ouvir histórias, com certeza quererá fazer o mesmo em casa e essa extensão é fundamental para a sua vida posteriormente.
<b>Privilegia algum género literário em particular? Qual? Porquê?</b>	Na minha opinião, as crianças devem ter acesso a vários estilos literários, pois, desta forma, para além de ganharem uma visão mais ampla da influência da leitura, abre mais os seus horizontes pessoais e a sua capacidade de pensar de forma mais completa.
<b>Na sua opinião, através das histórias, as crianças adquirem conhecimentos?</b>	Mas sem qualquer tipo de dúvida! O livro é um trampolim para a abundância de conhecimento que existe e é um ótimo recurso para trabalhar as emoções também, ou seja, o conhecimento, que também é fulcral na formação académica e que as instituições escolares não dão a importância devida.
<b>Como pode a exploração de livros proporcionar um bom tempo entre pais e filhos, profissionais e crianças?</b>	Ler um livro e escutar uma história é um momento de interação direta e união entre os seus; interação direta e união entre os seus intervenientes, de partilha de conhecimento. É uma oportunidade para os adultos partilharem as suas próprias histórias, já para não falar na potencialidade criativa do livro em si e das diversas atividades que podem partir através do mesmo.
<b>Costuma envolver os encarregados de educação na leitura das histórias em contexto de sala?</b>	Na instituição escolar onde trabalhava não se fazia isso, mas acho uma ótima ideia envolver os pais na dinâmica da sala de aula e da escola. Eu, por exemplo, já o fiz, como encarregada de educação, nas salas de aulas dos meus filhos e adorei!

## Apêndice R – Respostas ao Inquérito por Questionário da (E3)

Inquérito por questionário à (E3)	
Perguntas	Respostas
O que a motivou a seguir a área como educadora de infância?	Boa tarde, sempre quis ser educadora de infância, adoro crianças, a sua espontaneidade, sinceridade.
Tem sido gratificante exercer o papel de educadora?	É um trabalho muito gratificante e motivador.
Como educadora, sente-se realizada?	Sinto-me realizada e feliz, não há nenhuma profissão como a nossa. Ouvir “gosto muito da Andreína” ou “vou ter saudades tuas” à despedida na sexta-feira. Todo o carinho e reforço positivo que vamos dando às crianças ao longo do dia, recebemo-lo todo!! Desde os abraços às cartas que entregam à segunda-feira com os seus desenhos para me oferecer.
Alguma vez sentiu desejo de investir noutra área sem ser a educação?	Não. É uma alegria ver cada obstáculo ultrapassado, cada dificuldade melhorada nas suas pequenas conquistas.
Há quantos anos exerce esta profissão?	Sou educadora há treze anos.
Na Instituição atual, há quanto tempo está a trabalhar?	Nesta instituição estou há doze anos e este ano letivo estou na pré-escolar dos cinco aos seis anos.
A leitura faz parte das suas planificações?	A leitura faz parte do meu dia-a-dia.
Que tipo de histórias lê, na sala, ao grupo de crianças de Educação Pré-Escolar?	Como a leitura faz parte do meu dia-a-dia, quer leitura de histórias, trava-línguas, rimas, lengalengas ou poesia. Portanto, a leitura e exploração está sempre presente na sala dos exploradores, de forma também a promover hábitos de leitura nas crianças.
O que a leva a ler histórias infantis na sala de Educação Pré-Escolar?	Ler histórias, interpretá-las, dramatizá-las, simular vozes dos personagens, perguntar o que foi compreendido, questionar o que mais gostou, dar espaço para a criança fazer perguntas, opinar e argumentar auxiliá-la a associar essa tarefa com afetividade e diversão.
Com que frequência costuma fazer leitura histórias infantis na sala?	Posso dizer que as histórias fazem parte do dia-dia-das da sala dos exploradores, e faço-o através da leitura das histórias e canções.

<b>Na sua opinião, qual a importância da leitura de histórias e dos livros para as crianças?</b>	Acho muito importante que se promova o contacto com os livros desde cedo, e o papel do educador é também estimular que a criança desenvolva competências linguísticas e comunicativas através de diversos meios, e a leitura é o principal deles.
<b>No seu parecer, acha que leitura das histórias infantis têm influência para hábitos de leitura nas crianças?</b>	Sim, porque estas influenciam a criança, tanto na criatividade como na imaginação.
<b>Privilegia algum género literário em particular? Qual? Porquê?</b>	A leitura e exploração de rimas infantis, os trava-línguas e as lengalengas, têm um espaço privilegiado, uma vez que a criança nesta faixa etária está ligada aos ritmos e é muito sensível à sonoridade, contribuí para o seu desenvolvimento fonológico, provocam na criança, um enorme prazer devido à dificuldade em contrariar, a nível da sua produção, diverte-se e leva também ao desenvolvimento da memória, possibilitando em alguns casos a aprendizagem de conceitos.
<b>Na sua opinião, através das histórias, as crianças adquirem conhecimentos?</b>	A leitura das histórias promove um aumento de vocabulário, estimula a memorização e articulação da fala, aquisição de valores, que por sua vez, a criança adquire a capacidade de produzir um discurso organizado.
<b>Como pode a exploração de livros proporcionar um bom tempo entre pais e filhos, profissionais e crianças?</b>	Além de proporcionar um tempo de lazer, acho que é crucial na medida em que desenvolve a socialização, a escuta, a cooperação a capacidade de operacionalizar conhecimentos, atitudes, e habilidades, tornando-se um processo colaborativo de intercâmbio cultural e inter-geracional promovendo as relações interpessoais que visem o desenvolvimento integral da pessoa.
<b>Costuma envolver os encarregados de educação na leitura das histórias em contexto de sala?</b>	Não propriamente dentro da sala, mas informo os pais sobre as histórias que são lidas em contextos de sala, que estes possam, dentro do possível, reforçar o que as crianças ouviram anteriormente.